



Digitized by the Internet Archive
in 2024





OBRAS DE CHRISTÓVÃO FALCÃO

PQ
9231
F2
1893

OBRAS
DE
CHRISTÓVÃO FALCÃO

EDIÇÃO CRÍTICA

ANNOTADA

POR

AUGUSTO EPIPHANIO DA SILVA DIAS

PORTO

Magalhães & Moniz — Editores
12, Largo dos Loios, 12

1893

AO HUMANISTA E ROMANISTA CONSUMMADO,

ORNAMENTO DA UNIVERSIDADE DE NAPOLES.

AO SR. FRANCESCO D'OVIDIO

O. D. C.

EM TESTEMUNHO DE CONSIDERAÇÃO, AMIZADE E RECONHECIMENTO

Augusto Epiphanius da Silva Dius.

«Christovam Falcão... é o ultimo echo do alaúde provençal,
modificado pelo gôsto hespanhol de Padron e de Stuniga.»

Dr. Theophilo Braga, *Obras de Christovam Falcão*, pag. 4.

INTRODUÇÃO

I

Christóvão de Sousa Falcão pertencia a uma família nobre do Alemtejo, de que fôra tronco João Falcão, uma das pessoas gradas que em 1386 vierão de Inglaterra para Portugal na comitiva da filha do duque de Lencastre, D. Filippa⁽¹⁾, e que neste país desposou uma filha de Gonçalo Eannes de Abreu, senhor de Castello de Vide e Monforte. Foi filho primogenito de João Vaz de Almada Falcão, funcionário integral, que tendo servido o cargo de capitão da Mina morreu pobre como viúva⁽²⁾, e de D. Brites (ou Beatriz) Pereira, filha de Ruy Fernandes Pereira⁽³⁾. Segundo o autor da *Biblioteca Lusitana*, viu a luz em Portalegre. Se houvermos de dar crédito a Christóvão Alão de Moraes, acabou os seus

(1) Co duque muy afamado,
d'Aalemcrasto nomeado,
rreyndo el-rey dom Joāo,
veyo Mosem João Falcão,
hum cavaleiro estremado.

João Rodriguez de Sá no *Cancioneiro de Rèsende*, II 370, 4-9.

(2) «...foi capitam da mina he por bem seruir não troxe dinheiro he por isso viueo he morreu pobre». Ms. C. 1. 8 da Biblioteca Nacional de Lisboa.

(3) Veja-se no fim do volume o quadro genealogico.

dias na Índia (¹). Ignora-se-lhe a data do nascimento e do falecimento, mas a sua vida coincidiu, com pouca diferença, com o reinado de D. João III (1521—1557) (²).

De tenros annos ainda, Christóvão Falcão enamorou-se de uma menina formosíssima (³), D. Maria Brandão, filha mais nova do opulento João Brandão, contador do Porto, e de D. Brites Pereira (⁴). No ardor da

(¹) «não casou porque não foi com sua dama que segundo dizem foi D. Maria Brandão, filha de João Brandão de Coimbra e foi-se para a Índia onde morreu.» *Pedatura Lusitana Hispanica*, Ms. da Biblioteca Municipal do Porto, tomo I.

(²) Se tres poesias que no *Cancioneiro de Rêsende* (acabado de imprimir em 1516) são atribuídas a Bernardim Ribeiro, pertencessem a Christóvão Falcão, segundo affirma o Dr. Theophilo Braga (*Curso de Literatura portuguesa*, pag. 212), havia Christóvão Falcão de ter nascido ainda no seculo xv; mas tal suposição é, conforme veremos adiante, inteiramente illegitima. No *Dicionário Bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva lê-se que no Livro dos assentos da Casa da Misericordia de Evora, achou o Sr. Telles de Mattos a nota de que a 24 de Maio de 1550 falleceu Christóvão Falcão; mas pode muito bem ser que este Christóvão Falcão fosse o filho primogenito de um irmão mais velho (por nome Gonçalo Falcão) de João de Sousa Falcão, e primo carnal de João Vaz de Almada Falcão.

Dados positivos para se determinar o tempo em que viveu Christóvão de Sousa Falcão, são os seguintes:

a) Por patente de 20 de Abril de 1600 foi Christóvão Falcão de Sousa nomeado para o governo do Archipelago da Madeira, cargo que exercitou até 1603 (Ms. F. 2. 21 da Biblioteca Nacional de Lisboa). Este Christóvão Falcão de Sousa era filho natural de Christóvão de Sousa Falcão (Ms. C. 1. 8 da mesma Biblioteca). Foi posteriormente general de uma armada. (Por confundir o pae com o filho foi que Diogo Barbosa Machado supõe o nosso poeta governador da Ilha da Madeira e general de uma armada).

b) Em 1571 era capitão de Salsete o segundo filho de João Vaz de Almada Falcão. No capítulo 34 da 8.ª década, fallando dos sucessos do anno de 1571 escreve Diogo de Couto «parte se recollerão a Salsete, onde estáua por Capitão Damião de Souza Falcão, irmão de Christouam Falcão, aquelle que fez aquellas antigas e nomeadas trouas de Crisfall».

c) A primeira edição, com data, de obras de Christóvão Falcão é a feita por Birckman em 1559.

(³) «Quando vos dei a vontade
inda vós ereis menina
e eu de pouca idade.» Ecloga, est. 84.

(⁴) A filiação de D. Maria Brandão é dada pelo genealogista Alão de Moraes a folhas 90 e seu verso da obra já citada. Barbosa Machado só diz que era D. Maria Brandão «tão illustre por nascimento como celebre pela fermosura».

paixão os dois namorados contrahirão um casamento clandestino, sem duvida alguma dos que se chamavão «casamentos por palavras de presente»⁽¹⁾. Christóvão Falcão estava longe de ser morgado rico. Os parentes, pois, de D. Maria, escutando antes a voz do interesse, não tiverão a bem taes relações e tratárão de impedir que viesse aquelle consorcio a tornar-se valioso. A este fim puserão D. Maria longe da vista de Christóvão Falcão encerrando-a em um convento da Beira maritima⁽²⁾, e, ahi, trabalháron por alhear de Christóvão Falcão o coração da criança calumniando de interesseiro o amor do

(1) Na edição de Birckman a carta de Christóvão Falcão traz a rubrica seguinte «Carta do mesmo estando preso que mandou a húa fenhora com que era casado a furto contra vontade de seus parentes della, os quaes a queriam casar com outrem, sobre que fez (segundo pareçe) a paflada Egloga». «Casar a furto» é expressão perfeitamente jurídica. Uma lei de D. Affonso III diz: «Os cassamentos todos se podem fazer per aquelas parauas que a santa eygreia manda atanto que seiam taaes que possan casar sen pecado. E todo casamento que possa seer prouado quer seja a furto quer conhoçudamente vallrá se os que assy cassarem forem didade compryda como he de de costume» (*Portugalliae Monumenta, Leges et cons.*, pag. 262). Sobre os casamentos clandestinos «por palavras de presente» e sobre a idade requerida para poderem contrahir-se dizem as Constituições do arcebispado de Lisboa promulgadas pelo cardeal infante D. Affonso, filho de el-rei D. Manoel: «Isto mesmo per esta presente constituiçam declaramoſ aquelles terem idade perfeita: pera poderem casar per palauras de presente que forem, f. ho homem de quatorze annos e ha molher de doze; e de menos idade nam. E palauras de presente se chamam assi como se dissem. Eu te recebo por marido: ou molher: assi como manda a sancta igreja de Roma: ou eu te hei por minha molher: ou outras femelhantes ou equipolentes. Porem se ho homem for de quatorze annos e ha molher menos de doze: ou ha molher de doze e ho homem menos de quatorze: aquelle que he em idade perfeita: nam se deue arrependar: e deue esperar ate que venha o outro a sua idade perfeita: e se ho contradisser podera cada huī fazer de si ho que lhe bem vier. E se ho nom contradisser e constar que perseuera na mesma vontade: entam fica ho matrimonio valioso de húa parte e da outra: saluo se ha malicia supre a idade» (tit. VIII, const. 1, fol. 16 v. da edição de 1537). Acerca d'este assumpto veja-se a luminosa exposição de A. Herculano nos *Estudos sobre o casamento civil*.

(2) «Enquerírão o que teria
e do amor não cuidarão.» Ecloga, est. 6.

«Então descontentes d'isto
levárn̄o-na a longes terras,
escondérn̄o-na antre ferras
onde o sol não era visto» Ecloga, est. 7.

poeta ⁽¹⁾ e promettendo buscar-lhe um grande casamento que haveria de contentá-la plenamente ⁽²⁾. O plano diabolico teve, como era natural, o exito desejado e D. Maria Brandão sahiu em fim do convento Laurbanense para dar em Elvas a mão de esposa a Luis da Silva, aquelle que foi capitão de Tanger ⁽³⁾. O que foi feito de Christóvão Falcão depois de ver assim cortadas de vez as suas esperanças, é incerto. Segundo Barbosa Machado foi viver para Évora, segundo Alão de Moraes embarcou para a India.

Conforme já dissemos, deixou um filho natural, de nome Christóvão Falcão de Sousa, que foi casado com sua prima D. Maria de Castro, filha de Damião de Sousa Falcão, da qual houve dois filhos varões e uma filha. D'este Christóvão Falcão de Sousa foi bisneto Antônio de Sousa Falcão, que era vivo em 1705 ⁽⁴⁾ e foi marido de uma filha de D. Antonio Carcomo.

II

De Christóvão Falcão existem duas composições impressas, ambas relativas á historia dolorosa dos seus amores, uma e outra anonymas: uma ecloga e uma carta. A ecloga, o monumento que lhe dá lugar prominentemente na nossa historia litteraria, foi-lhe constantemente at-

(1) «porque fazem conhecer-me,
o que eu ei por grão crueza,
o amor que mostras ter-me
fer fô por minha riqueza.» Ecloga, est. 80.

(2) «e que então me buscarão
hum mui grande casamento,
tão de meu contentamento
quanto meus olhos verão.» Ecloga, est. 90.

(3) «D. Maria Brandão..., a qual havendo estado recolhida no Convento Cisterciense de Lorvão se despozou na cidade de Elvas» (Barbosa Machado). «D. Maria Brandão, mulher de Luis da Silva, capitão que foi de Tanger,...» (Alão de Moraes, ms. já citado, f. 90 e seu verso).

(4) MSS. B. 6. 24 da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

tribuida; a paternidade da carta tambem não lhe foi ja-mais contestada⁽¹⁾.

Na sua edição das *Obras de Christovam Falcão* o dr. Theophilo Braga attribue a este poeta mais quarenta e nove composições miudas, a saber: as poesias (exce-pto duas) que no volume impresso por Birckman vem estampadas em seguida á carta de Christóvão Falcão (da folha 153 em diante), e mais duas (as duas ultimas da edição do dr. Th. Braga), que no mesmo volume es-tão depois da 5.^a ecloga de Bernardim Ribeiro. Mas o editor allemão, além de fechar o indice (que vem no verso do frontispicio) com estas palavras: «Húa carta do dito. Hos presos contam os dias. Mil annos por cada dia. E outras couças que entre lendo se poderam ver», no corpo do livro de modo nenhum nem directa nem indirectamente attribue a Christóvão Falcão ou a outro autor as poesias que vão da f. 153 (em que termina a carta de Christóvão Falcão) á f. 171, a ultima do volu-me; somente uma cantiga, a que principia por «Olhos que vam» (na edição do dr. Th. Braga, a pag. 26) tem no alto estas iniciaes «A. L»; a immediata tem por titulo «Outra do dito», e a seguinte a esta «Outra do mesmo». D'aqui se vê que o editor allemão estava longe de haver

(1) 1) No indice do volume português impresso por Birckman em 1559 lê-se «... Húa muy nomeada e agradavel Egloga chamada Crisfal, que diz. Entre sintra a mui prezada. Que dizem fer de Christovam falcam, ho que parece alludir ho nome da mesma Egloga.

Húa carta do dito, Hos presos contam os dias. Mil annos por cada dia».

2) Diogo do Couto (1542–1576) na decade VIII fallando de Damião de Sousa Falcão escreve: «... irmão de Christouam Falcão, aquelle que fez aquellas antigas, e nomeadas trouas de Crisfal» (pag. 164 da edição de 1673).

3) Manoel de Faria e Sousa (1590–1649) no commentario á 4.^a ecloga de Camões (pag. 256, col. 2.^a) diz «assi como Christoval Falcam, Autor de las buenas coplas de Chrisfal, fabricò este nom-bre, de su nombre, y apellido; tomando deste el *fal*, y de aquel el *Chris...*».

4) Antonio dos Reis (1690–1738), memorando no *Enthusiasmus poeticus* o nosso poeta, põe em nota (ao numero 140): «*Christophorus Falco edidit: Chrisful, Ulyssipone apud Antonium Alvares anno 1639.*»

5) Diogo Barbosa Machado (1682–1772) dá a Christóvão Falcão por autor da Ecloga e de uma obra cynegetica manuscrita.

6) Demais varios mss. genealogicos, v. g. o C. 1. 18 da Bi-blioteca Nacional de Lisboa, dão a Christóvão Falcão por cognome «o Crisfal».

estas poesias por sahidas de uma mesma penna. Não é pois lícito invocar a autoridade de Birckman para attribuir a Christóvão Falcão aquellas composições. Mas d'estas poesias anonymas havera algumas que pertençaõ a Christóvão Falcão? E' meramente possível que sim; todavia nenhuma d'ellas presenta caracteres, quanto aos pensamentos ou quanto á fórmā, pelos quaes haja de attribuir-se ao nosso poeta. De cinco sabemos com certeza que não lhe pertencem, por isso que no *Cancioneiro de Rèsende*, onde tambem se encóntrão, são attribuidas positivamente tres (a cantiga «Senhora nesse amarelo», a «Antre tamanhas mudanças», e a «Antre mi mesmo e mim») a Bernardim Ribeiro, duas (a cantiga «Coitado quem me daraa», e a «Comiguo me desfauim») ao dr. Francisco de Sá (¹).

(¹) A primeira das cantigas de Bernardim Ribeiro incluidas no *Cancioneiro de Rèsende* (III 539) e que traz a rubrica «De Bernardim Ribeiro a hūa senhora que se viftio d'amarello», é na lição da edição de Birckman, que differe da lição do *Cancioneiro de Rèsende*:

Senhora nesse amarelo
que trazeis me certefica
que he voffo-foo ho trazello
e meu ho que senefica:
Que a door do desesperar
he tanto mal de sofrer
que nam he para paffar
quanto mais para traßer

Mas ysto vai daquelle arte
quando se entre montes brada
ho toom he em hūa parte
e em outra he a pancada
aſi foy que a minha door
moſtrou em vos ho final
porque ao menos na cor
vos lembraſſeis do meu mal.

A paginas 11 da sua edição das *Obras de Christovam Falcão*, o dr. Th. Braga diz o seguinte a respeito d'esta composição: «Ora o amarello só podia ser cōr do pezar no caso de representar a cugula cisterciense; e em vista dos factos sabidos, só estava no caso de escrever esta cantiga Christovam Falcão, e não Bernardim Ribeiro pelo que se sabe da sua vida». Não chegamos a atinar como foi possível ao dr. Th. Braga escrever estas linhas. Ponhamos de parte a consideração de que de uma pessoa que tomou habitos monasticos amarellos, ninguem dirá em português que «se vestiu de amarello». O sentido da poesia é perfeitamente claro. No symbolismo das cores, assim como o verde é a cōr da esperança, é o amarello

E' facil de explicar o acharem-se as cantigas de que fallamos, incluidas no volume de Birckman. E' que o original era uma collecção de obras amatorias. A *Menina e Moça*, por que abre o volume, é unia novella de amores; amores são o assumpto das eclogas de Bernardim Ribeiro; a ecloga e a carta de Christóvão Falcão são paginas da historia dos seus amores; todas as demais cantigas pertencem ao genero amatorio.

A sextina «Hontem poi-se o sol» e a cantiga «Para mim naíceo cuidado», as duas ultimas das composições attribuidas a Christóvão Falcão pelo dr. Th. Braga, segundo o exemplar da edição de Birckman existente no Museo Britannico não pertencem a este poeta. A folhas 130 d'este exemplar, em seguida á quinta ecloga de Bernardim Ribeiro vem aquella sextina com o titulo de «Sextina de Bernaldim Ribeiro»; depois da sextina, separada pela palavra *Finis*, lê-se «Cantigas com suas voltas que dizem fer do mesmo Autor»; após esta rubrica vem em primeiro lugar a cantiga «Nam fam caído senhora», em segundo lugar, tendo por titulo «Outra», a cantiga «Para mim naíceo cuidado». (Em seguida, no verso da folha 132 começa a ecloga de Christóvão Falcão).

A chamada *Segunda parte de Crisfal* é uma producção de fr. Bernardo de Brito publicada pela primeira vez em 1597 na *Sylcia de Lysardo* com o titulo de «Sonho de Lysardo, que he quasi como a segunda parte de Crisfal».

a do desespero. Ora, servindo-se de um simile engenhoso diz o poeta que se dá entre elle e a dama o que acontece no echo: é o poeta quem tem na alma o desespero; é a dama quem traz no vestido o sinal do desespero.

Sobre as duas poesias pertencentes ao dr. Francisco de Sá veja-se o que diz a snr.^a D. Carolina Michaelis de Vasconcellos a pag. 742 da sua edição das obras poeticas de Sá de Miranda.

III

As impressões dos trabalhos poeticos de Christóvão Falcão, de que ha memoria, são:

a) uma edição, em folheto de 16 paginas, da ecloga com o titulo de «Troupas de Chrisfal». Não traz declarado o lugar nem a data da impressão, mas deve pertencer aos meados do seculo xvi. Existe um exemplar na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

b) a impressão da ecloga e da carta no volume publicado por Birckman em 1559, de que já temos falldado. Além do exemplar que pertenceu ao agora fallecido José Gomes Mouteiro, e que serviu ao dr. Th. Braga para fazer a sua edição das *Obras de Christovam Falcão*, ha um no Museo Britannico, do qual tirámos, (estando em Londres em 1890) uma copia da ecloga e da carta.

c) uma edição da ecloga, feita em Lisboa em 1571, de que temos conhecimento unicamente pela memoria que d'ella faz o Diccionario Bibliographico de Innocencio Francisco da Silva.

d) um folheto de 24 paginas impresso por Antonio Alvares em Lisboa em 1619 com o titulo de «Primeira e segunda parte de Crisfal». Contém primeiramente a ecloga, depois a «Segunda parte das trouas do sonho de Crisfal», em terceiro lugar a carta, e por ultimo, com o titulo de «Cantiga», os quatro primeiros versos da cantiga «Vi ho cabo no começo». (E' a primeira que vem no volume de Birckman depois da carta de Christóvão Falcão).

e) uma edição de 1639, feita em casa do mesmo Antonio Alvares. E' conhecida apenas pelo que diz Antonio dos Reis na nota do *Enthusiasmus Poeticus* por nós acima transcrita. E' porém muito possivel que se imprimisse erradamente 1639 por 1619.

f) uma edição feita em Lisboa em 1721 na officina de Bernardo da Costa Carvalho com o titulo de «Primeira e segunda parte de Crisfal». Contém justamente e pela mesma ordem o que se encerra na edição de 1619. Além do exemplar existente na Bibliotheca Munि-

cipal do Porto, de que se utilizou o dr. Th. Braga, ha outro no Archivo da Torre do Tombo, cujo conhecimento devemos á obsequiosa informação do snr. Pedro Augusto de São Bartholomeo Azevedo.

g) a edição do dr. Th. Braga publicada no Porto em 1871 «edição crítica, reproduzida da edição de Colonia de 1559, com a segunda parte apocrypha de 1721».

Vejamos o valor crítico das edições de que existem exemplares conhecidos.

As duas impressões mais antigas que se conhecem da ecloga, derivão ou directamente ou (por intermedio de edições desconhecidas) indirectamente de duas cópias manuscritas independentes uma da outra. Erão ambas estas cópias, bem que em grão diverso, muito incorrectas, sendo que não forão tiradas do archétypo, aquella em que assenta a edição sem data, fóra de toda a dúvida, e a que serviu de base á edição de Birckman, com grande probabilidade.

Tambem a cópia manuscrita de que a edição de 1619 deriva ou immediatamente, ou, o que será mais provavel, por intermedio de alguma edição anterior, é independente das duas cópias de que fallámos, e ainda mais imperfeita. A isto accresce que a revisão das provas typographicas foi certamente descuradíssima a julgarmos pelo texto que esta edição offerece da chamada segunda parte de Chrisfal, comparado com o da edição authentica de 1597.

A edição de 1721 não foi feita «sobre manuscripts antigos mas completamente deturpados» como diz o dr. Th. Braga (a pag. 22 do *Estudo* por que abre a sua edição das obras de Christóvão Falcão), mas é sim uma pouco esmerada reprodução, com leves modificações, da edição de 1619.

Da sua edição das obras de Christóvão Falcão diz o dr. Th. Braga ser reprodução da edição de Birckman. De feito, á primeira vista parece quasi uma edição diplomatica⁽¹⁾. Depois de mais demorado exame, porém, reconhece-se que a reprodução está mui longe de ser exacta, sendo que, além de nem sempre seguir, por ve-

(1) Assim conserva escrupulosamente graphias como *gegou*, *certo*, *yssso*, *ydude*, *daar*, *cô*, *Môdegô*, *años*, *honde*, *lançase* (carta, verso 49) etc.

zes desarrazoadamente, a lição da edição de Birckman sem todavia fazer a devida advertencia⁽¹⁾, por um lado não escasseião omissões de palavras ou de letras⁽²⁾, e até de um verso inteiro na estancia 60 da ecloga, trocas de letras ou de palavras⁽³⁾, e accrescentamento de palavras⁽⁴⁾, e por outro não foi bastas vezes respeitada a orthographia da edição de Birckman até em casos em que á diferença de graphia correspondia diferença de pronunciaçāo⁽⁵⁾. Demais em dois lugares o dr. Th. Braga errou estranhamente a leitura⁽⁶⁾.

A carta encontra-se, como já vae dito, na edição de Birckman e na de 1619, de que é reproduçāo a de 1721.

Se, conforme nos parece, não admitte duvida a existencia de uma lacuna no texto d'esta carta, assim na edição de 1559 como na de 1619, deve concluir-se que as cópias, ambas imperfeitas, em que directa ou indirectamente as taes edições assentão, provém, em todo o caso independentemente uma da outra, de uma mesma cópia em que já existia esta lacuna.

Com respeito ao valor crítico, em geral, das diversas cópias antigas de uma mesma composição ocorre ainda fazer um reparo. As estancias 51 e 52 da ecloga offerecem nas duas mais antigas edições não só meras variantes senão até versos inteiramente differentes. Tambem na esparça de Bernardim Ribeiro a uma senhora que se vestiu de amarello, a segunda metade da

⁽¹⁾ Veja-se o nosso commentario ás estancias 4/ verso 8, 6/6, 9, 7/8, 16/9, 10; 19/1, 2, 22/7, 23/2, 34/9, 42/3, 53/8, 55/9, 59/5, 62/3, 67/4, 5, 10, 69/4, 6, 8, 78/2, 98/5 da ecloga, e aos versos 14, 23, 27, 42, 71, 101 da carta.

⁽²⁾ Veja-se o nosso commentario ás estancias 12/10, 13/7, 14/10, 48/10, 49/10, 50/3, 60/2, 76/6, 93/9, 99/10, 103/3 da ecloga.

⁽³⁾ Veja-se o nosso commentario ás estancias 2/3, 3/5, 4/4, 6/3, 9/4, 15/8, 49/8, 50/1, 52/5, 54/10, 56 5, 61/3, 76/10, 79/8, 80/3, 81/4, 87/8, 96/1 da ecloga.

⁽⁴⁾ Veja-se o nosso commentario ás estancias 2/8, 9, 51/4, 64/2, 73/6, 82/3, 95/10, 98/9 da ecloga.

⁽⁵⁾ Veja-se o nosso commentario ás estancias 3/1, 7, 8, 7/8, 10, 20/2, 22/5, 25/5, 28/9, 30/10, 34/1, 6, 35/3, 38/8, 40 6, 47/4, 48/7, 49/3, 4, 51/2, 9, 54/4, 9, 56/6, 57/3, 59/2, 60/3, 73/2, 9, 76/9, 81/9, 84/6, 85/7, 97/9, 100/5, 9 da ecloga, e aos versos 27, 52, 62, 63, 66, 90, 96, 98, 112 da carta.

⁽⁶⁾ Veja-se o nosso commentario ás estancias 32/9, 101/8 da ecloga.

primeira estancia tem uma redacção no *Cancioneiro de Rèsende*, outra no volume de Birckman. Por outro lado a ecloga de Christóvão Falcão não tem, na edição de Birckman a estancia 102 nem a 91 a. (Também lhe falta a estancia 88; mas este facto deve indubitavelmente ser lançado á conta de descuido ou de quem tirou a cópia, ou, menos provavelmente, do compositor typographico.) Qual será a origem de semelhantes diversidades de texto (e ainda de outras variantes que não pertencem ás categorias resenhadas no terceiro dos excursos que vão no fim d'este volume) em obras que não forão dadas á estampa pelos proprios autores e que andárao por muitas mãos em numerosas cópias manuscritas? O que mais de pronto lembra é, que taes diferenças de texto provirão de emendas feitas pelos mesmos autores; mas tambem é possivel, pelo menos algumas vezes, que o possuidor de uma cópia, para, a seu juizo, melhorar o texto, substituisse um ou mais versos do original por outros seus ou até inserisse estancias da propria lavra, e que depois estas modificações, feitas á margem ou em entrelinhas, viessesem em novas cópias tomar o lugar do texto primitivo. A esta ultima origem é que nos parece dever attribuir-se a estancia 92 a da ecloga de Christóvão Falcão.

IV

Ordenando, pois, uma edição, verdadeiramente crítica, das obras de Christóvão Falcão, seguimos em regra a edição de 1559 como aquella que menos eivada está de erros; deixámo-la, porém, onde a edição sem data e a propria edição de 1619 (reproduzida, como dissemos, pela de 1721) nos parecem corresponder ao texto original, apresentando sempre em commentario especial as lições diversas, quando existem, de todas as quatro edições, e tambem as divergencias que ha entre o texto dado pelo dr. Th. Braga e o da edição de Birckman.

No que toca a orthographia seguimos, como era dever, a das duas edições do seculo xvi, notando no commentario as graphias—até aquellas que são meros erros typographicos—assim da edição de Birckman como da edição sem data, quando são diferentes das que vão no nosso texto. Só deixámos de notar taes diferenças quando consistem em terem aquellas edições til por *m* ou *n* (v. g. *cõ*=*com*) ou as conhecidas abreviaturas de *que*, *-pre*, *nenhum*, *nenhūa* (tanto mais que, em geral, as abreviaturas nas obras impressas tinhão por fim tornar possivel o caber o verso ou uma palavra inteira na mesma linha), em representarem por *am* o ditongo *ão*, por *y* o *i* final tonico (v. g. *ahy*) e o dos ditongos *ai*, *ei*, *oi*, *ui*, em cedilharem o *c* antes de *e* e *i*, e em representarem, como é uso constante nos tempos antigos, o som do *v* no interior das palavras por *u*. As diferenças orthographicas das edições de Antonio Alva-
res e de Costa Carvalho não as notámos.

As duas mais antigas edições põem na ecloga dois pontos no fim da primeira metade de cada estancia, e inicial maiuscula no principio das estancias e da segunda metade de cada estancia. Fóra d'ahi só casualmente empregão pontuação ou letras maiusculas. Na carta a edição de Birckman começa com letra maiuscula a primeira palavra somente, e, no que toca a pontuação emprega duas vezes a vírgula e uma vez os dois pontos. Nenhuma das duas edições fazem uso do apostropho nem dos accentos nem ligão as enclíticas por meio do hyphen. Nós, a exemplo do que fez Kausler na edição do *Cancioneiro* de Rèsende, empregámos com regularidade as letras maiusculas e fizemos uso do apostropho, da risca de união e dos accentos. Para facilitar as referencias numerámos as estancias da ecloga e os versos da carta.

V

Fecharemos esta introdução aventando uma conjectura acerca das datas relativas das duas composições que nos restão de Christóvão Falcão. A carta apresenta varios pensamentos que se encôñtrão na Ecloga e expressos de modo semelhante. Assim que parecemos lícito ver na carta um como que preludio da ecloga, tendo o poeta desenvolvido na ecloga as ideias que constituem o argumento da carta.

SIGLAS

A=edição de Antonio Alvares de 1619.

B= » » Birckman de 1559.

C= » » Costa Carvalho de 1721.

D=A e C

E=lição nossa.

F=B e S

S=edição sem declaração de lugar nem data.

T=lição do dr. Theophilo Braga, diferente da lição de B.

EGLOGA

AUTOR

1. Antre Sintra, a mui prezada,
e ferra de Riba-Tejo
que Arrábida he chamada,
perto d'onde o rio Tejo
fe mette nagoa salgada,
ouve hum pastor e pastora,
que com tanto amor se amárão,

A ecloga tem por titulo em *B* «Egloga de Cristouam Falcam chamada Crisfal»; em *S* «Trouwas de hum pastor per nome Chrisfal». *A* e *C* não trazem a rubrícula «Autor».

Estancia I verso 1 *D* Entre Sintra mui. 3 *BA* que Arrabeda. *S* Carrabida. 4 *S* ho. Assim é que *S* escreve quasi sempre o artigo e pronome demonstrativo masculino *o*. Por isso notaremos só os lugares onde *S* deixa de por *h*. 5 *B* maguoa (erro typ.) salgada. *T* n'agoa salgada. 6 *T* Houve. 6 *S* huñ. 7 *B* amaram. Em *B*

A rubrícula «Autor» e as de-
mais rubrícias da ecloga pare-
ce-nos pertencerem ao manus-
crito original. Rubricas semel-
lantes ocorrem v. g. nas eclo-
gas de Bernardim Ribeiro, no
Cancioneiro de Rèsende I 80 sgg.

I 1. *antre*, fórmula corrente na litteratura antiga, ouve-se ainda na boca do povo em algumas partes do país. Factos phonéticos analogos são, por exemplo, *Anrique, ansinho* ao lado de *Henrique, ensinho*. Esta modificação dá-se unicamente em syllabas iniciaes átonas ou em palavras proclíticas como é a preposição *entre*.

1-5. Revelar-nos-hão estes ver-

sos, segundo crê o dr. Th. Braga (obra citada, pag. 7), o sitio que viu os primeiros amores do poeta, ou, tendo na mente a lenda do pastor Endymião e de Diana, a deosa do promontorio da lua (lenda que era assumpto de um antigo soláo ao qual se refere Sá de Miranda na ecloga o *Encantamento*), descreverá Christóvão Falcão um theatro convencional de scenas amorosas?

6. *hum pastor e pastora*, com o artigo subentendido do primeiro substantivo para o segundo como neste lugar de Bernardim Ribeiro: Mas fe ha (=a) alma e entendimento | nam morrem com ho corpo (ecl. II).

como males lhe causárão
d'este bem, que nunca fôra,
pois foi o que não cuidárão.

2. A ella chamavão Maria,
e ao pastor Chrisfal,

o ditongo *ão* vem sempre escrito *am*, quer quando átono (v. g. *amaram*, preterito), quer quando tónico (v. g. nos futuros, *velaram*, est. 64), e isto tanto nos verbos como nos nomes (v. g. *cham*, est. 69) e nas partículas (v. g. *nam*). *ão* ocorre unicamente em *mão* na est. 41, v. 10. *S* emprega as duas graphias arbitrariamente; escreve, por exemplo, *amaram* no verso 7.^a d'esta estância, e *causarão* no 8.^a. *T* nas fórmulas verbais tónicas escreve *ão*. 8 *S* malles. 8 *B* causaram. 9 *F* este. *D* destê. 10 *S* cudaram.

II 1 *B* A ella. *S* Ella. 2 *F* e *ao*, *D* a elle. 2 *BD* Crisfal (sem-

8. *lhe* como plural, a não ser quando seguido do pronomé enclítico *o* (v. g. *lh' o*) deixou de todo de ser corrente na litteratura, mas só no seculo actual.

8-9. A lição de *F* não dá evidentemente sentido que quadre a este lugar.

9. *fôra* equivale a *existira*. E' tomado em sentido optativo, cf. «Tempo foy que nunca fora» (cantiga *anonyma* do volume de Birckman); «tempo que foi e que nunca fora» (*Menina e Moça*, f. 8 v. da edição de Evora); «gloria | Que me fora melhor que nunca ca fora» (Sá de Miranda pag. 597 da ed. de D. Carolina Michaelis, á qual sempre me refiro); «história d'este passado bem que nunca fora» (Camões, Son. 8).

10. *foi*=*sahiu*, veiu no fim a ser. E' mui frequente nos escritores antigos o trocadilho que consiste em entrar na mesma frase uma palavra em sentidos diferentes. Assim tem o verbo *ser* neste verso a accepção que notámos e no verso antecedente a de «existir». De igual modo está em accepções diferentes *mal* na est. 2 v. 4-5, *guardar* na 3 v. 8-10 e na 46 v. 7-8, *bem* na 4 v. 8-9, *chorar* na 8 v. 4-5, *dó* na 33 v. 4, *dar* na 58 v. 1-2, *de-*

fender na 78 v. 9-10, *vontade* na 80 v. 2 e 4, *comprar* na 91 v. 9-10, *passar* na 93 v. 6-7, *acordar* na 99 v. 9-10, *dobrar* na 100 v. 3 e 5. Também é analogo o trocadilho entre *grado* e *agradar* na 37 v. 9-10.

10. A fórmula *cudaram* que vem em *S* representa uma pronuncia popular em que o *ui* se condensou em *u* como em *cutello* de *cutello* (=lat. *cultellus*), e que não é rara de encontrar nos autores antigos v. g. no dr. João de Barros (*Espelho de casados* f. 1 v.) *cudo*, em Leitão de Andrade *cudo* (pag. 60 e 98 da 1.^a ed. da *Miscellanea*), *cudei* (pag. 75), *cudando* (pag. 84).

II 1. Ainda no seculo XVI os pronomes femininos *esta*, *essa*, *ella* erão pronunciados com o e fechado. Quando se lhes antepõnhia a preposição *a*, esta partícula contrahia-se frequentemente com o e inicial do pronomé dando um e aberto (v. g. *ésta=a* *esta*, *éste=a* *este*). Os passos do *Cancioneiro de Rêsende* em que se dá esta contracção forão colligidos por Cornu no tomo XII da *Romania*. E portanto possível que a lição de *S* (*ella* de *a ella*) seja a original.

ao qual de dia em dia
o bem se tornou em mal,
que elle tão mal merecia.
Sendo de pouca idade,
não se ver tanto sentião,
que o dia, que não se vião,
se via na saudade
o que ambos se querião.

3. Algumas horas falavão
andando o gado pacendo,
e então apacentavão
os olhos, que, em se vendo,
mais famintos lhe ficavão.
E com quanto era Maria
piquena, tinha cuidado
de guardar melhor, que o gado,

pre assim). *S* Christal (sempre assim). 3 *B* Dao, *S* ho. *T* e ó. 4 *D* se
lhe tornou mal. 5 *S* elle mal. *D* elle bem mal. 6 *F* ydade. 7 *B*
veer. 8 *SD* o dia que se nam viam. *T* o dia em que nam se viam.
9 *S* viam. 9 *T* na sua saudade. 10 *B* ambos se. *SD* se ambos.

III 1 *T* Algumas (*T* escreve sempre *huma, alguma, nenhuma*).
1 *S* oras. 2 *B* paçendo. 8 pallendo. 3 *B* se apaçentauam. 5 *FC* lhe.
A lhes. *T* se. 6 *F* com quanto. *D* em quanto. 7 *SAT* pequena. 8 *B*

3. A contracção de *ao* em *o*
que ainda actualmente não é ra-
ro ouvir-se na prática familiar,
não se estranhava, no português
archaico, nas proprias obras lit-
terarias. Occorre, por exemplo,
no *Cancioneiro de Résende* (na
fórmula *ho*) III 175, 11; 616, 19;
624, 2; (na fórmula *oo*) II 523, 2;
III 144, 25; 176, 19; 659, 24; (na
fórmula *o*) III 560, 16, etc.; em
Bernardim Ribeiro nas eclogas
(*dar ho mar*), em Sá de Miranda
(*ó longe e ó perto*, pag. 71). As-
sim que pode ser que Christóvão
Falcão tivesse escrito *ho qual*.

8. Em *o dia que* ha a mesma
construcção que em *aquelle dia*
que na est. 5 v. 2-3, e neste lu-
gar do *Cancioneiro de Résende*
“Os dias que nam vos vejo |
moyro triste desejando (II 138,
7-8).

10. No português antigo a intercalação de palavras entre as
fórmulas átonas dos pronomes (*me,*
te, nos, vos, se, lhe, lhes) e os ver-
bos tinha muito maior liberdade
do que actualmente. Não se po-
de, pois, determinar se é a lição
de *B* ou a de *S* a original.

III 1. Durante todo o seculo
XVI a pronuncia das fórmulas fe-
mininas de *um* e seus compostos
algum, nenhum, foi como até en-
tão, *ua, algua, nenhua*.

3-5. Parece haver aqui uma
reminiscencia do passo de Lu-
crecio (I 35-36): (*Mavors*) *suspi-*
cien tereti cervice reposta | Pascit
amore avidos inhians in te, dea,
visus, imitado tambem por Tasso:
E i famelici sguardi avidamente |
In lei pascendo (G. L. XVI 19,
1-2).

7. *piquena* é a graphia antiga

o que lhe Chrisfal dezia;
mas em fim foi mal guardado.

4. Que depois de assi viver
nesta vida e neste amor,
depois de alcançado ter
maior bem pera mor dor,
em fim se ouve de faber
por Joana, outra pastora,
que a Chrisfal queria bem.
—Mas o bem, que a tal vem,
não fer bem maior bem fóra,
por não fer mal a ninguem.—
5. A qual logo aquelle dia
que soube de feus amores,
aos parentes de Maria
fez certos e sabedores
de tudo quanto sabia.
Chrisfal não era então
dos bñes do mundo abastado
tanto como do cuidado,
que por curar da paixão
não curava do seu gado.

milhor que ho guado. *T* melhor que o gado. *SD* milhor (*D* melhor)
feu gado. 9 *A* do que. *C* de que.

IV 1 *B* Que depois. *S* Despois. *D*. Depois. 1 *CT* assim. 3 *S*
dalcançado. 3 *B* teer. *T* ter. 4 *DT* para (*C* sempre assim). 4 *FD*
mor. *T* maior. 5 *SD* se ouue em fim. 8 *B* que de tal. *S* que do tal.
D que a mal. *T* que de mal. 10 *F* fer. *D* vir.

V 1 *B* loguo. *T* logo. 1 *F* aquelle. *D* em o. 4-5. *S* traz inver-
tida a ordem d'estos versos. 7 *SDT* bens. 8 *SD* de. 9 *S* de. 9 *A*
que procuraua da paixão. *C* quem procura da Payxão. 10 *C* nunca
curava. 10 *DT* de. 10 *B* guado. *T* gado.

mais vulgar, correspondente á
pronuncia que é ainda corrente
não só no povo, senão ainda em
pessoas cultas. O mesmo acon-
tece com *milhor* (em que a pas-
sagem do e latino de *melior* para
i é devida á influencia da con-
soante palatal lh).

IV 1. *Que* é particula causal,
correspondente, no emprego, ao
latim *nam* ou *enim*. De igual
modo na est. 5 v. 9, na 11 v. 6,
12 v. 4, 13 v. 7, 15 v. 9. Ambas

as fórmulas, *depois* e *despois* se en-
contrão no português antigo.

8-9. *bem* nos dois primeiros lu-
gares é synonymo de «bem-querer»; no terceiro, de «felicidade».

8. *a tal vem*=vem a dar um
tal resultado.

V 1. *A qual*. Nos escritores
antigos é corrente o emprego do
pronome relativo em vez do de-
monstrativo á maneira do latim.

7. Este verso acha-se tambem
na ecloga segunda de Bernardim
Ribeiro.

6. E como em a baixeza
do sangue e pensamento
he certa esta certeza
cuidar que o merecimento
está só em ter riqueza,
enquerirão que teria
e do amor não curárão,
em que bem se descontaráo
riquezas que falecião
por males que sobejárão.

VI 2 SD de. 3 S era certo. D está certa. T ha certa. 4 B
mericimento. T merecimento. 5 B estaa sooo em teer. (B escreve sempre *fou*). T estaa só em teer. 6 B Emqueriram que. T Emqueriram o que. SD preguntaram ho que. 7 T o [ferro typ.] do amor
nam curaram. S que d amor nunca cuidaram. D que de amor [C d
amor] nunca cuidarão. 9-10 B riquezas le faleciam | por males que
sobejauam. S riquezas que falecia | por males que sobejaram. T ri-
queza se falecia | por males que sobejaram. D (se riqueza falecia)
| mil males que sobejárão.

VI 3. Cf. na est. 80 v. 6 «Que
me dão certa certeza (=certeza
absoluta). Tambem Chiado na
Pratica de oito seguras diz: «Se-
nhor, he certa certeza | viver ho-
mem descontente | na questa vida
presente».

6. No português antigo, em
orações interrogativas indirectas
tanto se diz *que* como *o que*.
Olhando a que em Christóvão
Falcão as synereses violentas são
pouco vulgares, temos por pre-
ferivel a lição de B.

8-10. Evidentemente nem B
nem S apresentão a lição origi-
nal d'estes tres versos. Em D ha
sem duvida uma tentativa de
correcção, a nosso juizo, pouco
feliz. A lição que damos no tex-
to é a que nos parece provavel,
sendo que só com ella conserva
a construcção da frase antithetica
("riquezas que falecião", "ma-
les que sobejárão") o parallelis-
mo que o poeta certamente que-
ria que houvesse. Não deve es-

candalizar muito a falsa rima de
teria, com *falecião*. Não só na
antiga litteratura e na poesia
popular, senão até em poetas
contemporaneos apparecem ri-
mas falsas analogas. Do autor
do *Ramo de flores* e das *Flores*
do campo cita o snr. Leite de
Vasconcellos (na *Poesia amorosa*
do povo português, pag. 41) as ri-
mas *foi*—*suppõe*, *justiça*—*pinça*,
confesso—*immenso*, *outro*—*encon-
tro*. Sá de Miranda rima *ña* com
sua (pag. 241) e *poo* (=pó) com
voo (pag. 159).

7-10. *em que* é conjuncção con-
cessiva; ocorre ainda na est. 9
v. 2, 44 v. 4, 101 v. 6. *descontá-
rão* é condicional (=descontarião).
No português antigo dizia-se *des-
contar uma cousa por outra* ou
em outra fallando-se de um bem
ou um mal que é contrabalan-
çado por outro mal ou outro
bem, v. g. «Com pouco trabalho
fizemos duas jangadas, mas bem
se descontou isto no muito que

7. Então descontentes d'isto
 levárão-na a longes terras,
 escondérão-na antre ferras
 onde o sol não era visto,
 e a Chrisfal deixárão guerras.
 Além da dor principal,
 pera mor pena lhe dar
 puferão-no em lugar
 mao pera dizer seu mal,
 mas bôo pera o chorar.

VII 1-2 *SD* tem invertida a ordem d'estes versos. 1 *D* descontente. 1 *SD* disfo. 2 *F* leuaramna. *A* Leuarão. *C* Levárão-no. 2 *SD* longuas. 3 *C* esconderão-no. 3 *B* entre hñas ferras. *S* antres ferras. *D* entre ferras. 4 *B* honde. 4 *S* ho sol nunca era visto. *D* fol nunca foy visto. 5 *BD* e a. *S* a. 7 *D* para. 7 *T* moor. 7 *B* daar. *T* dar. 8 *FA* puferamna. *CT* puzeram-no. 8 *B* luguar. *SDT* lugar. 9 *F* mao pera. *DT* máo (*T* mau) para. 10 *B* mas. *SD* e. 10 *B* boom. *SDT* bom. 10 *D* para.

depois tivemos» (*Historia Tragico-Maritima* I pag. 84) «e ffe por consentidor | pena algñua merecy, | desconte-sfle pola dor | que de ver-uous rreçeby» (*Cancioneiro de Rèsende* I 378, 13-16); «E [o tempo] desconta [impresso erradamente *descanta*] em mil annos de desgosto | Hñhora em que amoftrou alegre o rosto» (F. Alvares, *Lusitania transformada* f. 75 v.); outro exemplo ainda nessa ecloga na est. 44 v. 44-45.

VII 2. E' possível que *longas* seja a lição original. Orta no cap. 17 dos *Colloquios* diz: «de longas terras», e Manoel Machado de Azevedo: «Os santos de longas terras | Sempre forão mais buscados» (na edição de Sá de Miranda já citada, pag. 673). Também *longus* tem às vezes em latim a significação de «alongado, longinquó», v. g. *longas terras et ignotas regiones peragravi* (Pseudo-Quintiliano no *Diccionario latino* de Freund); *aquatione enim longa*

utebatur (o autor do *Bellum Africano* 51).

3-4. Do mosteiro de Lorvão escreve A. Herculano: «mosteiro melancolico e mal assombrado como as montanhas abruptas que o rodeiam por todos os lados» (*Opusculos* I 195). No 4.º verso e nos versos 1-5 da est. 77 haverá uma reminiscencia dos versos 375-378 (da ed. de Boissonade) da *Electra* de Sophocles, assim traduzidos por Bellotti: «In punto stan, se il lamentar non cessi, | Di relegarti ove del Sol la luce | Non vedrai più: da queste mura lungi, | Viva rinchiusa in sotterraneo speco, | Te ne dorrai?»

5. *guerra* por «inquietação atormentadora», é frequente no português antigo, v. est. 50 v. 2, 92 v. 4, e «nam queiras por outrem dar | a ty mesmo tanta guerra» (*Cancioneiro de Rèsende* I 127, 19-20); «saudade me daa guerra» ibd. II 491, 19.

8. Alli os dias passava
em magoas da alma saídas
dizer a quem longe estava,
e chorava por perdidas
as horas que não chorava,
em valle mui solitario,
fombrio e faudoso
fendo monte temeroso,
pera o choro necessario
pera a vida mui danofo.

9. Dizer o que elle fentia,
em que queira, não me atrevo,
nem o chorar que fazia,
mas as palavras que escrevo
são as que elle dezia.
Alli sobre húa ribeira
de mui alta penedia,
d'onde a agoa d'alto caía,
dizendo d'esta maneira
estava a noite e o dia.

VIII A e C não tem esta estancia. 2 B maguoas. T magoas.
S magaos. 2 S d alma. 2 B saidas. S saydas. 6 B vale. 6 S muy
salutario. 7 S e muy faudofo. 9 S pera chorar.

IX 1 FA elle. C amor. 2 BC em que. SA que. 4 FD mas.
T nem. 7 F de. D da. 8 B a aguoas. ST a agoa. D agoa. 8 D de
alto. 8 B caya. SD corria. 10 B a noite e o dia. S noyte he dia.
D de noite e dia. .

VIII A segunda metade d'esta
estancia que não vem em D não
se liga bem, grammaticalmente,
á primeira parte, nem apresenta
sentido claro. Duvidamos pois
bastante da sua authenticidade.

2-3. Cf. *Lusiadas* IX 82, 4 «as
namoradas magoas que dizia».

4-5. Cf. «A ora ey por perdi-
da | que passo sem na oulhar
(Cancioneiro de Rêsende III 56,
15-16).

IX 1-2. Ligar immediatamen-

te o infinito ao verbo *atrever-se*,
(como «Dizer — não me atrevo») e
aos demais verbos que actual-
mente se construem com a pro-
posição *a* é vulgar no português
antigo.

2. Christóvão Falcão emprega
em outros lugares (est. 12 v. 8,
22 v. 1) *que* na accepção conces-
siva de *em que*. Não é portanto
impossivel ser a lição de S a ori-
ginaria.

8. Cf. «agua que cai de alto»
Sá de Miranda, pag. 81.

FALLA CHRISFAL

10. Os tempos mudão ventura,
—bem o sei pelo passar,—
mas por minha grão tristura
nenhuns poderão mudar
a minha desventura.
Não mudão dias nem annos
ao triste a tristeza,
antes tenho por certeza,
que o longo uso dos danos
se converte em natureza.
11. Coitado de mim, coitado,
pois meu mal não se amansa
com choro nem com cuidado.
Quem diz que o chorar descansa,
he de ter pouco chorado;

X B não tem a rubrica «Falla Chrisfal». 2 S e eu sy pellos passar. D e em tudo o vejo passar. 3 D mas he por minha tristura. 4 B puderam. SD poderam. 6 B tempos nem annos. 9 B longuo. T longo. 9 B vso. T uso. S huso. 9 SD dos annos. 10 B couerte. T converte.

XI 1 S mi. 1 B (no fim do verso) cuitado. T coitado. 2 F pois. D que. 2 F amança. 4 BD o chorar. S chorar. 4 B descança.

X A falla de Chrisfal vae até a estancia 103 exclusive.

1. Este proverbio encontra-se tambem, por exemplo, na trova n.º 28 (anonyma) do Cancioneiro de Evora publicado por Hardung.

2. *pelo passar*=por havé-lo já experimentado. E' o que Cicero exprime dizendo: *qui quam crebro accidat, experti scire debemus* (*pro Milone* § 63).

4. Creio que não padece dúvida que o verbo *poder* se ha-de considerar no futuro e não no preterito, e que portanto o *pudiram* de B é erro de copia ou typographic.

9-10. Cf. «calejados já, e afei-

tos, não tinhão em conta nada, ventos, nem agoas, frios e neves, quer de dia, quer de noite, todas as horas e momentos, tudo o que de antes os atemorizava, lhe ficava já em natureza», Henrique Dias na *Historia Tragico-Maritima* I pag. 391.

XI 4-5. Na frase ha uma anacoluthia propria da lingoagem familiar. Está *he de* (=provém de), como se antes, em vez de *quem diz* estivesse *dizer alguém*. De igual modo lê-se nos *Dictos da freyra*: «Quem he solto de lingoa he de o ser da consciencia» (pag. 33 da ed. do sr. Tito de Noronha).

que quando as lagrimas são
por igual da causa d'ellas,
virá descanso por ellas;
mas como descansarão
quando são mais as querelas?

12. Com tudo olhos de quem
não vive fazendo al,
chorai mais que os de ninguem,
que o que he pera mor mal
tenho já pera mor bem;
lagrimas manfo e manfo
profígio em seu officio;
que não fação beneficio,
não servindo de descanso
servirão de sacreficio.
13. Minhas lagrimas canfadas,
sem descanso nem folgança,
a minha triste lembrança
vos tem tão aviventadas
como morta a esperança;
correi de toda vontade,

6 *B* Que quando. *SD* Quando. 7 *S* ygual. 8 *B* viraa. 8 *BC* descansço. 8 *F* por. *D* com. 9 *F* descansaram. *T* descancarão. 10 *B* pois que. *SD* quando. 10 *FD* querellas.

XII *A* e *C* não tem esta estancia. 2 *S* vivē. 4 *B* para maior. *S* pera mor. 5 *B* jaa (sempre assim, menos na est. 83 v. 4) para maior. *S* eu pera mor. 6 *S* e manço. 7 *B* profiguam. *T* prosigam. 7 *B* officio. 9 *B* descanso. 10 *T* serviam. 10 *F* sacrificio (*B* com o segundo *c* cedillado como de costume). *T* sacrificio.

XIII 1 *B* cançadas. 2 *B* descanso. 4 *F* tam auiventadas. *D* já tam aumentadas. 5 *B* morta a. *S* mortas da. *D* mortais de. 6 *F*

8. *rirá* é futuro potencial (=é possível que venha).

10. Evidentemente ha-de haver no fim do verso ponto de interrogação e não como está na edição do dr. Th. Braga, ponto final.

10. *querela*=motivo de queixa, dissabor, dor; cf. «os rremedes que nos dauam, | muyto mays nos rrenouauam | as que-

relas» *Cancioneiro de Rèsende* II 213, 10-12.

XII 7. Cf. «em cujas concavidades o mar fazia seo officio com sons e bramidos continuamente», *Historia Tr. Marítima* I 427.

XIII 5. Cf. «sendo morta a esperança» *Cancioneiro de Rèsende* I 291, 9.; «vos fez morta a esperança» ibd. 318, 13.

que esta vos não faltará;
mas isto como ferá?
pedi-la-ei á saudade,
a saudade m'a dará.

14. Todos os contentamentos
da minha vida passárão,
e em fim não me ficárão
senão descontentamentos,
que de mim se contentaráo.
D'estes polo meu pecado
—inda que nunca pequei
a quem amo e amarei—,
nunca desacompanhado
me vejo nem me verei.
15. Faz-me esta desconfiança
ver meu remedio tardar,
e já agora esperar
não ousa minha esperança
por me mais não magoar.
Se por isto desmereço
dê-le-me a culpa assim,

Correi de toda. *A* Soccorrer m'ey á. *C* Soccorrey me á. 7 *B* vos
nam faltara. *ST* nam faltará (*S* sem accento). *D* nunca faltará. 8 *F*
ysto. 8 *B* feraa. 9 *F* pedila ei. *T* pedil-a-hei. 10 *B* e a saudade. *S*
saudade. *D* a saudade. 10 *B* daraa.

XIV *A* e *C* não tem esta estancia. 2 *S* de. 5 *B* que de mim.
S e de mi. 6 *B* D'estes polo meu pecado. *T* D'estes pelo meu pecado.
S Estes pello meu pecado. 7 *F* ynda. 10 *T* nem verei.

XV 1 *B* me esta. *S* mestra. 2 *F* remedio. *D* temido. 3 *B*
aguora. *T* agora. 3 *F* esperar. *D* o esperar. 5 *B* por me mais nam.
S por se mais nam. *D* pera [*C* para] me mais. 5 *B* maguoar. *T* ma-
goar. 6 *B* ysto. *T* isto. *SD* isto. 7 *B* defeme a culpa assim. *S* de fer-

XIV 5=que gostárao de es-
tar comigo.

6. pecado está em sentido col-
lectivo.

7-8. pequei a — é syntaxe da
Vulgata: *tibi soli peccavi*; cf. «nem
te errasse», *Lusiadas* II 39, 6.

XV 1. *esta desconfiança* é
complemento de *faz*; o sujeito é
ver meu remedio tardar.

6. por *isto* quer dizer: por já
renunciar a toda a esperança a
fim de não me magoar mais.

e seja já com a fim,
que ha muito que me conheço
aborrecido de mim.

16. Meu coração, vós abristes
caminho a meus cuidados
pera virem ser banhados
na agoa de meus olhos tristes,
tristes, mal galardoados.
Necessario he que vamos
algum remedio buscar
pera se a vida acabar;
est' o bem que desejamos,
est' o nosso desejar.
17. Iremos pella estrada
per onde os tristes vão,
porque nella por rezão
deve ser de nós achada,
achada consolação.
Sobir-me-ei ao pensamento,
que, alto, de alli verei,

minha a culpa assim. *D* seja minha pena assim. 8 *F* e seja ja [B jaa] com. *D* ou seja ja como. 8 *FD* a fim. *T* o fim. 9 *B* que ha. *S* qua.

XVI 3 *BD* virem a fer. 4 *D* nagoa. 4 *BD* de. *S* dos. 8 *B* para. 9-10 *B* este bem que desejamos ! este noso desejar. *S* este bem que desejamos ! este voiso desejar [*S* sempre «desejar», «desejo»]. *D* Este he o bem que desejamos ! este he o nosso desejar. *T* este o bem que desejamos ! este o nosso desejar.

XVII 1 *B* Hiremos. *ST* Iremos. 1 *F* pella. *DT* pela. 2 *BD* por. *S* per. 3 *B* nella por. *S* nesta de. *D* em estes de. 5 *B* achada. *SD* algua. 6 *S* Sobirmey. *D* Subirmey. *T* Sobir-me-hei. 7 *S* que he

8. *fim* (aqui=morte) no português antigo tambem é feminino, v. g. no *Cancioneiro de Rêsende* I 401, 16; 484, 24; III 422, 19. Ainda hoje, segundo me informa o snr. Leite de Vasconcellos, em algumas partes se diz «a fim do mundo».

XVI 9-10. A graphia *desejar* (constantemente empregada em *B*) é usual no português archaico (é assim que a palavra vem sempre escrita, por exemplo, na

edição Eborense de Bernardim Ribeiro); representa, em nosso entender, a pronuncia originaria conforme á etymologia (do latim popular *dissidium* por *desiderium*).

XVII 4-5. Preferimos a leção de *B* (*achada*) á de *S* e *D* (*algua*), porque semelhantes repetições estão no gosto de Christóvão Falcão e da escola a que elle pertence; cf. est. 16 v. 4-5; 17 v. 7-8; 18 v. 5-6; 19 v. 2-3, 7-8.

verei eu se poderei
ver algum contentamento
de quantos perdidos ei.

18. Mas o que poderá ver
quem já da vista cegou?
porque, quem me a mim levou
meu alongado prazer,
nenhum bem ver me deixou;
Deixou-me em escuridão,
hum mal sobre outro sobejo;
pello que triste me vejo
tão longe da liberdade
como do bem que dessejo.

19. Verei a vida que em vida
sem vista tanto aborrece,
aborrece a quem padece
tristeza mal merecida
que minha fé mal merece.
Levárão-me toda a gloria
com qanto bem dessejei,
dessejei e alcancei;
ficou-me só a memoria
por dor de quanto passei.

20. Lembraça do bem passado,

alto da hy. *D* que d alto delle. 8 *B* ou. *T* eu. 10 *SD* quanto perido.

XVIII 1 *B* poderaa. 3 *BC* me a mim. *S* m a mim. *A* me a mi. 4 *B* meu alongado, *S* meu aleyxado. *D* o meu passado. 5 *F* bem ver. *D* prazer. 5 *S* leyxon. 8 *F* pello [ST pelo] que triste. *D* polo qual nifto. 10 *T* desejo.

XIX 1-2 *B* a vida que vida | bem vista. *S* a vida que em vida

XVIII 2. O dr. Th. Braga põe virgula no fim d'este verso.

4. *alongado*=posto longe.

XIX 1-2. De commentario ás palavras *vida sem vista* serve o verso 2.º e 6.º da estancia precedente.

5. *fé*=lealdade (em particular no amor).

6. *gloria* no português antigo significa frequentemente: grande prazer, contentamento, júbilo; cf.

“nã pode auer Gloria perfeyta sem o Casamento”, *Espelho de casados* f. 24 v. da 1.ª edição.

9-10. E’ o pensamento do conhecido passo do canto V do *Inferno* de Dante «nessun maggior dolore | Che ricordarsi del tempo felice | Nella miseria».

XX 1. Este verso acha-se tambem em uma das cantigas anonymas do volume de Birckman; em Sá de Miranda: «me-

que não divêra paffar,
esta me ha-de matar.
Dá-me tal dor o cuidado,
qual se não pode cuidar.
Nada, se não for a morte,
me dará contentamento,
segundo sei do que fento;
não fento prazer tão forte
que conforto meu tormento.

21. Não devo eu mal querer
a quem me aqui deixou;
que ouvido não possa ser,
já me algum bem ficou,
que he meu mal poder dizer.
Mas, triste, não sei que digo,
isto he falar a esmo,
que affaz me foi enemigo
quem se vingou de mi mesmo
com me só deixar comigo.

| bem vista. *DT* a vida que em vida | sem vista. 3 *B* aborece. *T* aborrece. 3 *B* a quem. *S* ho que. *D* que. 5 *BD* que minha fee. *S* a minha fe. 10 *F* por. *D* pera [C para]. 10 *B* door. 10 *F* de quanto. *D* do que.

XX 2 *T* devera. 3 *F* matar. *D* acabar. 4 *B* tal door o cuidado. *S* tam duro cuydado. *D* tam grande cuidado. 5 *F* qual. *D* que. 6 *F* *A* for. *C* fora. 7 *B* daraa. 7 *C* contamento. 8. *S* fel. *D* fer. (Em *A* não está clara a ultima letra; em *B* está apagada esta palavra, como tambem a palavra *fento*). 9 *BD* nam. *S* nem 9. *D* finto. 10 Da palavra *tormento* estão apagadas em *B* as letras menos a primeira e a ultima.

XXI *A* e *C* não trazem esta estancia. 2 *S* leixou. 3 *B* non. *ST* não. 3 *B* seer. 5 *B* que he (*T* que é). *S* sem. 7 *F* yfto. 7 *F* falar. *T* fallar. 8 *B* enemiguo. *T* eneinigo. *S* de enemigo. 10 *B* com me foo. *S* começo. 10 *B* comiguo. *T* commigo.

moria | D'aquele bem passado» (pag. 597); em o numero 67 do *Romancero general* da *Biblioteca de autores españoles*: «Memoria del bien pasado».

2. A fórmula *divera* ocorre tambem na Carta (verso 112).

8. A forma *fento* é vulgar ainda no seculo XVI; assim encon-

tra-se tambem rimando com *tormento* nos *Ditos da Freyra* (pag. 80 da edição do sr. T. de Noronha).

XXI 8. A lição de *S* «affaz-de enemigo», é possível que seja a verdadeira, por isso que tal construcção era vulgar no português antigo.

22. Que me queira consolar,
o meu mal não tem conforto,
nem eu lh'o posso buscar;
pera o prazer sou morto
e vivo pera o pesar.
Quanto mal tão desvairado,
e todos pera dar fim!
Tudo me he contrairo assim:
descuido matou meu gado,
cuidado matou a mim.

23. Vida de tão longos males,
como não cansas de fer!
que eu canso já de viver,
e o eco d'estes valles
cansa de me responder.
As ribeiras em euvê-las

XXII 1 *FD* queira. 2 *B* o meu. 3 *SD* ja meu. 4 *B* para o prazer sou. 5 *S* eu pera viver sam. 6 *D* pois para viver sou. 5 *B* para o pezar. 7 *SD* pera ho [D para o] passar. 7 *DT* todo. 7 *BC* para. 7 *DT* contrario. 7 *BA* assi. 8 assim. 9 *B* guado. 10 *S* my.

XXIII 1-2 *S* e *D* tem invertida a ordem d'estes versos. 1 *B* longuos. 2 *T* longos. 3 *S* malles. 2 *B* cança. 3 *T* canças. 4 *S* cançaes. 5 *D* cansas. 3 *F* que eu canço ja [B jaa]. 6 *D* pois que canso. 4 *F* Eco. 7 *Eco*. 4 *B* vales. 5 *F* cança. 6 *F* em eu. 7 *D* fo em. 6 *FA* velas. 8 *C*

XXII 4-5. A antithese entre «pesar» e «prazer» encontra-se frequentemente na nossa antiga litteratura: «Quanto mays vejo prazer | tanto mays sento o pesar», *Cancioneiro de Resende* I 329, 20-21; «meu prazer sera pesar», ibd, II 54, 2; «em pesar he convertido o prazer» Joanna da Gama, *Trovas* pag. 83 da edição do sr. T. de Noronha.

7. *todos*=todos elles. O singular é, em frases como esta, inadmissível em português. O emprego do plural é uma synese devida ao sentido collectivo de «quanto mal», que equivale a «quantos males». (De modo se-

mehlante, Demosthenes na terceira Philippica ligou ao pronome τις empregado em sentido collectivo [«alguém» = algumas pessoas] o participio do plural μεμνηέσται, pera dar *fim*=capaz de dar morte; «dar fim» por «matar» tambem ocorre, por exemplo no *Cancioneiro de Resende* II 18, 36. (O dr. Th. Braga não põe nenhuma pontuação depois de *fim*).

XXIII 2. *ser*=existir. (O dr. Th. Braga põe virgula no fim d'este verso).

6-8. Cf. «das lagrimas desmedidas, | verdadeyras, | vam as

correm mais do que he seu foro
entrando meu chorar nellas,
e, pois ajudão meu chôro,
quero só falar com ellas.

24. Companheiras do meu mal,
agoas que d'alto correis,
onde cais desigual,
parece que me dizeis:
Porque não choras, Chrisfal?
Contar-vos quero, amigas,
o que esta noute sonhei,
com o qual tal dor tomei,
que minhas muitas fadigas
em mais fadigas dobrei.

25. Despois de ontem deixar
de vos contar os meus males
fui-me cá baixo deitar

valles. 7 FA foro. C fora. 8 B chorar. SD choro. 9 B ajudam meu.
S ainda que. D ainda não. 10 S foo. 10 ST fallar.

XXIV 1 S de. 2 D de alto. 3 D donde. 5 S chorrais. 5 S cris-
fal. 6 B amiguas. T amigas. 7 B noute. SDT noite. 7 B sonhei. SD
passey. 8 B ho. T o. 8 B me dei. SD tomyey. 9 B minhas. SD as
minhas. 9 FT muitas fadigas (B fadiguas). D penas antigas. 10 B
fadigas. T fadigas. S fadigas as. D fadiga.

XXV 1 FA despois. CT depois. F ontem. T hontem. 2 B
malles. SDT males. 3 B caa baixo. S abayxo. D debaixo. 3 B gei-

agoas das rybeyras | muy creçy-
das. Diogo Brandão no *Cancio-
neiro de Rêsende* II 202, 3-6; *Ina-
chus unus abest imoque reconditus
antro | Fletibus auget aquas*, Ovi-
dio, *Metamorph.* 583, 584.

XXIV 3. *desigual* parece estar
tomado adverbialmente na accep-
ção de «com grande força». O
adjectivo *desigual* por «descom-
munal, immenso» é muito fre-
quente no português antigo, v.
g. «a desigual tristeza e conti-
noa paixaam» Pina, *Chronica de
D. Duarte*, pag. 187; «guerra
desiguais» Sá de Miranda, pag. 68.

8 «o qual»=o que, referido a
um sentido, é corrente no portu-

guês antigo. Nesta ecloga ocor-
re ainda na est. 49 v. 2; em Gar-
cia d' Orta, no *Colloquio XXI*. A
frase «tomar dor, prazer, etc.»,
correspondente ao latim *dolorem*
etc. *ex aliqua re capere* é vulgar
nos nossos escritores antigos, v.
g. «Quanto cuydado tomyey | por
nam ter este cuydado!» *Cancio-
neiro de Rêsende* I 402, 12-14;
«nam tomyey nenhum prazer»
ibid. 461, 30; «dar-se dor» é que
não nos parece que facilmente
se encontre.

XXV 3. O verbo *geitar* pare-
ce-nos que já era antiquado no
tempo de Christóvão Falcão; por
isso preferimos a lição de S.

no mais baixo d'estes valles
antre pesar e pesar.
Onde despois que aos ventos
descobri minhas paixões,
gastadas muitas rezões,
mudei os meus pensamentos
em minhas contemplações.

26. Contente de descontente,
a noute fendo calada,
como he certo em quem sente,
não ficou cousa paslada
que me não fosse presente.
Vindo-me á memoria dar,
quando andava com o gado
ter com Maria sonhado,
fez-me o dormir dessejar
de mim pouco desejado.

tar. *SD* deitar. 4 *F* baixo deftes. *D* fundo defses. 4 *T* vales. 5 *T* entre pezar e pezar. *S* valles bem de meu penar. *D* valles bem de meu pesar. 6 *FA* despois. *CT* depois. 6 *BD* aos. *S* os. 8 *FA* rezões. *CT* razões. 9 *B* hos. *SDT* os. 10 *B* em. *S* a. *D* as.

XXVI 1 *C* descontento. 2 *SD* noite. 3 *BD* he certo [*C* certa] em. *S* nam he a. 5 *B* prezente. *T* presente. 6 *D* E vindome á memoria [E' o verso todo]. 7 *B* em quâo. 9 *S* fez mo dormir desejar. *D* fezme desejar por gloria. 10 *S* de mi. *D* fonho.

5. Cf. «entre cuidado i cuidado», Sá de Miranda, pag. 99 (composição castelhana).

8. rezões=palavras juntas em frase, discurso.

9-10. Parece-nos que o sentido é: passei de fallar a meditar em silencio.

XXVI 1. Quanto á antithese cf. «d'esperar desesperado» *Cancioneiro de Rèsende* I 322, 2.

2. Nas construções correspondentes aos ablativos absolutos latinos o portugués antigo punha frequentemente o participio depois do seu sujeito. No artigo sobre a edição dos *Versos de Bernardim Ribeiro* (*Revista Lusitana* II pag. 281) apontámos alguns exemplos.

3. *he certo*=costuma acontecer.

6-10. *Vindo-me á memoria dar* (=lembrando-me) faz as funcções de sujeito do verbo *fez*. E' uma oração de particípio empregada em vez de uma oração infinitiva (*o vir-me á memoria dar*). A mesma construção ocorre na estância 36 v. 3-4. A oração temporal *quando andava com o gado* pertence não para *Vindo-me á memoria dar* (como pensa o dr. Th. Braga que não põe vírgula no fim do 5.º verso, mas no fim do 6.º), senão para *ter com Maria*

27. E crendo que aproveitasse
pera meu contentamento
fe eu com ella sonhasse,
deu-me lugar meu tormento
que algum pouco repousasse.
E como cansado estava
do que no dia passei,
a dormir pouco tardei,
e adormecido sonhava
o que vos ora direi.

SONHO

28. Sonhava, em meu sonhar,
onde dormindo estava
alli velando estar,
quando da parte do mar

XXVII 1 *B* E crendo. *SD* crendo. 2 *FA* pera. *CT* para. 3 *B*
fe. *SD* que. 4 *T* deu-me logar meu tormento. *S* e de lugar a meu
tormento. *A* dei lugar a meu tormento. *C* deu lugar a meu tor-
mento. 5 *BD* que algum. *S* alguã. 6 *B* E como cançado. *S* Porem
cansado. *D* Com quanto cansado. 8 *B* a. *SD* em. 9 *B* e adormecido.
S adormecido. *D* e adormecendo. 10 *B* vos hora [*T* ora] direi. *S*
vos agora direi. *D* agora vos direi.

XXVIII. *B* não traz a rubrica «Sonho». 2 *S* honde. *D* quan-

sonhado, o *dormir* é complemento de *dessejar*. A frase é um tanto confusa, o que explica a variante de *D*, que, em nosso entender, representa uma substituição do texto originário que não foi bem compreendido. Também a preposição *em* que *B* traz antes de *quando* e que deveria pertencer para *ter com Maria sonhado*, parece-nos ter a mesma origem, se é que o poeta não escreveu *em quanto*.

XXVII 4. A metathese do *r* em *tormento* não é rara na própria língua literária antiga, v. g. em Bernardo Ribeiro.

8. Tão correcto é tardar a como tardar *em*, fazer uma *cousa*.

XXVIII. A narração do sonho vai até a estância 99 exclusive,

Os artifícios poéticos de sonhos e viagens extáticas são frequentes na poesia d'aqueles tempos; vejão-se exemplos no *Cancioneiro de Rêsende I* 286-313 (de Duarte de Brito), ibd. 406-408 (de D. João Manoel).

2-3. A oração relativa *onde*-está anteposta à demonstrativa *alli*—(como em latim se diria *ubi-ibi*, v. g. em Cicero *de re publica* 3, 31: *ubi tyrannus est, ibi dicendum est plane nullam esse rem publicam*). Não devia pois o dr. Th. Braga deixar de pôr vírgula depois de *sonhar* e pô-la depois de *estava*. A variante de *D* quando por *onde* é emenda de um texto que se imaginava errado.

grão vento se alevantava;
o qual com tal sobrefalso
chegava onde eu jazia,
que da terra me erguia
em tanto estremo alto,
que a vista me fallecia.

29. Vendo-me em lugar tal,
baixei os olhos á terra;
vi craro dia, não al,
e os valles e a ferra
tudo julguei por igual;
mas, como aborrecido
tanto da vida andasse,
que meu mal já desejasse,
temor tão pouco temido
não creio eu que se achasse.

do. 5 D grão vento se leuantaua. 6 B Ho. SD O. 6 S con. 8 B e
que da terra me erguia [T m'erguia]. 9 FD estremo. T extremo.
10 A m'efalecia.

XXIX A e C não tem esta estancia. 1 T logar. 3 S onde ef-
taua o meu mal. 4 B e. S que. 5 B julgei. T julguei. S yulguey. 5
B fer. S por. 6 S auorrecido. 8 T desejassee. 10 B nam creo eu. S
eu nam creo.

1-5. Em *Sonhava — velando*
estar, quando—se alevantava ha
a mesma ligação de orações que
se vê no lugar de Ciceró: *Piso*
ultimas Hadriani maris oras pe-
tivit, cum interim Dyrrachii milie-
tes domum — obsidere cooperunt; v.
a *Grammatica* de Madvig § 358
obs. 1; cf. «Não acabava, quando
húa figura! Se nos mostra no ar,
robusta e válida. *Lusiadas* V 39.
levantara é um imperfeito in-
choativo, —entrou a alevantar-se.

9. Em um pequeno numero
de palavras já no proprio portu-
guês litterario antigo se pronun-
ciava (como é corrente na pro-
nuncia familiar descuidada) *es* em
vez de *ex* (=eis). Taes são: *estre-*
mo (*Lusiadas* VI 66, 1), *estrano*
(ibid. VI 104, 8), *esperimentar* (ibd.
X 152, 5).

XXIX 3. *craro* é fórma anti-
ga, =claro.

5. O emprego da preposição
por depois dos verbos de julgar,
em vez do simples nome predi-
cativo é extremamente vulgar
nos escritores antigos. Nesta
ecloga ocorre ainda na estancia
37 v. 8 e na 40 v. 7-8. Cf. tam-
bém, quanto a syntaxe e ás
ideias: «á vista de longe pode
tudo julgar-se por húa fo pouoa-
ção (*Mémorial das proezas da se-*
gunda Tavola Redonda, cap. 46,
f. 217 da 1.^a edição).

6. *Avorrecido* existe no portu-
guês antigo a par de *aborrecido*.

8. O conjunctivo *desejasse*
em vez do indicativo *desejava*
é devido a attracção exercida
pelo verbo subordinante «an-
dasse».

9. temor=cousa para temer,

30. Depois de me ser mostrado
este perigo de morte,
á terra mais abaixado
contra a parte do norte
fonhava que era levado.
Antre Tejo e Odiana
era o meu caminhar,
onde poderei contar,
fe o que notei nom me engana,
cousas bem pera notar.

31. Porque vi muitos pastores
andar guardando seus gados,
vestidos d'alegres cores,
bem fóra dos meus cuidados,
mas não dos de seus amores,
não querendo mais averes,
nem querendo mais riqueza,
por que amor tudo despreza;
mas todos os seus prazeres
forão pera mim tristeza.

XXXI 1 *S* Despois de ser ja passado. *D* Depois de ser segurado. 1 *B* seer. *T* ser. 2 *F* este. *D* desfe. 2 *B* periguo. *T* perigo. 3 *BD* a. *S* da. 5 *S* fonhey. 5 *B* lauado. *T* levado. 6 *BD* Entre. 6 *F* Odiana. *D* Guadiana. 9 *F* o que notei nō [*S* nā]. *A* a mente não. *C* amante não. 10 *D* coufa. 10 *F* pera. *DT* para.

XXXI 3 *D* de alegres. 4 *F* dos. *DT* de. 5 *F* dos de. *D* das dos. 6 *T* haveres. 8 *BD* porque. *S* que. 10 *F* foram. *D* erão. 10 *S* pera my. *D* para mim.

perigo, como em latim *timor*
neste lugar de Ovidio: *loca plena
timoris* (*Metam.* X 29).

XXXI 1. *ser mostrado*=offere-
cer-se á vista, aparecer; cf. es-
tancia 54, v. 6.

2. Cf. «quando me vy | fóra
d'aqueste periguo | de morte»
Cancioneiro de Rêsende I 305,
23-25.

3. *contra* (e *escontra*)=na di-
recção de, é vulgar no português
antigo.

9. A fórmula archaica *nom* oc-

orre ainda, como dicção proclí-
tica, na segunda metade do se-
culo XVI, mas só, parece-nos,
antes de palavras (pronomes e
adverbios) que princípio por *m*,
e o mais frequente é neste caso
desnasalar-se a vogal e dizer-se
v. g. «nô-mais» (Chiado, *Auto das
regateiras*, etc.).

XXXI 8. D'este verso parece
que é reminiscencia o verso de
Camões: «que tudo em fim tu,
puro amor, desprezas» (*Lusiadas*
III 122).

32. Em hum valle descontente
 estar Natonio vi,
 d'estes assaz diferente,
 que casí o não conheci
 fendo bem meu conhecente,
 —aqueste he o paſtor
 que já veio aqui buscar-me
 nom mais que por consolar-me—,
 e vi-o com tanta dor,
 que dor me dá o lembrar-me.

XXXII 2 *B* eftaar. 2 *S* antonio. *D* Naconio. 3 *S* este afaz
 deferente. 3 *T* differente. 4 *B* casí nam. *S* casí nam no. *D* quasi o
 não. 6 *D* Aquelle. 7 *E* que já veio aqui buscar-me. *B* que laa vejo
 aqui buscar-me. *S* que aqui veo buscar-me. *D* que aquy veyo bus-
 carme. 8 *B* nam mais que por. *S* nomais fe nam. *D* nam mais que
 a. 9 *B* vio. *T* viu. *S* veo. *D* veyo. 9 *B* door. 10 *B* door me daa o
 lembrarme. *T* door me dá o lembrar-me. *S* me da dor alembarme.
D que fez da dor alembarme.

XXXII-XXXV. El-rei D. Manoel havia ajustado com o 4.º conde de Marialva, D. Francisco Coutinho, pae de D. Guiomar Coutinho, dar-lhe para genro o infante D. Fernando, seu filho, havendo o matrimonio de realizar-se em o infante chegando á idade devida. Quando, depois do fallecimento d'aquelle monarca (em Dezembro de 1521), D. João III tratava de cumprir a vontade do seu predecessor, D. João de Lencastre, 1.º marquês de Torres Novas e depois duque de Aveiro, entrou a publicar, que muito antes já dos contratos feitos por D. Manoel tinha celebrado um casamento clandestino com D. Guiomar, e que havia de revidicar nos tribunaes os seus direitos. A causa escandalosa, tratada no juizo ecclesiastico, durou até 1529 «e em fim reduzindo-se todo o peso d'ella á declaraçao e depoimento de D. Guiomar, foy dada sentença contra o marques». (Fr. Luis de Sousa, *Annaes de D. João III* cap. 8.º). Fa-

ria e Sousa, no commentario á 8.ª ecloga de Camões (pag. 336), vê nestas estancias uma allusão á historia das relações do marquês de Torres Novas (Natonio) com D. Guiomar Coutinho.

XXXII 3. *diferente*, porque os outros pastores estavão contentes e vestidos de cōres alegres (est. 31), e Natonio profundamente triste e vestido de luto (est. 33).

4. Cf. «tam triste, tam demudada, / que casy a nam conheci», *Cancioneiro de Rēsende* I 310, 33-34.

7-8. A lição de *B* não dá sentido; emendámos, pois, *laa* (=lá) em *ja* (=jaa, graphia constante de *B*) e *vejo* em *veio*; alguém preferirá ler simplesmente com *S* «que aqui vejo buscar-me». O adverbio «aqui» entendemos que se refere á província do Alemtejo (est. 30), patria de Chriffal, onde elle ainda se acha, por isso que só depois (est. 36) é que passa o Tejo entrando na Beira.

33. Chorando lagrimas mil
 estava comigo só,
 ao modo pastoril
 de dó bem pera aver dó
 tinto o ábito vil.
 Em húa frauta tangendo
 ao pé de hú'arvore estava;
 desque da boca a tirava,
 de dentro d'alma gemendo
 em vez de cantar chorava.

34. Quisera-o eu consolar,
 mas em cujo poder ia
 não me deu a mais lugar
 que ouvir-lhe que dezia
 «O' Guiomar, Guiomar,
 em vós pus minha esperança;
 e quanto ella encobre
 agora em dor se descobre;
 perigos de confiança
 fizerão do rico pobre».

XXXIII 2 *B* configuo. *T* comsigo. 2 *F* foo. 3 *BD* ao modo. *S* de modo de. 4 *F* de doo bem pera. *A* dado bem pera. *C* dando bem para. 4 *F* auer. *T* haver. 4 *F* doo. 5 *F* o [*S* ho]. *D* feu. 5 *B* habitoo. 5 *S* vill. 6 *B* Em. *S* Com. 7 *B* ao pee de hum. *S* ao pe de húa. *A* junto de húa. *C* junto de huma. 8 *F* boca. *T* bocca. 9 *F* dalma. *D* da alma.

XXXIV 1 *F* Quisera ho (*S* o). *T* Quizera-o. 1 *BD* eu consolar. *S* consolar. 2 *B* hia. *S* hya. 3 *FD* nam. *T* nom. 5 *B* O. *S* ho. 6 *B* vos. *SD* ti. 6 *F* pus. *T* pnz. 6 *S* esperança. 7 *S* em quanto ella fein cobre. *D* e quando ella se encobre [*A* encubre]. 8 *B* aguora em door. *T* agora em dor. 9 *F* perigos. *D* perigo. 9 *B* de confiança. *SDT* desconfiança.

XXXIII 4-5. de dó (=luto) –
 tinto o ábito vil. Sem duvida es-
 tá aqui «vil» no sentido do latim
vilis (de mui baixo valor). (A pa-
 ginas 13 da sua edição das *Obras*
 do nosso poeta escreve o dr. Th.
 Braga: «O habitoo vil refere-se á
 condemnação dos tribunaes cano-
 nicos e civis que sobre elle caíra
 por declarar o seu casamento
 clandestino com D. Guiomar Cou-

tinho, promettida ao principe D.
 Fernando, irmão do D. João
 III»).

XXXIV 2. em cujo poder ia é
 expressão elliptica, por «aqueelles
 em cujo poder eu ia».

9-10. Parece-nos que a lição
 de *B* é a exacta, referindo-se
 «perigos de confiança» a Natonio
 ter-se aventurado a acreditar no
 amor de Guiomar, vendo-se de-

35. Assi, por elle passando,
 «Nantonio tenhas prazer»
 lhe dixe grão brado dando,
 té o da vista perder
 os olhos nelle deixando.
 Deos lhe dê contentamento,
 pois que nos fez a ventura
 companheiros na tristura;
 em que seu e meu tormento
 cada vez tem menos cura.
36. D'aqui fomos descorrendo
 até o Tejo passar,
 a agoa de quem eu vendo
 me foi dor sobre dor dar
 indo já dor padecendo.
 Chorando a lembrança d'ella
 virada foi minha face
 pera onde o gado pace
 da grande ferra da Estrella
 da qual o Zezare nace.

XXXV 2 *S* Antonio. *A* Notonio. *D* Naconio. 3 *F* dixe. *DT* disse. 4 *B* tee o da vista. *SD* ate da vista ho. 5 *S* leyxando. 7 *F* pois que. *D* porque. 9 *B* em. *S* e.

XXXVI 1 *SD* discorrendo. 2 *B* atee. 3 *B* a aguoas. *ST* a agoa. *D* as agoas. 3 *F* de quem. *D* do qual. 4 *C* me fuy dar sobre dor, dor. 4 *B* door. *T* dor. 5 *B* yndo. 5 *B* door padefçendo. *T* dor padecendo. 6 *B* a lembrança della. *S* lembrança della. *D* lembranças disto. 8 *FA* pera. *CT* para. 8 *B* guado paſſe. *SD* gado pace. 10 *BD* da qual. *S* donde. 10 *B* o Zezare. *T* o Zézere. *S* ho zazare. *D* o Zezere. 10 *BD* nasçe.

pois forçado a reconhecer, por infelicidade sua, que tal confiança fôra vã.

XXXV 2. No português antigo é frequente o emprego da 2.ª pessoa do presente conjuntivo em sentido optativo.

3. A fórmula archaica *dixe* conservou-se no seculo XVI a par de *disse*.

9-10. A particula concessiva *em que* (como em latim. *quam quam, etsi, tametsi*; v. Madvig, *Grammatica* § 443). apresenta es-

ta oração como rectificação da oração *Deos lhe dê contentamento*.

XXXVI 1. *fomos*, a saber: eu e "em cujo poder ia".

3. No português antigo quem empregava-se indifferentemente tanto fallando-se de pessoas como de cousas.

3-5. Sobre a construcção: *eu vendo* (por "eu ver")—*foi dar*, v. a nota á est. 26 v. 6-9. A agoa do Tejo deu-lhe dor sobre dor, porque fôra cerca da foz do Tejo a scena dos seus amores (est. 1).

37. Posto no seu alto cume
deixarom-me alli estar,
e meu coração presume
que foi por me magoar,
como tinhão por custume.
D'alli os pães femeados
ver a meus olhos deixarom,
que por não grados julgarom,
mas, posto que forão grados,
eu sei que não me agradarom

38. Já o sol se encobria
a este tempo e mais
ficando a terra sombria,
e o gado aos currais
já então se recolhia.
Ouvi cães longe ladrar
e os chocalhos do gado
com hum tõo tão concertado,
que me fizerom lembrar
de quanto tinha passado.

39. † Por mais minhas queixas vãas

XXXVII 1 *F* no seu. *D* em o. 2 *S* ali. 2 *SD* deixaram. 4 *FA* foi. *C* se foi. 4 *B* magoar. *T* magoar. 5 *SD* tinha. 5 *F* por. *D* de. 5 *DT* custume. 6 *B* pãis. *T* pães. 7 *F* ver. *D* vir. 7 *B* deixaram. *SD* leixaram. 8 *B* por nam grados julgarom. *S* pam nam grados julgarom. *D* vãos não grado julgarão. 10 *S* magradaram. *D* me agradarão.

XXXVIII 1. *B* Jaa. *T* Já. 4 *BD* e o. *S* ho. 6 *D* ouuia. 7 *B* guado. 8 *B* toom. *SDT* tom. 8 *B* confertado *T* concertado. 9 *SD* fi-
zeram.

XXXIX 1. *S* Por serem as queixas vãas. *A* Por mais minhas

XXXVII Ainda na primeira metade do seculo XVI ocorre nos verbos ao lado da forma—*rão* a forma—*rom*, v. g. em Bernardim Ribeiro *acabaron*, *andaron*, *derom*, *desempararon*, *determinaron*, *ficaron*, *fizerom*, *move-rom*, *nascerom*, *passarom*, *poferom*. Em Christóvão Falcão só se encontra nesta estancia e na seguinte, e ainda assim unicamente na edição de Birckman.

9-10=ainda que fossem grados, não me agradarião.

XXXVIII 2. *mais* parece-nos estar aqui por «cada vez mais».

8. Da forma *tõo* é que veiu, por apocope, *tom*.

XXXIX 1. O texto de *S* não dá sentido que se ligue com o dos versos subsequentes. O de *B* está evidentemente corrompido. Não podemos alcançar por

vi berrar o gado moucho
cuberto de finas lāas
e affoviar o moucho
com o triste cantar das rāas.
Já as ferranas ao abrigo
se ião, os prados deixando,
as mais d'ellas fospirando;
hūa dezia «Ai, Rodrigol!»,
outra dezia «Ai, Fernando!»

40. Hūa ciumes temia
outra de si tem receo;
hūa ouvi que dezia
«Quão afinha a noute veo!»
outra «Já tarda o dia».
E por este esperimento
foi amor de mim julgado
por nom menos occupado

queixas vās. *D* Por mais minha queixa vāa. *2 B* guado moucho. *SA* gado mocho *D* gado macho. *3 BD* de. *ST* das. *4 B* afouiar o Moucho. *DT* affoviar o mocho. *S* assuruaia ho moucho. *5 BD* com o. *S* e ho. *5 BD* das raās [*A* rās]. *S* darrāas. *6 BD* as ferranas. *S* ferranas. *6 B* briguo. *SDT* abrigo. *7 F* hiam *7 BD* os prados deixando. *S* prados leyxando. *8 FD* fospirando. *T* suspirando. *9-10 DT* dizia.

XL 1 S ceumes. *2 C* tam receyo. *3 D* dizia. *4 B* quanazinha. *ST* Quam azinha. *D* Quam afinha. *4 SD* noyte. *4 F*, *I* veo. *C* veyo. *6 F* esperimento. *DT* experimento. *7 S* my. *8 SG* nam. *A* não. *8 S*

conjectura qual seria o texto original.

2-4. *moucho* é fórmula parallela de *mocho*, como *oulhar* (est. 42) de *olhar*. Ambas as fórmulas ocorrem também, por exemplo, em Bernardim Ribeiro.

4-5. Cf. «As roucas rāas foauão | Num charco de agoa negra e ajudauão | Do passaro nocturno o triste canto», Camões, ecloga 2.*

5. Na fórmula *darrāas* (em *S*) por *das raās*, o *s* final do artigo é absorvido pelo *r* inicial seguinte. Cf. a fórmula popular antiga *Jōão darregas* por *Jōão das Regras*.

6. A lição *brigo* de *B* talvez represente uma pronuncia popular.

XL 4. O sr. Leite de Vasconcellos mostrou (*Revista Lusitana* II 284) que de *tā d'afinha* provém *tam naçinha* fórmula que se encontra na edição Eborense de Bernardim Ribeiro, e *tanajinha* que, segundo o mesmo douto romântico, se ouve, ou se ouvia ainda há pouco, na Beira Alta. E' conseguintemente possível que existisse a fórmula *quanaçinha* (resultante de *qua d'afinha*) correspondente a *tanajinha*, e que seja assim exacta a lição de *B*.

do que he o pensamento,
que nunca está descansado.

41. Antre estas, fô, saudosa
vi antre duas ribeiras
húa ferrana queixosa
cercando húas cordeiras,
—sendo cordeira fermosa—
como alli tem por uso
em húa roca fiando;
mas, como que ia cuidando,
cahia-se-lhe o fuso
da mão de quando em quando.
42. Tendo parecer devino,
pera que melhor lhe quadre,
cantar cantou d'elle díno:

ocupado. 9 *B* o. *SD* he ho [D o]. 10 *B* eftaa. *T* está. 10 *BC* def-
cançado.

XLI 1 *BD* Antre estas. *S* Alli triste. 1 *F* foo. 2 *F* antre, *D*
ante. 4 *B* cercando. *S* carreando. *D* cercada de. 6 *BD* Como. *S* E
como. 6 *FD* tem. *T* teem. 6 *B* vfo. *T* uso. *S* hufo. 8 *B* como que
hia. *S* com ho que hya. *D* como quem vay. 8 *F* cuidando. *D* cu-
dando.

XLII 1 *F* parecer. *D* por parecer. 1 *F* deuino. *T* divino. *D*
benigno. 2 *FA* pera. *CT* para. 2 *F* melhor. *T* melhor. 3 *B* cantar

9-10. Cf. *agitatio mentis, quae numquam acquiescit*, (Ciceron, *Off I* § 19); *hominis autem mens—semper aliquid aut anquirit aut agit* (*id. ibd. § 105*).

XLI 1. A ser a lição de *B* a verdadeira, *antre* quer dizer «no numero de» e não «no meio de».

4. O verbo *cercar* tem aqui uma significação de que ainda não encontrámos outro exemplo. Porventura a lição de *D* é a certa, cf. «la borrega major—se vino al pastor, y todas las otras guia-das por ella, o por el conoci-miento de Sireno, le cercaron al derredor» Jorge de Montemor, *Diana*, pag. 184 da edição de 1565.

7-10. Cf. *Pavet illa metuque* |

*Et colus et fusi digitis cecidere remissis, Cvidio, Metam. IV 229, 230; «Quantas vezes do fuso se esquêcia | Daliana», Camões, So-
neto 41.*

8. Nos escritores antigos aparece ás vezes *como que fazia* uma cousa por: *como se fizesse* uma cousa, v. g. «Bati co punho em meu peito | Como que me confessava», Sá de Miranda, pag. 384; veja-se tambem adiante na estancia 62 o verso 4.^o

XLII 1. *parecer*=semblante.

3. *elle* refere-se a *parecer*, «um cantar dino (ou, como hoje se diz, digno) do parecer» quer dizer: um cantar correspondente ao parecer, bello como era o pa-recer. E' o pensamento que *La*

«Yo me yua, la mi madre,
 a sancta Maria del pino»
 O vestido lhe oulhei,
 e vi que era hum brial
 de seda e não de saial,
 a qual eu afigurei
 † a Menga, la del boscal.

canto de ledino. *T* cantou canto de ledino. *S* cantar captou em si dino. *D* cantou cantar delle dingo. 4 *DT* yva. 5 *F* sancta. *DT* Santa. 6 *B* Ho. *S* O. 6 *B* oulhei. *SD* olhei. 7 *SD* breal. 8 *B* e nam. *SD* nam. 9 *B* a. *S* o. 9 *F* afigurei. *A* afigurei. *C* afigurei. 10 *B* a Mengua: la del boscal. *T* a Mengua la del buscal. *SD* manga larga no bocal.

Fontaine exprime dizendo: *si votre ramage se rapporte à votre plumage*. Sobre a lição errada de *B* fallaremos no 3.^o Excurso no fim do volume. Nas dicções de origem erudita ou semi-erudita o *gn* latino era no português antigo reduzido a *n*, por exemplo, *dino* (rima com *fino* nos *Lusiadas* II 95, e no plural, escrito *dignos*, com *meninos* em *B*. Estaço f. 179 verso), *indino* (*indina* rima com determina nos *Lusiadas* III 123), *benino* (rima com *destino* nos *Lusiadas* III 130), *malino*, *sino* (falandose de signo do Zodiaco, no *Memorial das proezas*, cap. 22), *manifico* (Fernão d'Oliveira, *Grammatica*, pag. 3 da 2.^a edição), *inorante* (*Cancioneiro de Rêsende* I 287, 4), *inoto* (ibid. 306, 10), *Ignacio* que ainda se pronuncia «Inacio», etc. (No *Cancioneiro de Rêsende* até se encontra *anus Dei*).

4. *la mi madre* é vocativo; cf. «Madre, la mi madre, | El amor esquivo | Me ofende y agrada» *Romancero general* já citado, n.^o 1809.

8. O saial era uma especie de «burel muito grosseiro» (Bluteau, *Vocabulario*).

9-10. O entendimento geral destes dois versos, tanto na lição de *B* como na de *S* não apre-

senta porventura dificuldade. No texto de *B* parece dizer-se que a serrana se afigurou a Chrisfal ser certa personagem, sem dúvida conhecida na litteratura. Effectivamente o nome feminino de *Menga* e do seu diminutivo *Menguilla* ocorre, por exemplo, nos romances n.^o 1582, 1597, 1626, 1627, do *Romancero General*. Mas por um lado não sabemos o que querem dizer as palavras *la del boscal* (ou *la del Boscal?*); por outro lado o emprego do relativo *a qual* naquelle lugar é violentissimo. No texto de *S* os versos *o qual* [sc. brial] *eu afigurei* | *manga larga no bocal* ligão-se perfeitamente aos tres precedentes continuando a descrição do vestuario da serrana. O singular «manga» está em sentido collectivo, equivalendo a «mangas» exactamente como acontece neste lugar do romance n.^o 1719 do *Romancero General* «De tafetan cuello y vueltas, | Ancha manga y corto cuello»; a respeito do termo «bocal» cf. «e havia muitos que não trazião mais que o manto da camiza, e os bocaes por mostra» (*Historia Tragico-Maritima* I 338). Mas, ainda quando, em vez de *o qual*, lessemos (com *D*) *no qual*, a construcção «alguem afigurar uma cousa» por

43. Depois d'acabar seu canto
dezia: «Ninguem me crea
por me ver alegre tanto;
visto-me á vontade alhea,
e o meu cantar he pranto;
anda a dor deffimulada,
mas ella dará seu fruto;
a minha alma traz o luto;
de pouco são esfossada,
mas descontente de muito.

44. Troquei amor por riquezá
porque m'o trocar fizerom;
mas bem pago esta crueza,
que, em que cem contos me derom,
descontárão-se em tristeza:
meu espofo aborreço,
quando me a lembrança vem
do primeiro querer bem:
ninguem venda amor por preço,
pois elle preço não tem.

XLIII 1 *SDT* de acabar. 3 *B* veer. *SD* ver. 6 *B* door. 7 *F* ella. *D* cedo. 7 *B* daraa. 7 *SD* fruto. 8 *SD* luto. 9 *D* desfossada. 10 *B* descontente. *T* descontente.

XLIV 2 *F* mo. *D* me. 2 *S* troquar. 2 *SD* fizeram. 3 *FT* pago [*B* paguo]. *D* paga. 4 *SD* deram. *B* derom (mas o *m* está inteiramente apagado). 5 *B* descontarante. *T* descontaram-se. 6 *S* aboreço. 6 *B* me a lembrança. *DT* me á lembrança. *S* lembrança me. 9 *F* venda. *D* troque.

«uma cousa afigurar-se a alguem» continuaria a ser muito estranha. Se não fosse tal estranheza de syntaxe, a lição que teriamos por mais provavel, seria: *a qual eu afigurei, | mangue larga no bucal,* estando *a qual* com o valor de particula comparativa do mesmo modo que *a segundo* em «*A segundo a policia Melindana*» nos *Lusiadas* VI 2, e *a como* em «*a como cahyr em soorte*» no *Cancioneiro de Rêsende* I 271, 6.

XLIII 5. Cf. «Porque ese cantar fué llanto», Sá de Miranda, pag. 118.

9. A fórmā *são* como primeira pessoa é corrente ainda durante o seculo XVI.

XLIV 4-5. *derom* = dessem; *descontárão-se* = descontar-se-hião.

7-8. O dr. Th. Braga escreve: *quando me á lembrança vem | do primeiro querer bem.* Esta construção, embora tenha correspondente no latim *mihi venit in mentem alicuius rei* (Madvig, *Grammatica*, § 291, obs. 3.^a), não me parece que fosse á que o poeta quis empregar.

9. Cf. «O chiunque tu fosti, che insegnasti | Primo a vender

45. Não tenho que lhe falar,
se não são couças passadas;
se lhe estas quero contar,
vão ser todas namoradas
pera o pouco namorar.
Fóra elle o meu amor,
e vivêra eu pobremente!
Que grande engano de gente!
Que pobreza ha i maior
que a vida descontente!

46. Quando com elle me assento
mil vezes cão em mingoa,
porque, por esquècimento,
falando descobre a lingoa
o que está no pensamento.
Faz-nos isto então ficar,
eu muda, elle mudado;
ama-me como he amado;
pera me d'isto guardar,
por bem ei o guardar gado.

XLV 1 *F* falar. *T* fallar. 2 *F* fam. *D* em. 3 *FD* contar. *T* cantar. 5 *F* pera o pouco. *D* para pouco. 6 *FA* o meu. *C* meu. 7 *BD* eu pobremente. *S* prouemente. 8 *F* de. *D* da. 9 *B* ha hi. *S* a hy. *T* he hi. *D* ay.

XLVI 1 *S* masento. 2 *BD* mil vezes. *S* a falar. 4 *B* lingua. *T* lingoa. 5 *BD* estaa [*D* estaa]. *S* jaz. 6 *F* Faznos isto [*B* ysto]. *D* Fazlho isto. 7 *F* eu muda elle. *D* eu mudo, e elle. 9 *D* para. 10 *B* por bom aj. *T* por bom ey. *S* por bem ey. *D* hey [*A* ey] por bem. 10 *BD* guardar o gado (*B* guado, *T* gado). *S* ho guardar gado.

l'amor, sia maledetto! Il tuo ce-
ner sepolto. Tasso, *Aminta*, II 1.

XLV 1-2. No português anti-
go, quando, com «se não», se res-
tringe a generalidade de um as-
serto, empregava-se frequente-
mente uma oração condicional
com o verbo «ser» (v. g. «se não
são couças passadas») em vez de
se contrahirem em uma só oração
os dois membros da frase («se
não couças passadas»).

4. (cousas) *namoradas* = de
amores, relativas a amores, cf.
«estas namoradas estranhezas»
Lusiadas III 122.

5. *namorar* = dar contentamen-
to; contrapõe-se-lhe *desnamorar*
(cf. «polla mays desnamorar» *Can-*
cioneiro de Rêsende I 251, 10).

9. *ha i* corresponde ao fran-
cês *il y a*; encontra-se a cada pas-
so no português antigo.

47. Maria perdi, mesquinha;
 logo, em fermos apartadas,
 do meu mal fui adevinha.
 Milhor fejão suas fadas
 do que foi a fada minha.
 Deos a dê ao seu Chrisfal
 por ambos contentes fer;
 e mais não lhe quero ver,
 mas já sei pello meu mal
 o bem d'outrem escolher.»
48. Quando a eu assí ouvi
 doer-se de minha pena,
 com novos olhos a vi,
 e então que era Elena,
 minha amiga, conheci.
 Esta pastora e dama
 certo que milhor lhe ia,
 quando a cantar ouvia
 dando fé que em sua cama
 o velho não dormiria.
49. Pena me deu de não crer
 vel-la em tal tristeza posta;

XLVII 2 *BD* em fermos. *S* fomos. 3 *B* do. *SD* de. 4 *F* mi-
 lhor. *T* melhor. 4 *BD* fejam. *S* feram. 6 *B* Deus a dee. *ST* Deos a
dé [*S* de]. *A* Deos de. *C* Deos lhe dé. 7 *B* feer. 8 *B* veer. 9 *B* jaa
 fei. *S* casey. *A* ja fer. *C* já sey. 9 *B* pelo. *S* pello. 10 *S* o.

XLVIII 1. *F* a eu assí [*S* assí] ouui. *D* eu assí ouuir. 2 *FD* de.
T da. 5 *B* amigua. *T* amiga. 6 *BD* e. *S* he. 7 *F* milhor. *DT* me-
 lhor. 7 *F* hia. 8 *F* a. *D* a eu. 9. *B* fee. 9 *F* em. *D* na. 10 *BD* dor-
 miria. *T* dormia. *S* dormeria.

XLIX 1 *BD* de nam [*T* não] crer. *S* nam querer. 2 *F* vella.

XLVII Segundo cremos, *logo* em sermos apartadas equivale a «*logo* ao sermos apartadas».

8. Parece-nos que o sentido é: e não lhes desejo mais bem (do que serem contentes; pois que é o contentamento a maior felicidade; cf. est. 45. v. 9-10; 86, v. 4-5).

9-10. Por ser a lição de todas as edições foi que deixámos ir no texto *mas*; não padece porém duvida, a nosso ver, que tal con-

juncção não tem aqui lugar, mas sim uma particula causal, naturalmente «pois».

9. *pelo meu mal*=por minha infelicidade.

XLIX 1. *Pena-de não crer=* pena incrivel; cf. Carta, v. 9.

2. «pôr em tal ou tal estado de animo» é frase vulgarissima no português antigo; cf. est. 58, v. 5; 76, v. 4 e 9; 81, v. 6; «posta em sossego» *Lusiadas* III 120.

quisera-lhe eu responder,
mas trespôs húa trespusta,
pelo qual não pode fer.
Depois de ver-me sem vel-la
os meus olhos me chorárão;
quantas coufas lhe lembrárão
que antre mim, Maria, e ella
em outros tempos passárão!

50. Desque aqui com meu cuidado
me estive fazendo guerra,
fendo o dia já passado
vi-me levado da terra
contra as nuvês alçado.
Então, como ave voante,
de quem me alli trouxera
sonhei que levado era
contra onde a tarde ante
o sol vi que se posera.

T vel-a. 3 *F* quisera. *DT* quizera. 3 *B* lhe eu. *S* lheu. 4 *F* trespôs. *DT* trespoz. 5 *BC* pelo. *SA* polo. 6 *S* Depois. 6 *BD* ella. *S* vela. 8 *F* lhe. *DT* me. 9 *F* antre. *D* entre. 9 *BD* mim. *S* my. 10 *T* outro tempo.

L 1 *BD* Desque aqui com. *T* Desde aqui com. *S* Desque ysto. 2 *S* esteve. 3 *FD* o [S ho] dia. *T* dia. 4 *S* de. 5 *B* nuneis. *SA* nuvês. *C* nuves. 6 *B* como que voante. *D* com força pujante. 9 *B* contra onde a tarde, ante. *T* contra onde á tarde ante. *D* contra donde a tarde ante. *S* por meu caminho auante. 10 *BD* puzera.

5. Preferimos a lição de *S* por offerecer um equívoco inteiramente no gosto do poeta. *Depois de ver-me sem vel-la*—depois de ver que não a via; cf. est. 75, v. 9.

8. *lhe* (=lhes) refere-se a "olhos"; quanto á personificação cf. est. 55, v. 1.

8-10. O dr. Th. Braga não põe sinal de pontuação depois de *choraram* e põe ponto final depois de *passaram*.

XLI-XLIX. O dr. Th. Braga admite que a pastora Elena seja D. Maria Manoel, dama da rainha

D. Catharina, e o seu esposo o duque D. Jorge de Lencastre. Effectivamente D. Jorge (1481—1550), quando já se avizinhava dos setenta annos pretendeu casar com D. Maria Manoel que então contava apenas dezaseis annos (Sousa, *Historia Genealogica*, liv. XI, pag. 24). Mas se tal matrimonio não chegou a realizar-se (obra citada, pag. 29), segundo o proprio dr. Th. Braga affirma, não comprehendemos como possa admittir aquellas identificações.

51. Indo nam com menos dor,
em que já com mais fosfego,
os ventos me forão por
depois de passar Mondego
sobre as ferras de Lor.

Vão alli grandes montanhas
de alguns valles abertas,
todas de foulos cubertas,
aos naturais estranhas
mas á saudade certas.

52. Junto de húa fonte era
o lugar onde fui posto,
onde se-lo não quisera,
fendo bem lugar de gosto
pera quem gosto tivera;
mas a mim nem o passado
nem o que me era presente
nada me não fez contente,

LI 1 *B* Hindo. *S* Indo. *T* Indo. 1 *BD* nam com. *S*
com nam. 1 *B* door. 2 *B* em que jaa. *S* inda que. *D* com que ja.
2 *F* com mais fosfego (*S* fosfego. *T* socego). *C* fosfego. 3 *B* poor. 4
BA depois de. *C* despois de. *S* ate. 4 *BA* Mondegoo (*A* Mondego).
SCT o Mondego. 5-10 *S* andando de mal em pior. | Ali vi grandes
montanhas | de grandes valles cubertas | aos naturaes estranhas |
onde vi muy descubertas | minhas magoas fer tamanhas. 5 *B* Loor.
DT Lor. 7 *B* vales. 8 *B* foulos. *D* toures. 8 *T* cobertas. 9 *BD* na-
turais. *T* naturaes. 9 *BD* estranhas. *T* extranhas. 10 *D* mas as
saudades certas.

LII 2 *F* fui. *D* foy. *BA* felo. *C* féfo. (Tambem em *A* o *l* pa-
rece um *D*). *S* certo. 3 *B* quizera. 4 *BD* fendo. *S* e em. 4 *F* bem.
D hum. 5 *F* pera. *DT* para. 7 *B* me era. *SD* era. 8 *F* nam fez. *D*

LI 4. *Mondego*, sem artigo co-
mo em «e Guadiana | Atrás tor-
nou as ondas de medroso», *Lu-
siadas* IV 28.

5-6. O artificio da divisão de
uma palavra (aqui *Lorvão*) entre
dois versos ocorre por vezes na
literatura d'aqueles tempos: v.
D. Carolina Michaelis a pag. 872
da sua edição de Sá de Miranda.

9-10. O sentido parece ser que
são aquellas montanhas mal co-

nhecidas dos naturaes d'aqueles
sitiós, mas conversadas e por is-
so bem conhecidas d'aqueles a
quem as saudades pungem. So-
bre a significação de «estrano»
cf. a est. 85, v. 6-8.

LII 8. cf. «Nada me fez con-
tente» Camões, ecloga 2.^a No
português archaico antepunhão-
se ao verbo duas negativas, co-
mo neste lugar.

que nisto o magoado
he como o muito doente.

53. Cuberta era a fonte
de tão fresco arvoredo,
que não sei como o conte,
mui quieto e mui quedo,
por ser antre monte e monte;
a noite de ventos muda,
como saudade escolha,
e, porque mais prazer colha,
chovia agoa meuda
por cima da verde folha.

54. Depois que alli chegava,
ou depois que alli cheguei,
sonhava que accordava,
e do que atrás passei
de ser sonho me lembrava.
O que então me era mostrado
tendo só por verdadeiro,
ao pé de hum castanheiro

fez fer. 9-10 *S* mas folguey de fer achado ! muy cheo de descontente. 9 *B* maguado. *T* magoado.

LIII 2 *S* frefquo. 4 *SD* estar junto de huñ (*D* hum) penedo. 5 *F* por fer antre. *A* por antre. *C* por entre. 7 *BD* escolha. *S* fe colha. 8 *FA* tolha. *CT* colha. *B* aguoa. *T* agoa. 9 *F* meuda. *DT* miuda.

LIV 1 *S* Despois. 2 *BD* ou depois. *S* onde despois. 4 *FD* atras. *T* atraz. 6 *S* O. 7 *BD* foo (*D* fo). *S* ho. 8 *B* pee. 8 *F* cafta-

LIII 7. O conjuntivo *escolha*
parece estar empregado em sentido potencial, equivalendo a «escolheria».

8 *porque*=para que. Como a troca entre o *c* e o *t* é frequente na escritura antiga, não duvidámos escrever, com *D*, *colha*, por isso que o verbo «tolher» nos parece aqui inteiramente desacabido, a não ser que Christóvão Falcão empregasse «tolher» no sentido, que em italiano tem ás

vezes o verbo *togliere*, do latim *capere*. O emprego do presente em vez do imperfeito é uma inexactidão syntactica de que não raro se veem exemplos nos escritores antigos.

LIV 1-2. Sobre a especie de tautologia que ha nestes dois versos cf. «Com quem nos consolaremos, ou quem nos consolará», *Cancioneiro de Rêsende* I 462, 16-17.

me pus triste assentado
ouvindo o tōo de hum ribeiro.

55. Meus olhos e eu passámos
alli a noute em clamores
até que ao tempo chegámos
a que nós outros pastores
o dilúculo chamamos.
Naqueste tempo corrompe
a ave que chamão real
o silencio de seu mal,
que he quando a alva rompe
e ó dia faz final.

nheiro. *D* loureiro. 9 *F* pus. *DT* puz. 9 *S* assentado. 10 *BD* ouuindo. *S* ouuir. 10 *B* toom. *S* tōo. *D* tom (em *C* o *t* está apagado). *T* som.

LV 2 *SD* noyte. 2 *BD* clamores. *S* amores. 3 *B* atee. *SD* te (*C* com accento). 3 *BD* ao. *S* ho. 5 *BD* diluculo. *S* dipendio. 6 *F* Naquelle. *D* Naquelle. 6 *C* corrunci. 7 *FD* a aue que chamam leal. *S* aquelle que ama real. 8 *BD* de. *ST* do. 9 *F* a alua. *A* a Lúa. *CT* a lua. 10 *BD* o. *S* ho. 10 *FD* final. *T* final.

10. *tōo* e tambem *bōo* e *sōo* são as fórmas originarias de que resultárão por apocope *tom*, *bom*, *som*.

LV 2. *clamores* = brados de dor; cf. «ho causa de meus cridores», *Cancioneiro de Rêsende* I 369, 24.

6-8. A expressão «corromper o silencio», como synonyma da frase perfeitamente classica «romper o silencio», é insolita. Deve porém notar-se que também João Franco Barreto disse «Não ha—
! muro que não derrube e não corrompa» (*Eneida* II 122). *A ave que chamão real* é o rouxinol, ave em que, segundo uma versão da lenda grega, foi metamorfoseada uma das filhas de Pandion, rei de Athenas, Philomena, a quem, depois de a violar aleivosamente, seu cunhado Tereo havia cortado a lingoa. (v. Ovidio, *Metam.* VI 424-676). Na 3.^a elegia tambem Camões diz

«Quando a roxa manhã dourada e bella | Abre as portas ao Sol, e cae o orvalho | E torna a feus queixumes Filomela», e Angelo Policiano «E l'Usignol sotto l'amate fronde | Cantando repe-te l'antico pianto» *Stanze* (ed. de 1753).

9-10. ó (=ao) *dia faz final* corresponde a «abre as portas ao Sol» no passo de Camões acima citado. Na traducção de Arato feita por Cicero a aurora é chamada *praenuncia solis*. O dr. Th. Braga, que adopta no verso 9 a lição inaceitável «a lua» (lição que provém de ter-se tomado erradamente o *u* de *a alua* por vogal e não por consoante), substituindo depois arbitrariamente no verso 10 *final* por *final*, pôs a segunda parte da estancia em contradicção com a primeira, na qual se designa expressamente o alvorecer.

56. Então por que tudo fale
contando as mais paixões,
que rezão he que não cale,
ouvi gritar huns pavões
lá no mais baixo do valle;
tras isto, pouco tardando,
hum doce cantar ouvia,
que na minha alma cahia,
o qual eu bem escutando
entendi que assi dezia.

CANTIGA

57. Não sei pera que vos quero,
—pois me d'olhos não servis—,
olhos, a quem eu tanto quis!

VOLTAS

58. Pera ver me fostes dados;
vós só a chorar vos déstes,
e, se eu tenho cuidados,
meus olhos, vós m'os fizestes;
desque nelles me pusestes,

LVI *BD* Entam. *S E* então. 1 *BD* fale. *S o falle*. 2 *B as*
mais. *SD* minhas. 3 *F he*. *D ha*. 3 *SC* calle. 4 *S huñs*. 5 *FD* laa
(*S la*, *D lá*). *T jaa*. 5 *F* baixo do valle (*B vale*). *D* alto do monte.
6 *B* Tras isto. *S* Tras disto. *DT* Traz isto. 8 *S* caya. 9 *B o qual*.
S ho que. *D a qual*. 9 *S* escutando. 10 *C assim*. 10 *F* dezia. *TD*
dizia.

LVII *B e S* não trazem a rubrica «Cantiga». (Vem em *T*, com a devida advertencia).

1 *BD* para. 2 *D e* pois olhos me não servis. 3 *BD* quem (*B* quim. *T* quem). *S* que. 3 *B* eu tanto. *SD* tanto. 3 *FA* quis. *CT* quiz.

LVIII *B e S* não trazem a rubrica «Voltas». (Vem em *T* com a devida advertencia).

2 *B* vos foo. *SD e vos*. 5 *BD* puzeftes. *S* puseftes. 6 *B de*.

LVI 1. *porque tudo fale*=para que (eu) diga tudo.

8.—que me abalava a alma.

9. No seculo XVI já existia a par de «escutar» a forma «escutar».

LVIII 1-2. Note-se o equívoco entre *fostes dados e a chorar vos déstes* (em latim *lacrimeis vos tradidistis*).

5. *nelles*, sc. cuidados.

do descanso me fogis,
olhos, a quem eu tanto quis!

59. Meus olhos, por muitas vias
ufais comigo cruezas;
tomais as minhas tristezas
pera vossas alegrias;
entrão noites, entrão dias,
olhos, nunca me dormis,
olhos, a quem eu tanto quis!

60. Quando vós primeiro vistes,
que não me era bôô fabeis;
mas, por gozar do que vieis,
em meu dano consentistes;
o que então me encobristes
agora m'o descobris,
olhos, a quem eu tanto quis!

61. Ando-vos a vós buscando
couças que vos dem prazer,
e vós, quanto podeis ver,
tristezas me andais tornando;
agora vou-vos cantando,

SD do. 6 *F* descanso. *A* descanso. 6 *B* fugis. *S* fogis. 7 *BD* quem.
S que. 7 *B* eu tanto. *SD* tanto. 7 *FA* quis. *CT* quiz.

LIX 2 *B* ufais. *T* uzais. *S* huzais. 2 *FD* comigo (*B* comigo).
T commigo. 5 *B* Entam noites entam dias. *S* em tam noytes em
tam dias. *D* entrão noites passão dias. *T* Entram noites, entram
dias. 6 *B* nunqua. 6 *D* e vos nunca me dormis. 7 *BD* quem. *S* que.
7 *B* eu tanto. *SD* tanto. 7 *FA* quis. *CT* quiz.

LX 2 *BD* me era. *S* mera. *T* era. 2 *B* boom. *SDT* bom. 2 *C*
fabeis. 3 *FD* gozar. *T* gosar. 5 falta em *T*. 6 *BD* mo. *S* me. 6 *BA*
descubris. *SCT* descobris. 7 *BD* quem. *S* que. 7 *B* eu tanto. *SD* tan-
to (*C* tantos). 7 *FA* quis. *CT* quiz.

LXI 1 *F* a. *D* eu a. 3 *F* quanto. *D* quando. 3 *FD* podeis. *T*
podeis. 4 *B* tristezas. *SD* tristeza. 4 *B* me andais. *S* mandais. *D* me

primum). *vistes* == exorcitastes a
faculdade de ver.

LX 1. *Quando - primeiro* == a
primeira vez que (em latim *cum*)
LXI 4. *tornando* == dando em
paga.

vós a mim chorando me is,
olhos, a quem eu tanto quis!

FIM

62. Quem o que digo cantava,
desque o cantado teve,
não sei o que o causava,
mas espaço se deteve,
assí como que cuidava;
depois de cuidado ter,
a voz de novo alçou
e este cantar começou,
o qual devia de ser
aquillo em que cuidou.

CANTIGA

63. Como dormirão meus olhos!
Não sei como dormirão,
pois que vela o coração.

eftais. 6 *S* mi. 6 *BD* his. 8 ys. 7 *TD* quem. *BS* que. 7 *BA* eu tanto. *SC* tanto. 7 *FA* quis. *CT* quiz.

B e *S* não trazem a rubrica «Fim».

LXII 1. *B* diguo. 2 *B* desque o. *S* despois que o. *D* depois que. 3 *B* que. *DT* o que. *S* porque. 4 *F* mas. *D* mais. 5 *FA* assí (*S* assy). *CT* assim. 5 *FA* como que cuidava. *C* como o que andava. 6 *S* Despois. 7 *S* de nouo ho que falou. *D* de nouo a voz alçou. 8 *F* este. *D* e este. *F* de fer. *D* nacer (*C* nañcer). 10 *F* aquilo. *T* aquillo. *D* daquillo.

LXIII *B* e *S* não trazem a rubrica «Cantiga». (Vem em *T* com a devida advertencia).

2 *D* meus olhos como dormirão. 3 *SD* vella.

LXII 2. No português antiguo usava-se, em orações temporaes, o preterito composto com «tive» no mesmo sentido que

o chamado «preterito anterior» francês.

5. V. a nota á estancia 41, verso 8.

VOLTAS

64. Toda esta noite passada,
que eu passei em sentir,
nunca a pude dormir,
de fer muito acordada;
dos meus olhos foi velada;
mas como não velarão,
pois que vela o coração?
65. As horas d'ella cuidei
dormi-las; forão veladas;
pois tão bem as empreguei,
dou-as por bem empregadas.
Todas as noutes passadas
nesté pensamento vão,
pois que vela o coração.
66. Passaros, que namorados
pareceis no que cantais,
não ameis, que, se amais,
de vós fereis defamados.
Em meus olhos agravados

LXIV *B* e *S* não trazem a rubrίca «Voltas». (Vem em *T* com a devida advertência).

2 S pafey. *2 FD* em o. *3 B* nunca a. *S* nunca ha eu. *D* inúca eu. *5 F* dos. *D* de. *5 S* fuy. *6 F* mas. *A* mais. *C* pois. *7 S* vella.

LXV *1 SD* oras. *1 B* della cuidei. *S* dellas chorey. *D* que eu cuyaiei. *2 BD* dormilas. *S* dormillas. *2 B* veladas. *SD* choradas. *3 B* tambem. *T* tão bem. *3 D* mas pois niffo as empreguei. *4 B* douhas. *T* dou-as. *5 SD* noites. *7 F* pois que vela (*S* vella). *D* nelle vela.

LXVI *1 B* Pasaros. *T* Passaros. *2 F* no que. *D* e que. *3 FA* que fe. *C* fe. *4 C* defamados. *7 S* vella.
B e *S* não trazem a rubrίca «Fim».

LXIV *2. em sentir, sc.* que (a noite) ia passando (o que não aconteceria, se dormisse).

4. de está em sentido causal.

6-7. O dr. Th. Braga põe no fim da frase ponto final.

LXV *passadas* liga-se a *vão* como nome predicativo.

LXVI *5. Cf. «meus olhos sam agrauados», Cancioneiro de Rende* II 599, 20.

vereis se tenho rezão,
pois que vela o coração.

FIM

67. Como a cantiga mostrava,
femenil, a meu cuidar,
era a voz de quem cantava,
que, por mais de bem cantar,
eu ouvir me contentava;
porque, de quem fer podia,
então fospeita me deu,
que todo o cantar seu
era o da minha Maria
ou a do desfejo meu.

68. Com hum temeroso prazer,
que soe ter quem desfeja,
desfejava eu de ver
a quem eu ainda veja
antes da vida perder.
Neste desfejo, de cima
estando-a eu ouvindo,
a Deos fer ella pedindo,
vi-a vir o vale acima
em seu cantar prosigundo.

LXVII 1 *F* Como a. *D* Como. 2 *B* femenil (*T* feminil) a meu cuidar. *S* fuyme eu logo julgar. 4 *B* quem. *SDT* que. 4 *BD* de. *S* que. 5 *B* eu ouuir me. *SCT* em ouuir me. *A* em ouuirme. 7 *FD* fospeita (*S* fospeyta). *T* suspeita. 7 *F*,₁ me. *C* de. 8 *F* que. *D* por- que. 8 *F* ho. *T* o. 9 *FA* era o (*S* ho). *C* era. 10 *FD* a (em *A* a le- tra está apagada). *T* o.

LXVIII 1 *F* Com hum temeroso. *D* Como o incerto. 2 *F* soe. *D* pode. 2 *B* teer. 2 *B* recea. *SD* desfeja. 3 *B* desfejaua. *S* esperando. *D* esperau. 6 *BC* de fina. *S* desfima. *A* de cima. 7 *B* estan- do ha. *T* estando-a. 8 *BD* Deos (*B* Deus,) fer. *S* deos por. 9 *B* via (*T* vi-a) vir o vale. *S* vir a vy pollo valle. *D* via vir pelo valle. 10 *BD* em. *S* e. 10 *SDT* proseguinto.

LXVII 2. *a meu cuidar* (=se- gundo me parecia) vem tambem, por exemplo, no *Cancioneiro da Vaticana*, n.º 647.

4. *mais de bem*=optimamente.

5. «eu contentava-me ouvir»

(=sentia prazer em ouvir) é syn- taxe antiga.

10. *a, sc. Maria, dō desfejo meu*=minha desejada.

LXVIII 10. *prosiguir* é fórmá archaica, parallelia a *proseguir*;

69. Muito a vi eu mudada,
mas com tudo conheci
ser a minha desejada
a quem, ali vendo, vi,
a vista no chão pregada,
com o seu cantar pensoso
e passadas esquecidas
ao tōo d'elle medidas,
vestida vir de arenoso,
as mãos nas mangas metidas.

70. Húa coifa não lavrada,
antes sem nenhum lavor,
e em cima, por mais dor,
húa talhinha pedrada
ou hum pedrado atanor.
Quisera-a ir receber
vendo-a ante mim presente,
mas não pude de contente,
que indo pera me erguer,
de prazer me achei doente.

LXIX 1 *D* demudada. 2 *F* conheci. *D* a conheci. 4 *B* a quem
ali vendo. *S* a que ali vendo. *D* a que ali (C assim) vindo. *T* a
quem assi vindo. 5 *F* Com. *D* Como (em A o segundo o está apa-
gado). 6 *F* pentofio (*B* pentozo). *DT* penofio. 8 *B* toom. *SD* tom. *T*
soom. 8 *BD* delle. *S* dellas. 9 *F* vir. *DT* a vi. 9 *SD* darenoso.

LXX 1 *A* coufa. 3 *F* encima (*S* encima). *T* em cima. 3 *B*
door. 4 *BA* talhinha. *S* talinha. *D* toalhinha. 5 *B* a tenor. *S* tanor.
D tenor. 6 *B* Quisera a. *S* Quisera. *DT* Quizera-a. 6 *F* ir (*B* hir. *S*
yr. *T* ir). *D* vir. 7 *B* vendoha. *T* vendo-a. 7 *S* my. 9 *FA* que yndo.
C quando. 9 *F* pera. *DT* para. 9 *BD* me erguer. *S* ho fazer. 10 *S*
machey.

cf. *Cancioneiro de Rêsende* II 249
rubrica, 280 rubrica.

LXIX 1. A lição *demudada*
é possível que seja a original;
cf. «tam triste, tam demudada |
que casi a nam conhecys», *Cancioneiro de Rêsende* I 310, 33-34.

4. De *vi* depende o infinito *vir*
do verso 9.

7. *esquecidas*=muito lentas.

9. *arenoso* (=côr de areia) vem

também, por exemplo, na *Miscellanea* de Leitão de Andrade:
«calções de raxa arenosa» (pag.
196 da ed. de 1629).

LXX 1. «atanor, tanor, tenor»
(que todas as três formas ocor-
rem, e também «atenor», se a li-
ção de *B* é certa) era uma espe-
cie de vasilha; cf. *Cancioneiro de Rêsende* III 158, 16; II 482, 29;
I 216, 17.

71. Vendo então que me forçava
o prazer fazer demora,
olhei o que mais passava
e vi que aquella hora
comigo emparelhava;
dando huns mui doces brados
faídos do coração,
á cantiga vinha então
«Em meus olhos agravados
vereis se tenho rezão».
72. Ao que eu responder
me lembra: «São agravados?
Podem logo os meus dizer
que são bemaventurados,
pois que vos podérão ver.»
Como ella em me ouvir
grão sobrefalso sentisse,
quis fogir; mas, quem lhe disse
que se podesse em fogir,
lhe fez com que não fogisse.
73. Nas mulheres o temor
tanto o poder impede,

LXXI 2 *F* o prazer. *D* o gosto a. 4 *B* via. *SD* vi. 5 *FD* co-
migo (*B* comigo). *T* commigo. 7 *BD* faídos. *S* caydos. 8 *D* vinha
a cantiga entam. 10 *BD* vereis. *S* vede.

LXXII 1 *B* Ao. *S* A ho. 5 *B* puderam. *ST* poderam. 6 *FA*
ella. *C* em ella. 8 *F* quis. *DT* quiz. 8 *BD* fugir. *S* fogir. 9 *BD* pu-
desse. *S* podesse. 9 *B* em fugir. *SD* a fogir (*D* fugir). 10 *BD* fugisse.
S fogisse.

LXXIII 1 *FD* mulheres. *T* mulheres. 2 *FA* o poder. *C* po-

LXXI 1-2. «forçar» (e «obri-
gar», como tambem «começar» na
est. 78, v. 5, est. 95, v. 10) com
infinito sem preposição é synta-
xe archaica.

4. Se a lição de *B via* [=vi-a]
que emparelhaua é certa, ha aqui
a mesma construcção que no
francês *Je la vois qui chancelle*.

6-8. O dr. Th. Braga escreve
«a cantiga»; mas assim não se
ligão convenientemente as partes

da frase; por isso nós escreve-
mos «á cantiga» interpretando:
neste ponto da cantiga.

LXXII. 2. O dr. Th. Braga
põe dois pontos depois de *agra-
vados*.

LXXIII 2-3. Em *tanto—quan-
to maior* por «tanto mais—quan-
to maior» ha a mesma irregula-
ridade que frequentemente se en-
contra em Tacito, v. g. *quanto
inopina tanto majora* (*Ann.* I 68).

quanto o medo maior for,
e contra donde procede,
os olhos custumão pôr.
Ella, fazendo assim,
vendo-me ficou mudada;
depois, já em si tornada,
se chegou mais pera mim
a ser bem certificada.

74. Depois de me visto ter,
e já que me conhecia,
lagrimas lhe vi correr
dos olhos, que não movia
de mim, nem nada dizer.
Eu lhe disse: «Meu desejo»
—vendo-a tal com assaz dor—
«desejo do meu amor,
crerei eu ao que vejo
ou crerei ao meu temor?»

75. A isto, bem sem prazer,
me tornou então assim
com voz de pouco poder:
«Chrisfal, que ves tu em mim,
que não seja pera crer?»

der. 2 F impede. DT impede. 3 F quanto. D quando. 5 F custumam (*S* custumão). DT costumam. 6 FD Ella. T E ella. 6 FA assim. CT assim. 9 F pera. DT para. 9 BC mim. SA mi. 10 S fertificada.

LXXIV 1 S Despois. 1 D de visto me ter. 5 BC mim. SA mi. 6 D Disse eu ao meu desejo. 7 D vendo o. 7 B assaz. T assaz. 8 F do. D de. 10 F ao. D a.

LXXV 1 FA ysto. D E isto. 2 F assi. T assim. D a si. 4 BA que ves tu em mim (4 mi). S tu que ves em mi. C que vez em

2. O substantivo «poder» no português antigo emprega-se muitas vezes por: as faculdades, as forças (físicas ou moraes); cf. est. 75, v. 3. impedir, bem como *emperador*, *enveja*, etc., é pronuncia antiga usual.

4. *contra donde procede* (sc. o temor); cf. est. 92, v. 7.

8. já em si tornada. Cf. est. 93, v. 10.

LXXIV 2. já que é conjunção temporal (=agora que).

6-8. Cf. «Assy eu de vós partindo, I desejo de minha vida» *Cancioneiro de Rêsende* I 321, 15-16.

6-10. O dr. Th. Braga não põe nenhum sinal de pontuação no fim do 6.º verso nem no fim do 7.º e põe ponto final no fim do 10.º

Eu lhe respondi: «Perder-vos
de vos ver por tanto anno
faz-me assim temer meu dano,
que vejo meus olhos ver-vos
e temo que me engano.»

76. «Pois crê certo que esta são»
—deu a isto por reposta,
ainda que alegre não—
«e quem em tal dor he posta,
o que d'ella não crerão?
Bem he de crer o meu choro
a que tu causa me déste;
não t'espante o que fizeste,
que quem me pôs neste foro
tu es o que me poseste.
77. Por ti vim eu desterrada
a estas estranhas terras
de donde eu fui criada,
e por ti antre estas ferras
em vida são sepultada,

mim. 6 *BD* perderuos. *S* perdiuos. 7 *S* ano. 8 *BD* fazme. *S* fazem.
8 *SA* affi. 9 *BD* meus olhos veruos. *S* afi meus olhos viuos.

LXXVI 1 *B* cree. *T* crê. 1 *BD* certo que. *S* que certo. 2 *F*
deu a isto. *A* deum [com espaço para um el] isto. *C* deu isto. 2 *B*
resposta. 3 *B* aynda. *TD* ainda. *S* inda. 5 *F* della. *D* de mim. 6 *FA*
de crer. *C* crer. 6 *FD* o meu. *T* meu. 7 *F* causa. *D* a causa. 9 *F*
me. *D* mo. 9 *F* pos. *DT* poz. 10 *FD* me. *T* o. 10 *B* puseste. *S* po-
feste. *DT* puzefte.

LXXVII 1 *BD* vim eu. *S* me vi. 1 *D* desterrado. 2 *BD* a. *S*
em. 2 *FD* estranhas. *T* extranhas. 4 *F* antre. *D* entre. 5 *FA* fam.

LXXV 6-7. *perder-vos | de vos*
ver=deixar infelizmente de ver
vos.

LXXVI 1. «este, esta» como nome predicativo em lugar de «o» ocorre bem vezes no português antigo.

2. *represa* é, conformemente à etymologia (de *reposita*, participio neutro de *repono*), ainda hoje a pronuncia popular e é d'este modo que a palavra se acha quasi sempre escrita até os

fins do seculo passado. A forma *resposta* provém nos tempos modernos de suppor-se erradamente que se liga, quanto á etymologia, ao verbo *responder*, e nos tempos antigos é devida, a nosso juizo, á influencia do castelhano *respuesta* e do italiano *risposta* (assim como é devida á influencia do italiano a graphia *Africa* nos *Lusiadas* I 2, etc.).

LXXVII 1. *Por ti*, em latim:
propter te.

onde a se me perderem
a frol dos annos se vão;
ora julga se he rezão
das minhas lagrimas serem
menos d'aqueás que são».

78. Despois que isto falou,
como quem em si respeita,
as mãos ambas ajuntou
e postas na face direita
dizer assi começou:
«Sobre o muito que perdi,
nenhúa coufa duvido
em ter o faber perdido,
pois tão mal me defendi
do que me era defendido.»
79. Eu lhe perguntei a-hora
mui triste de assi a ver:
«Quem teve tanto poder,
que tenha poder, senhora,
de nada vos defender?»
Respondeo por antre dentes,
como fala quem se peja:

C sou. 6 *BD* a se. *S* assi. 7 *F* frol. *D* flor. 9 *F* das. *D* de. 10 *F* da-
questas que fam. *D* destas que ora são.

LXXVIII 1 *F* Despois. *D* E depois. 1 *F* ysto. 2 *BD* em si res-
peita. *S* assi respeita. *T* em si espreita. *BD* e postas. *S* postas. 5 *FA*
dizer. *C* dizendo. 5 *B* assi. *C* assim. 5 *BD* começou. *S* me tornou.
7 *C* nenhuma. 10 *BD* me era. *S* mera.

LXXIX 1 *B* a hora. *T* á hora. *SD* a ora. 2 *C* assim. 4 *F* te-
nha. *D* tinha. 6 *F* Respondeo. *DT* Respondeu. 6 *C* entre. 7 *FA* se

LXXVIII 2. *respeita*=consi-
dera, medita; cf. Carta, v. 39. *em si*
respeita, em latim: *secum reputat*.

3. Cf. «ajuntando as mãos (a
maneira de medo de molher) hum
pouco como que vira coufa defa-
costumada ficou», Bernardim Ri-
beiro, f. 11 v. da edição Eborense.

4. *direita*=d'reita. Nos escri-
tores mais antigos as vogais
syncopadas na metrica deixavão-
se muitas vezes ficar na escrita,

7. Em *nenhúa coufa duvido* .
emprega-se *nenhúa coufa* do mes-
mo modo que «nada». Este mes-
mo verso vem em Bernardim Ri-
beiro (f. 72) e no *Cancioneiro*
de Rèsende (II 408, 9).

8. *faber*=bom senso, juizo.
9-10. *me defendi*=me guardei;
defendido=prohibido.

LXXIX 1. *a-hora*=então; cf.
o francês *alors*,

«Dir-t'o-éi, em que erro seja:
defendem-me meus parentes
que te não fale nem veja.

80. E, Chrisfal, he-me forçado
fazer a vontade sua,
porque lh'o tenho jurado
e tambem porque da tua
o certo me tem mostrado;
que me dão certa certeza
porque fazem conhecer-me,
o que eu ei por grão crueza,
o amor que mostras ter-me
fer fô por minha riqueza.»

81. Ouvir-lhe eu isto me era
passar o trago mortal,
que não ha coufa tão fera
como he achar-se o mal
onde o bem achar se espera.
Vendo já que estava posta
em o que eu não esperei,
com minha dor trabalhei
por lhe dar esta reposta
que me lembra que lhe dei.

peja. *C* peja. 8 *F* dirtoey. *T* dito ey. *D* direi. 8 *B* em que erro seja. *S* posto que seja. *D* eu que caro feja. 9 *B* defendeunme. *AT* defendemme. *S* defendemmo. *C* defendeme. 9 *F* parentes. *D* prazeres. 10 *ST* falle.

LXXXI 1 *B* *E* Crisfal. *SD* Chrisfal. 1 *F* he me. *A* he me ja. *C* he jà. 3 *BD* lho. *T* lhe. *S* ho. 6 *D* *E* elles me dão certeza. 8 *F* eu ey. *D* ey. 8 *BD* crueza. *S* emueja. 9 *D* que o amor que. 10 *F* fer. *D* he. 10 *F* foo.

LXXXI Em *S* está a estancia 91 entre a 80 e a 81.

1 Em *A* o *r* de *ouuir* está inteiramente apagado. 1 *F* ysto. 1 *S* inera. 4 *F* como he. *T* que he. *D* como. 7 *F* que eu. *D* que. 9 *T* resposta. 10 *BD* lembra. *S* allembra.

9-10. Nas orações substantivas dependentes dos verbos de «prohibir» o português antigo empregava uma negativa (como acontecia em francês); cf. «seus pays d'ele e d'ela lhe defenderam

que se nam falassem», *Cancioneiro de Rèsende* II 62, rubrica.

LXXXI «fero»=custoso encontra-se tambem, por exemplo, no *Cancioneiro de Rèsende* II 22, 23; 54, 13.

82. «O' Maria, ó Maria,
brando achára meu mal,
fe, pera minha alegria,
vos víra a vontade tal
como me ella fer devia.
Mas não he nova usança,
quem grande bem esperou
não ver o que deslejou.
Muito pode a mudança,
pois que vos tanto mudou!

83. Quem podera fospeitar
que no amor e na fé
me avieis de faltar!
Mas pois isto affi he,
tudo he pera cuidar.
Pois, por mais mal que se guarde,
sempre será meu amor
como a sombra, enquanto eu for:
quanto vai fendo mais tarde,
tanto vai fendo maior.

84. Quando vos dei a vontade,

LXXXII. *B* O Maria, O Maria. *S* O maria o maria. *T* Oh Maria, oh Maria. *C* O' Maria, Maria. 2 *BD* achara. *S* acharia. 3 *SA* pera minha. *BC* para minha. *T* para a minha. 4 *BA* vira a. *S* vira. *C* vírà a. 5 *BD* me ella. *S* ella. 6 *F* vfança. *T* usança. 9 *F* mudança. *D* bonança. 10 *BD* vos tanto. *S* tanto vos.

LXXXIII 1 *BD* pudera. *ST* podera. 2 *F* fee. 3 *F* auieis. *T* havieis. 4 *B* ja (*T* jaa) isto. *SD* yto (*D* isto). 4 *C* assim. 6 *B* Pois por mal que se guarde. *S* Pois por mais mal que se guarde. *D* Por mais mal que se me guarde. 7 *F* sempre fera. *D* fera sempre. 8 *BD* a sombra em (*B* en. *T* em) quanto eu. *S* sombra de quem. 9 *F* quanto vay. *D* quando for. 10 *F* vai. *D* irá.

LXXXII 9-10. Cf. «Que tudo muda húa aspera mudança», Camões, soneto 45.

LXXXIII 3. O dr. Th. Braga põe ponto e vírgula no fim do 3.º verso.

4-5. Cf. *Omnia jam fient fieri quae posse negabam.*

6. *Pois* é aqui particula adversativa.

7-10. Cf. «a magoa deftas lem-

branças he como sombra, que cae de alto monte, que quanto vae fendo mais tarde, tanto vae fendo maior», Heitor Pinto, *Dialogo da verdadeira amizade*, cap. XVII.

LXXXIV 1. *vontade*=coração, alma; cf. «as vontades namoradas», *Cancionero de Rêsende* I 291, 27.

inda vós ereis menina
e eu de pouca idade;
mas cahio minha mofina
sobre a minha verdade.
Muito vos quis bem primeiro
que de riquezas soubesse;
pois meu amor verdadeiro,
de quem só fois interesse,
quem me faz interesseiro.

85. Sobre a terra anda o gado,
e sobre ella ouro e riqueza;
mas pera que he desejado?
que em fim não tira tristeza
e acrecenta cuidado.
Não sei em que se encerra
ser esquecida e estranha
esta verdade tamanha,
cá fica o aver na terra,
o amor a alma acompanha.

86. Nuus neste mundo nacemos
e nuus faremos d'elle;
nesto meio que vivemos

LXXXIV 2 *B* erais. *T* ereis. 3 *F* ydade. 3 *BD* cahio. *S* cayo.
6 *F* vos quis (*T* quiz) bem. *D* bem vos quis (*C* quiz). 7 *SD* riqueza.
7 *B* soubese. *T* soubesse. 9 *F* fo (*B* foo). *D* vós (*A* sem accento). 9
B ynterefe. *T* interesse. 10 *F* faz. *D* foy. 10 *B* ynterefeiro. *T* inter-
esseiro.

LXXXV 1 *S* o. 2 *BD* e sobre. *S* sobre. 4 *S* tera. 5 *B* acre-
centa cuidado. *SD* acrecenta ho (*D* o) cuidado. 6 *B* emgerra. *T* en-
cerra. 7 *SD* e estranha (*T* extranha). *S* estranha. 9 *BD* ca. *S* qua.
9 *F* auer. *T* haver.

LXXXVI 1 *B* Nuns. *T* Nús. *S* nuus. *D* Nos. 1 *BD* nascemos.
S nacemos. 2 *B* nuns. *T* nús. *S* nuus. *D* nos. 2 *F* sayremos. 3 *F*

6. Parece-nos que muito per-
tence para *primeiro*.

8-10. O sentido é claro (com
respeito ao verso 9.º cf. os ver-
bos 9 e 10 da est. 87); mas ha-
uma ellipse insolita do verbo «é»
antes de *quem me faz interesseiro*,
se é que a lição primitiva não
era: *é quem me faz int'refeiro*.

LXXXV 6-7. «encerrar-se em»
=provir de, ser efeito de; ana-

logamente em latim *aliqua re-
contineri* quer ás vezes dizer «as-
sentar em, depender essencial-
mente de».

LXXXVI 1-2. E' reminiscen-
cia do Livro de Job (I 21). O
mesmo pensamento se lê no epi-
gramma grego X 58 da Antho-
logia Palatina.

3. *neste meio*=neste intervallo
entre o berço e a sepultura, nes-

fô o rico he aquelle
que fer contente sabemos.
E que grandes bêes vos dessem
aqueelles que vo-los derão,
eu sei bem que nuus nacerão,
e antes que os tivessem
he certo que não tiverão.

87. Pois se isto he assim
e o eu tambem conheço,
como se crerá de mim
que soffrer o que padeço
pode ser a este fim?
Cuidar que cuidado tinha
das vossas riquezas grossas!
Nas coufas passadas nossas
vereis ser riqueza minha
vós, que não riquezas vossas.

88. Mas que fosse assi e mais,
que remedio vos dão,

meyo que. *D* mundo em que. 4 *B* foo. *S* foo ho. *D* somente. 6 *D*
bêes. 6 *BD* vos. *S* nos. 8 *F* eu sei bem. *D* certo he. 8 *B* nuns. *T*
nús. *D* nos. 8 *B* naceram. *S* naceram. 10 *F* he certo. *D* eu sei bem.
10 *F* que. *D* que os.

LXXXVII 1 *B* fse. *T* se. 1 *F* ysto. 1 *FA* assi (*S* affy). *CT*
assim. 3 *FA* se crera (*T* com o a accentuado. Em *A* o segundo *r*
está apagado). *C* secreta. 3 *S* my. 4 *F* que soffrer. *D* focorrer. 5
BD este. *S* essa. 6 *BD* Cuidar. *S* Cuyday. 7 *BD* vossas. *S* nossas. 7
B grossas. *T* grossas. 8 *BD* nas. *S* das. *T* mas. 9 *B* riqueza minha.
S riqueza a minha. *D* riquezas minhas. 10 *BD* nam. *S* erã.

LXXXVIII. Em *B* falta esta estancia. *T*, tomando-a de *C*, in-
sere-a no texto (bem como a 102) «com o signal *, para serem co-
nhecidas e poderem ser rejeitadas pelos escrupulosos».

1 *C* fossè. 1 *FA* assi. *CT* assim. 2 *S* remedeo. 2 *DT* he (*T* é) o

ta vida mundana; cf. «Neste meo
quem mal cai | Mal jaz». Sá de
Miranda pag. 195.

LXXXVII 7. O dr. Th. Braga
põe virgula no fim do verso.

9-10. A collocação da palavra
vós no principio do verso, termi-
nando nella a oração, lembra a
collocação de "Extopa na falla de
Priamo a Achilles no canto 24

da Iliada. (Veja-se a analyse d'es-
ta falla no *Genio do Christianis-
mo* de Chateaubriand).

9-10. Cf. «e minh'alma e co-
raçam | que tuas riquezas sam»,
Cancioneiro de Rêsende II 384,
7-8.

LXXXVIII Sem esta estan-
cia (que falta em *B*) a estancia

com quem conselho tomais,
á grande obrigação
em que a Deos me estais?
que não são casos pequenos
pera que a alma não doa.»
Respondeo: «Essa he boa!
Dizem que isso he o menos,
que Deos que tudo perdoa.

89. E dizem que eu moça era
ao tempo que isso foi fer;
como tempo de crescer
tinha, que assi justo me era
te-lo de me arrepender.
Isto e mais se me diz,
—crê que te falo verdade,—
que não tinha liberdade,
pera fazer o que fiz,
por minha pouca idade.

que vos dão. *S* vos dam. *SD* quem. *T* que. 3 *C* concelho. *T* conseilho. 4 *S* ha. *DT* á (*D* sem accento). 5 *S* a deos me estais. *DT* quando a Deos mostrais. 7 *S* pera. (Em *A* a primeira vogal está empastada). *CT* para. 7 *SAT* a alma. *C* alna. 7 *S* não. *DT* vos não. 7 *SAT* doa. *C* dou. 8 *S* respondeo. *DT* Respondeo (*T* Respondeu ella). 8 *S* essa. *DT* esta. 9 *S* isso he ho. *DT* isso he (*T* é).

LXXXIX 1 *B* E dizem que eu. *S* E dizem que. *D* Dizeme que. 2 *BD* ao. *S* no. 2 *F* ysto. *D* isto. 2 *FA* foi fer. *C* fer. 3 *B* e como. *S* cõ ho. *A* e com o. *C* e como o. 3 *B* crescer. *SD* crescer. 4 *B* tinha: que assi justo me era. *S* tinha causa justo mera. *A* que tinha bem justo me era. *C* que tinha justo me era. 5 *B* telo: de (*T* tel-o de). *S* tello de. *D* tella de (em *A* o a está apagado). 5 *S* arrepender. 6 *B* ysto. *S* Isto. *T* Isto. 7 *B* cree. *T* crê. 7 *SD* fallo. 10 *F* ydade.

89 não se liga, quanto ao sentido, á 87.

3=aquelles com quem vos aconselhaes.

4-5. Estes versos alludem ao casamento clandestino.

5. O dr. Th. Braga põe virgula no fim do verso.

10. A repetição da conjunção «que» é vulgar no estilo familiar; cf. «não aueria eu por inconveniente que fe a plantasem que nasçesse», Orta, *Colloquio* 19.

(O editor moderno suprimiu indevidamente o segundo «que»). Prática semelhante se dava também em latim com a conjunção *ut*; v. Madvig, *Grammatica Latina* § 480 obs. 2.^a

LXXXIX 2. *foi fer=aconteceu*; cf. «e começandose a ordenar tudo, foy assi fer acaso que ha (=a) hirmãa—detreminara de vir ahi», *Menina e Moça* f. 29.

5 *te-lo=ter tempo.*

90. Então me mândão que meça
amor com quão longe estamos,
pera que mais não me empeça,
e, se prazeres passamos,
os dessemule e esqueça;
e que então me buscarão
hum mui grande casamento,
tão de meu contentamento
quanto meus olhos verão,
e que o mais crea que he vento.

91. E eu de mui esquecida
vou-lhe fazer o contrairo!
A fer tal culpa sabida
fei certo que este desvairo
pagarei com minha vida.
E em isto fer assí
assaz de rezão seria,
pois tão mal naqueste dia
o seu mandado compri
como o que me a mim compria.

XC 1 *B* Entam. *S* Em tā. *1 F* me mandam. *D* mandame. *2 A* amor, com quam. *C* amor, quam. *3 SA* mempeça. *4 F* passamos (*T* passámos). *D* tomamos. *5 F* os. *D* que os. *4 B* dessemule. *T* dessemule. *S* dessemule. *D* diffimule. *9 F* quanto. *D* como. *9 BD* meus. *S* os meus. *10 B* que he. *S* quee.

XCI *B* mui. *S* mi. *D* mim. *2 BD* fazer o. *S* fayr ao. *2 D* contrario. *3 F* a. *D* e a. *4 D* desfuario. *6 BD* ysto. *S* todo. *6 C* assim. *7 B* afaz. *T* assaz. *7 BC* razam. *ST* rezam. *9 F* o (*S* ho). *D* a. *9 F* compri. *T* cumpri. *D* cumprir. *10 B* como o que me amim (*T* a

XC 1-2. O que as palavras que
meça amor com quão longe estamos
querem dizer, não é assaz
claro. Parece-nos haver aqui al-
lusão ao proverbio «Longe da
vista, longe do coração», vindo a
ser o sentido: que avalie Maria
a intensidade do amor pela dis-
tancia a que Maria e Chrisfal se
achavão um do outro.

10. *vento*—cousa sem entida-
de; cf. «tudee vento aa derradeira» *Cancioneiro de Rêsende* III
288, 21.

XCI 1. Em de mui esquecida

ha a mesma syntaxe que em «E
nisto de mimosa | o rosto banha
em lagrimas ardentes», *Lusiadas*
V 41.

O que se lê na estancia posta
por *S* entre a 90 e a 92 não con-
corda com o que se lê nos ver-
sos 6 e 7 da estancia 90, sendo
que segundo aquella estancia os
parentes de Maria já lhe buscá-
rão um casamento; segundo a
estancia 90 hão-de buscar-lh' o
quando ella houver esquecido
Chrisfal.

92. Não te veja aqui ninguem;
 vai-te, Chrisfal, d'esta terra;
 não quero teu querer-bem,
 porque me não dê mais guerra
 da que já dado me tem».«
 Em lhe isto eu ouvindo
 fui pera lhe responder,
 mas, depois de o dizer,
 contra d'onde tinha vindo
 se me tornou a volver.

93. Dei húa voz mui dorida:
 «Porque me negais conforto,
 alma desagradecida?»
 Então cahi como morto;
 oxalá perdéra a vida!
 Não sei eu o que passou
 em quanto isto passei,
 mas junto comigo achei
 quem me este mal causou,
 depois já que em mim tornei.

mim) cumpria. *S* como quem a my comprya. *D* com o que a mim cumpria.

S põe, como já foi dito, a estancia 91 entre a 80 e a 81. No lugar da 91 tem est'outra:

Muytos pastores buscaram
 mas hum pastor por ferte amigo
 e outro por ferte enemigo
 hum e outro se escufaram
 e damlhe logo comigo:
 Bado que faram mil queyjos
 mas ho com que se despediram
 he ja mostrar que temiam
 que ho fabor dos teus beyjos
 na minha boca achariam.

XCII 3 *F* teu. *D* eu. 4 *B* me nam dee (*T* dê). *S* nam me dem. *D* não me de (*C* dê). 6 *B* ysto eu. *SD* eu ysto. 8 *SD* despois. 8 *F* de o. *D* disto.

XCIII 1 *B* dei. *SD* Deylhe. 1 *B* mui dorida. *SA* fentida. *C* tam fentida. 2 *SD* negas. 2 *F* conforto. *D* conforme. 3 *B* desagradecida. *T* desagradecida. 4 *BD* cahi. *S* easi. 7 *F* ysto. 8 *FD* comigo. *T* comigo. 9 *FD* quem me. *T* quem. 9 *B* cauzou (*T* causou). 10 *S* despois. 10 *SD* mi (*S* my).

XCIII 1. Cf. «Com voz de pranto dorida», *Cancionero de Rèsende* I 311, 28.

94. E dizendo: «O' mezquinha!
como pude ser tão crua!»
bem abraçado me tinha,
a minha boca na sua
e a sua face na minha.
Lagrimas tinha choradas,
que com a boca gostei,
mas, com quanto certo sei
que as lagrimas fão salgadas,
aquellas doces achei.
95. Soltei as minhas então
com muitas palavras tristes,
e tomei por concrusão:
«Alma, porque não partiſtes?
que bem tinheis de rezão.»
Então ella affi chorosa
de tão choroso me ver,
já pera me socorrer
com húa voz piadosa
começou-me affi dizer:
96. «Amor de minha vontade,
ora nom-mais, Chrisfal manso,
bem sei tua lealdade;
Jesu, que grande defcanso

XCIV. Em *A* e *C* faltão os cinco primeiros versos. 1 *B* O. *S* ho. 1 *ST* mesquinha. 4 *B* a. *S* e a. 4,7 *F* boca. *T* bocca. 5 *B* e a. *S* a. 8 *B* mas. *SD* e.

XCV *F* entam. *D* tambem. 3 *A* tornei. 3 *FA* conerusam. (*B* concruzam). *C* conclusam. 5 *D* pois tinheis tanta rezam (*C* razam). 6 *F* affi (*S* affy). *D* assim. 8 *D* hia pera (*C* para) responder. 9 *F* piadosa. *D* amorosa. 10 *T* começou-me assi a dizer. *D* começou a me dizer.

XCVI 1 *FD* de. *T* da. 2 *F* ora. *D* era (em *A* o e está apagado). 2 *B* nō mais. *S* nomais. *D* no mais. 2 *B* manço. 3 *FA* tua. *C*

XCIV 8. *mas* está por antici-
pação equivalendo a: e (comquan-
to-) comtudo (—achei).

XCV 1. *as minhas*, sc. lagri-
mas.

3-5. Cf. «y tomo por concluſion | para mas fatisfacion, | de lo
que en feruiros fiento | que no
quiero galardon», Jorge de Mon-

temor, *Cancionero* f. 58 da edi-
ção de Salamanca de 1579. O dr.
Th. Braga põe só virgula no fim
do segundo verso e dois pontos
no fim do quinto. Em *bem-de*
rezão ha a mesma syntaxe que
em *affaz de rezão* na estancia 91,
v. 7.

XCVI 4. Para que *ay* pudesse

he falar com a verdade!
 Eu sei bem que não me mentes,
 —que o mentir he diferente;
 não fala d' alma quem mente;—
 Chrisfal, não te descontentes,
 se me queres ver contente.

97. Quando contigo falei
 aquella ultima vez,
 o choro que então chorei,
 que o teu chorar me fez,
 nunca o eu esquecerei.
 Foi esta a vez derradeira,
 mas começo da paixão
 passando-me eu então
 para o Casal da Figueira
 do Val de Pantalião.

98. Minha fé te he verdadeira;
 no mal que te fiz o vi,
 porque em fim á derradeira
 não quero mal contra ti
 que o meu coração queira.
 Por me ver livre de dor
 deixára eu de te querer,

que tua. 4 *B* ay. *SD* Jesu. 4 *B* descanço. 6 *D* Eu bem fei que me
 não mentes. 7 *BD* mentir. 7 *F* diferente. *T* differente.

XCVII *S* tem esta estancia no lugar da 98 e vice-versa. 1 *B*
 contigo. *T* comtigo. 5 *F* nunca o (*S* ho) eu. *D* nunca o. 6 *B* a vez.
SD vez. 6 *S* deradeyra. 7 *B* da. *SD* de. 9 *IC* para. 9 *FA* casal. *CT*
 Cazal. 9 *FC* da. *A* de.

XCVIII 1 *D* Tua fè me he verdadeira. 1 *F* fee. 3 *BD* a (*T*
 com accento). *S* ha. 3 *C* verdadeira. 5 *FA* que. *CT* quer. 6 *B* veer.
T ver. 6 *B* libre. *T* livre. 6 *F* de. *D* da. 6 *B* door. 7 *BD* deixara. *S*

considerar-se a verdadeira lição,
 seria necessario admittir que o
 poeta empregasse *ái* como disyl-
 labo, o que não parece provavel.
 Christóvão Falcao faz ás vezes
 de *ao* duas syllabas, mas em *ao*
 ha rigorosamente duas palavras.

XCVII. A esta estancia cor-

respondem na Carta os versos
 53-58.

10. Não achámos noticia do
 aqui chamado *Val de Pantalião*.

XCVIII 1. Este verso é repos-
 ta ao que diz Chrisfal na estan-
 cia 88, v. 1-3.

3. *à derradeira*=por ultimo;

se o podera fazer;
mas poder e mais amor
não podem eltar num poder.»

99. Neste paſſo acordei eu;
e o meu contentamento,
que eu cuidava que era meu,
deu-me depois tal tormento,
qual nunca couſa me deu.
Não fei eu que a Deos custava,
porque não me outorgára
que nesta gloria ficára,
ou, pois já que acordava,
que d'isto não me acordára.
100. Assi como nos lugares,
em morte e enterramento,
os sinos dobrão a pares,
morreo meu contentamento,
dobrrão-se meus pesares.
Por quão grão dita tivera,
se por dar fim á tristura

leixara. 7 F te querer. D querer. 8 D e o pudera fazer. 9 F mas. D mais. 9 FD amor. T o amor. 10 BD num. S nhum. 10 F poder. D fer.

IC A e C não tem os cinco ultimos versos. 1 SDT paſſo. B paço. 1 BD acordei eu. S acordey. 3 F que eu. D que. 4 S despois. 6 B fei eu que q̄ a dita. T fei eu que a dita. S fei que a Deos. 7 S outrogara. 10 B me acordara. S macordara. T acordara.

C 3 D dobrão os finais a partes. 4 F morreo. T morreu. 5 F dobraramſe. D e dobrarão. 5 T pezares. 6 F quam grain. D grande. 7 F fim a (B com a maiusculo). D huma. 9 B Deus que eu

cf. Cancioneiro de Rēsende III 434, 4; 283, 21.

IC 6. dita por Deos deve ser alteraçāo devida a escrupulo religioso, alteraçāo inhabil que deixou o verso com uma syllaba a mais. Outro tanto acontece no verso 27 da Carta, onde foi substituído Deos por fortuna ficando o verso com uma syllaba de mais.

6-7. Ha aqui fusão de duas

construções: «não sei porque não me outorgaria» e «não sei que custava a Deos».

8. ficára=ficasse; igualmente no verso 10 acordára=acordasse.

9-10. me acordára=me recordára equivocando com acordava =despertava.

C 3. Cf. «vem as doenças a pares» Cancioneiro de Rēsende III 592, 14.

eu n'este tempo morrêra!
Sabe Deos que eu bem quisera,
mas não quis minha ventura.

101. Não vos posso mais contar,
agoas minhas, minhas agoas,
que não me deixa o pefar.
Ora chorai minhas magoas,
que bem fão pera chorar;
que em que cem olhos tivera,
como teve Argos pastor,
da vaca Io guardador,
mais olhos mister ouvera
pera chorar minha dor.

102. Por me isto alembrar,
não vos pareça estoria,
que as coufas de muita gloria,
como as de muito pesar,
recebe bem a memoria.
Por sonho ante vós ponho
o que eu velando vi;
por meu mal foi todo assi;
mas seja pera vos sonho,
pois sonho foi pera mi.»

bem. SD deos que bem. 9 F quisera. CT quizera. 10 F quis. CT quiz.

CI 1 F posso. D quero. 2 B agueas. T agoas. 3 F me nam.
D não. 3 B pefar. SD o pefar (C pezar). 4 B maguoas. T magoas.
D agoas. 6 BD Que em. S Quem. 8 B yo. T y o. S juno. D foy.
9 F ouvera. T houvera. 10 BD para. 10 B minha. SD tanta. 10 B door. T dor.

CII Em B não vem esta estancia.

1 S ysto. 2 D hiftoria. 4 SDT com (D cõ) as. 4 S de grande
pesar. DT do muyto pezar (A pesar). 6 S átes. D ante. 7 S fem
dormir os. DT eu velando. 8 S por. DT que. 8 S assim. CT assim.
A assi. 9,10 DT para. 10 SA mi. CT mim.

8. O dr. Th. Braga põe virgula no fim do verso.

CI 1-2. Veja-se a estancia 24,
v. 1-7.

CII. Esta estancia, sé é de Christóvão Falcão, foi provavelmente omitida em redacção posterior; em todo o caso parece

que a nenhum respeito faria falta na ecloga.

7. Veja-se a estancia 28, v. 1-3.

9. por meu mal=por desgraça minha. foi todo assim=não passou tudo de sonho. todo por tudo é a forma archaica do pronome.

103. Isto que Crisfal dezia,
 assi como o contava,
 hña ninfa o escrevia
 num alemo que alli estava,
 que ainda então crecia.
 Dizem que foi seu intento
 de escrevê-lo em tal lugar
 pera por tempo se alçar
 onde baixo pensamento
 lhe não podesse chegar.

104. Eu o treladei d'alli,
 donde mais estava escrito
 que aqui não escrevi,
 porque mal tão infinito
 não se lhe pode dar fim.
 O que se fez de Crisfal
 não fabe certo ninguem:
 muitos por morto o tem,
 mas quem vive em tanto mal
 nunca vê tamanho bem.

CIII 1 *B* Ysto. *T* Isto. *S* Isto. *D* isso. 2 *FA* assi (*S* assy). *CT* affim. 3 *F* ninfa. *T* nimfa. 3 *FD* o (*S* ho) escrevia. *T* escrevia. 4 *B* num. *SD* em hum. 5 *BD* aynda. *S* inda. 5 *B* crescia. *SD* crecia. 6 *B* yntento. 7 *B* de escreuelo. *S* descreuelo. 7 *FD* lugar. *T* logar. 8 *D* para. 9 *F* baixo pensamento. *D* o baixo entendimento. 10 *BD* pudesse. *S* podesse.

CIV 1 *F* Eu o. *D* Eu (*A* tem espaço para o o). 1 *DT* treladei. 1 *B* dali. *S* dally. 2 *F* escrito. *T* escripto. 3 *F* que aqui nam. *A* que eu aqui nam. *C* que eu não. 4 *BD* mal. *S* em mal. 5 *B* se lhe pode dar. *S* fe pode dar a. *D* pode nunca auer. 7 *BD* certo. *S* em certo. 10 *F* nunca ve (*S* vee). *D* tarde vê.

CIII 2. *affim como=ao* mesmo passo que.

CIV 1. «treladar» é fórmula antiga em que o s é absorvido pelo l como em «Tra-los-Montes».

2. *donde=onde*. (O povo ainda diz *adonde*).

9-10. A folhas 55 verso das suas obras, Antonio Gomes de Oliveira traz glosado o mote castelhano «Nunca para los tristes huvo muerte».

CARTA

Os presos contão os dias
mil annos por cada dia;
mas os meus sem alegria
como os contarei eu,
5 verdadeiro amor meu,
a quem por meu bem conheço?
pois como preso padeço,
e como a quem vos não vê,
mal, cuja dor se não crê,
10 de prisão e de ausencia;
pois, sem pecar, penitencia
faço de tras de húa grade.
Meus olhos de escuridade
já não vêe, estão mortais;

Na edição de Birckman a carta tem a rubrica já transcripta a paginas 9 (na nota). O dr. Th. Braga tambem a transcreve, pondo porém *parece* em lugar de *paresce* e *Ecloga* em lugar de *Egloga*. S não traz a carta.

6 *A* do que outro amor mereço. *C* que outro amor merecia. 7 *B* prezoo. *T* preso. 8 *D* como quem. 8 *B* vee. *T* vê. 9 *A* qual, cuja dor se nam cre. *C* qual crua dor se não cre. 10 *B* de prifam e. *D* de pefar ou. 12 *B* de tras. *T* de traz. 12 *A* duma. 14 *B* jaa nam veem jaa estã mortais. *T* nam veem, jaa sam mortais. *D* ja não

1. Cf. «a my, que verte desejo,
1 mill anhos se me faz hum dia»,
Cancioneiro de Rèsende I 489, 19-
20; «Ogni giorno mi par più di
mill'anni», Petrarca, Soneto 79 da
edição da *Nuova Biblioteca Popo-
lare*.

8. *como a* em vez de *como por*
analogia com «semelhante a» é
do fallar popular. No português

archaico encontra-se frequente-
mente «coma», que, em nosso
entender, está por «com'a».

9. *mal* é regido de *padeço*.

3-10. A pontuação que o dr.
Th. Braga põe n'estes versos é:
vírgula no fim do 5.^o e do 6.^o
verso, ponto final no fim do 8.^o
e ponto de admiração no fim do
10.^o

- 15 mas pera que era ver mais,
desque vos elles não vírao,
desque de vós se espedirão?
Bem se enxerga nos damnos
que estou prefo ha cinqu'annos
- 20 afora os que ei de estar
passando em desfejar
o tempo que vos não vejo.
Vede que fé de desfejo
em que lugar m'acompanha!
- 25 Nunqua se vio fé tamanha
nem tão mal agradecida!
Não quis Deos que a minha vida
fosse pera mais que isto;
ainda que em vos ter visto
- 30 não naci em vão, senhora;
que a vida he de húa ora,
este bem fendo terreno;
-
.....
.....
.....
.....
- que, quer estê em mim mesmo
quer estê fóra de siso,

vem já são mortais. 15 *D* para. 17 *B* desque. *D* que. 17 *D* despedirão. 20 *BA* os. *C* o. 20 *BC* de estar. *A* deitar. 23 *B* que fee de desfejo. *DT* que fó o desejo (*T* desfejoi). 24 *D* neste lugar acompanha. 25 *BD* vio. *T* viu. 26 *B* nem. *D* e. 27 *B* quis. *T* quiz. 27 *B* fortuna que a minha vida. *D* Deos que minha vida. *T* fortuna que a vida. 28 *D* para. 29 *B* aynda. *D* inda. 30 *BD* naci. 31 *B* de húa ora (*T* huma hora). *D* húa (*C* huma) hora. 32 *B* fendo terreno. *D* ferá eterno. 33 *B* estee em mym. *T* estê em mim. *D* estê em mi. 34 *B* que

21-22. *o tempo* é regido de *passando*.

23-24. O autor juntou em uma só oração duas palavras interrogativas (*que fé, em que lugar*). É imitação do latim, onde se diz, v. g. *Considera quis quem fraudasse dicatur*; veja-se Madvig, *Grammatica Latina* § 492, a. O desconhecimento d'esta prática foi o que originou em *D* a mudança de fé do para só o e de em que para neste. O dr. Th. Braga que também escreve só o, mas conserva em que, põe vírgula depois de acompanha.

27. Sobre a lição d'este verso já fallamos na nota ao verso 6.º da estancia 99 da Ecloga.

29. *ainda que* está no sentido rectificativo que tem em que na estancia 35 da Ecloga; de igual modo *inda que* adiante no verso 40.

32-33. A rima e (a não ser que a lição «este bem ferá eterno» seja a verdadeira) o sentido mostrão que entre o verso 31 e o 32 ha uma lacuna de um ou mais versos.

- 35 nunca me verão deviso
d'aqueste tamanho bem.
E não vos diga ninguem,
que o mal que me tendes feito
me faz ter outro respeito;
- 40 inda que fora rezão,
mas não quer o coração
pelo muito que vos quer;
e sempre isto ha-de fer
emquanto eu vivo for.
- 45 Que verdade e que amor
pera se não ter em muito!
e quão pouco he o fruto
que d'elle tenho tirado!
Quem lançasse o meu cuidado
- 50 onde o não visse mais!
pois lembranças tão mortais
traz á minha fantesia,
que basta húa de hum dia
para me os meus tirar.
- 55 Nelle vos vi eu chorar,
e nelle chorei tambem,
derradeiro do meu bem
e primeiro do meu mal.
Nada, senhora, me val,
- 60 não sei em que me softenho.
Pois que vos escrito tenho,

quer estee sem juizo. *D* quer estê fora de sizo. 35 *D* diuiso. 36 *A* daqueffe. 39 *B* teer. *DT* ter. 41 *B* ho. *T* o. 42 *BC* pelo. *A* polo. 42 *B* quero. *DT* quer. 43 *B* ysto. *D* ifso. 47 *B* pouco boõ. *D* pouco. 47 *C* fruto. 49 *B* quem. *D* que. 49 *B* lançafe. 50 *B* onde o nan visse (*T* visse). *A* donde o noffo visse. *C* donde o voffo visse. 51 *B* lembranças tam mortais. *D* as lembranças mortais. 52-57 inclusive faltão em *A* e *C*. 52 *T* fantezia. 58 *B* e primeiro do (*T* de) meu mal. *D* me fazem tam grande mal. Em *A* e *C* esta o verso 61 antes do 60. 60

35. *deviso*=apartado, separado; cf. «cumpre que estê l o entendimento do corpo diviso» Sá de Miranda, pag. 343.

51-52. Sem duvida o sujeito de *traz* é «o meu cuidado» que se subentende; assim que escrevemos: *á minha fantesia*—, e não,

como o dr. Th. Braga: *a minha fantezia*.

53-54. *que basta húa* (*sc.* lembrança) *de hum dia* (o dia da separação) *pera me os meus* (*sc.* dias, os dias da minha vida) *tirar*.

55. *Nelle* (*sc.* dia).

- por que não vejo réposta?
 Quem vos pôs no que estais posta?
 Que palavras vos differão,
 65 que mais que a rezão podérão
 que já entre nós possemos?
 Cuidai quanto nos quisemos,
 e não vos possa mudar
 dizer que vos podem dar
 70 outrem que tenha mais que eu.
 Pode ser; não nego eu;
 mas bem vos posso afirmar
 que não podereis achar
 outrem que vos tanto queira.
 75 Olhai que á derradeira
 riqueza não tira dor;
 pois antre ella e o amor
 qual he mais pera estimar,
 deve ser bem de julgar.
 80 Mas comquanto eu isto digo
 mal acabarei comigo,
 senhora, que possa crer
 mudar-se vosso querer
 por nenhuns outros quereres,
 85 esquecendo os prazeres
 do nosso tempo passado,
 que me faz tão efforçado,
 que, em quanto—a meu cuidar—
-

B nam. *D* nem. 62 *C* vejo. 62 *BA* reposta. *CT* resposta. 63 *T* poz.
 63 *D* questais. 65 *C* que razão. 65 *B* puderain. *T* poderam. 66 *BD*
puzemos. *T* puzemos. 69 *B* daar. 70 *A* queu. 71 *B* pode. *DT* poder.
 72 *B* bem vos. *D* bem. 72 *B* afirmar. *T* affirmar. 74 *D* outro. 74 *B*
vos tanto. *D* tanto vos. 75 *B* olhai. *T* Olhae. 76 *B* door. 77 *B* an-
 tre ella. *D* entrella. 79 *B* deve ser. *D* denese. 80 *B* com quanto eu
ysto diguo (*T* digo). *A* com quanto isto digo. *C* em quanto isto vos
digo. 81 *B* comigo. *T* commigo. 82 *BA* que. *C* se. 82 *D* posso. 83
B voso. *T* vosso. 86 *B* do. *C* de. Em *A* a vogal está inteiramente
apagada. 87 *D* o que me tem efforçado. 88 *B* em quanto (a meu

62. O dr. Th. Braga não põe ponto de interrogação no fim do
 nenhuma pontuação no fim do verso.

75. O dr. Th. Braga escreve: v. 78 e vírgula no fim do v. 79.
a derradeira.

78-79. O dr. Th. Braga põe 81-82. «acabar consigo que—»
animum inducere ut—, é expressão classica.

- 90 a terra me não gozar,
 ninguem gozará de vós
 senão meus cuidados sós,
 e quem vossa contemplação
 os tempos gastando vão,
 como se fosseis presente,
 95 com húa fé tão contente
 como no tempo melhor.
 E se isto ante vós for
 que me pus a escrever,
 querei, senhora, entender
 100 que tinha que dizer mais;
 mas lembrarão-me os finais
 vosso, e olhos fermosos,
 e os meus, de saudosos,
 lembrando-se que vos virão,
 105 com lagrimas me impedirão
 poder pôr mais por escrito.
 Balte o que tenho dito
 pera aver por galardão
 tres regras de vossa mão;
 110 pera reposa das quais,
 senhora, fique o mais
 que aqui escrever divéra
 se o escrever podera

cuidar). *D* em quanto eu cuidar. 90 *T* gosará. 91 *B* foos. *DT* lós. 92 *B* vosa. *T* vossa. 95 *B* fee. 96 *B* melhor. *DT* melhor. 98 *B* pus. *DT* puz. 99 *B* querei. *D* querer. 101 *B* lembrarâme os finais. *D* lembrâome os finais. *T* lembra-me os finais. 102 *B* vosso. *T* vossos. 102 *B* e. *D* e os. 104 *B* vos. *D* os. 105 *B* me ympediram (*T* impediram). *D* impedião. 106 *B* poder poor mais por. *D* pudera mais por. 108 *B* a veer. *D* auer. 110 *C* pela. 110 *D* reposa. 110 *B* quais. *T* quaes. 111 *B* ho. *T* o. 112 *B* diuera. *DT* deuera. 113 fe o. *D* fe fe. 113 *BD* pudera.

92. Em *vossa contemplação* o acontece em latim, vg. *fiducia tua* por *fiducia tui*.

EXCURSO I

SOBRE A METRIFICAÇÃO PORTUGUESA

A diferença entre as syllabas metricas e as syllabas graphicas contadas pela grammatica está em que:

a) Se os sons vocalicos que se ouvem quando as palavras se pronunciam separadamente (v. g. *agoa, ardente*) se contraem em um só som quando se pronunciam seguidamente (v. g. *agoa ardente* que soa *agoardente*), as syllabas contão-se na metrificação conformemente á pronuncia que resulta da erase, e não segundo a escrita.

b) Na concorrencia, em palavras seguidas, de vogaes não sujeitas a erase (v. g. *de outro, que ama*), se ha na pronuncia elisão da primeira vogal. as syllabas contão-se segundo a pronuncia; se não ha elisão, as vogaes concorrentes têm-se, em certos casos, por uma syllaba metrica.

c) Às vezes entrão as palavras no verso com a pronuncia abreviada propria do falar descuidado familiar (v. g. *p'ra mim*).

As regras observadas pelos melhores metrificadores no contar das syllabas quando concorrem vogaes que não formam ditongo e quando concorre ditongo com vogal ou com outro ditongo são as seguintes (1)

I Vogaes simples oraes

A. A'tonas (2)

A'tonas iguaes na mesma dicção contão-se separadamente.
A'tonas iguaes em diversas dicções constituem uma syllaba:

Eis esgotada a amargura (P 55)
E estende no monte (P 26)

(1) Na citação de versos designamos com *O* o *Outono* de A. F. de Castilho (cita-se a pagina), com *P* as *Poesias* de Soares de Passos (cita-se a pagina).

(2) O *u* audivel depois de *q* e *o u* (ou *o*) audivel entre *g* e vogal (v. g. em *quatro, ensanguentar*) é em rigor uma semivogal

Como o orvalho na cruz d'um cemiterio (P 189)
Vou co'o publico admirar-te (O 86).

A'tonas desiguaes na mesma dicção ou em diversas dicções
constituem uma syllaba:

Mil aureos sonhos da vida (P 10)
No amor e no infortunio exemplos sobrehumanos (O 115)
Somos na terra qual viajante exhausto (P 128)
Ora aguia altiva desprezando o solo (P 45)
Revoa na planicie e o caminhante (P 26)
Densa nevoa cobriu tua luz (P)
Sonhaste amor e poesia (P 116)
O real no ideal se funde; o tenuer veu (O 129)
Em seu contínuo gyrar (P 70)
D'Aquelle que povoa a immensidate (P 86)
Resoa o estrondo d'armas e d'envolta (P 226)
O fumo e o fogo do voraz canhão (P 44)
Podesse eu ganhá-los e iria seu nada (P 20)
Portugal resurgiu, vingando a affronta (P 7)
Eis o refugio, a habitação amiga (P 129)
Theatro, capitolio, escola, asylo, mundo (O 131)
Cada um se entrevê no quadro humanidade (O 129).

B. Tonicas

Tonicas contão-se separadamente:

Onde está esse vasto Capitolio (P 30)
E' este o Eden que nos prende os olhos (P 123)
Cantae ó aves módulas (P 99)
E tu, ó gruta de Macau, sombria (P 3).

C. A'tona e tonica

A'tona e tonica iguaes na mesma dicção contão-se separadamente:

De presagios felizes rodeemos (P 51)
Em densas cohortes (P 196).

labial; não tem pois de ser considerado quando se trata do concurso
de vogaes átonas.

Dos monosyllabos hão-de considerar-se átonos:

o pronome e o artigo *o* *a* (*lo* *la*, *no* *na*);
os pronomes *me*, *te*, *lhe*, *se*;
as preposições *de*, *a* e *co* (por *com*);
o pronome proclítico e conjuncção *que*;
as conjuncções *e* e *se*.

A'tona e tonica iguaes em diversas dicções constituem uma syllaba:

Mas tambem da aurora & noite (P 115)

A alma sem viço lhe pendeu mirrada (Thomas Ribeiro, *D. Jayme*)
Se é deserto ingrato e rude (P).

Todavia o artigo *o* *a* (*do da, no na*) apparece ás vezes contado separadamente:

O homem vive e sente (P 175)

Neophyta da arte, agora o teu dever (O 131)

Quem não sente que na alma (João de Lemos).

A'tona e tonica desiguaes na mesma dicção é melhor contarem-se separadamente:

Cahiam-lhe soltos os longos cabellos (P)

Silencio d'ataúde (P 176)

Creadas por nossa mãe (P 10)

Meteoro fugaz que baixa ao solo (P 124)

Hoje o sepulchro nos reune em fim (P)

O amor, o amor, celestial perfume (P 46)

Ver um circo de hyenas e pantheras (P 191)

No regaço bemdito esmolas preciosas (O 132)

Voaste calcando a morte (P 108)

Inflammados recordam as proezas (P 225)

Voa cada vez mais em alvo remoinho (O 147)

Recuavam de susto murmurando (P 223)

Sob o peso dos annos se arruinam (P 215)

Do suor e das lagrimas que verte (P 125).

A'tona e tonica desiguaes em diversas dicções é melhor constituirem uma syllaba:

Inda ergues arrogante (P 179)

Vi-a uma vez, ao descahir da tarde (P 36)

Infeliz de quem nasce! a ave que gyra (P 169)

E perdemos-te, ó flor do occidente (P 22)

Desço à terra d'onde vim (P 55)

Tudo é triste! os verdes montes (P 9)

No fundo de um abysmo ia afogar-me... Então (O 130).

E' porém melhor contarem-se separadamente quando é o artigo *o* que está antes de *i* tonico ou o artigo *a* que está antes de *o* tonico e quando varias átonas desiguaes estão antes da tonica:

E o hymno que entoa (P 27)

Soa a hora, o momento fadado (P 94)

E offertando-lhe a urna com respeito (P 192).

D. Tonica e átona

Tonica e átona iguaes na mesma dicção contão-se separadamente:

Desata o *voo* por espaços novos (P 33).

Tonica e átona iguaes em diversas dicções constituem uma syllaba:

Quando o orvalho está a cair (O 165).

Tonica e átona desiguaes é melhor contarem-se separadamente (¹):

Não merecia tal premio (P 57)
 E ao som dos píos do cantor funereo (P 17)
 Terra, entoa de novo o teu canto (P 207)
 A's aras das duas incensos levae (P 186)
 Lá irei resgatar-me da affronta (P 23)
 Ao avaro bradou: Sê humano (P 205)
 Vi os filhos do deserto (P 58).

II Ditongos oraes consequentivos e ditongo oral com vogal oral**A. Ditongos oraes consecutivos**

Ditongos oraes consecutivos contão-se separadamente:

Ai! ousáram teu verbo ultrajar (P 205)
Cae ao sopro da rajada (P 9)
 Senhor, Senhor, porque vim *en ao* mundo? (P 169)
 Eu co'as flores *virei outra vez* (P 95).

B. Ditongo oral e vogal oral

Ditongo oral e vogal oral contão-se separadamente:

Espero chorando do dia o *raiar* (P 220)
 Nas *praias* do mar bravio (P 81)
 Mas ah! longe esta *ideia* sombria (P 95)
 No *seio* da fria terra (P 113)
 Tudo revive *ao hábito* (P 97)
 Dobrou *a* morte de alguém (P 48)
Eu amo a rosa branca das campinas (P 39)
 Meus tristes dias *findarei aqui* (P 136)

(¹) *io* ou *iu* finaes de preteritos fórmão ditongo e por isso constituem uma syllaba.

Eu a vi cahir no chão (P 81)
Que asylo recolheu a naufraga feliz (O 130)
Alcei o pendão da cruz (P 57).

C. Vogal oral e ditongo oral

Vogal oral e ditongo oral na mesma dicção contâo-se separadamente:

E fugiu e voou. No mesmo sítio (P 38)
Baqueou nossa altiva nação (P 22)
Crueis lavaredas (P 198)
Guiae os meus passos ao sítio distante (P 218)
Mas eu, ó meu Sálgar, jamais te odiei (P 218).

Em diversas dicções vogal oral tonica e ditongo oral contâo-se separadamente; vogal oral átona e ditongo oral constituem uma syllaba:

Té ao momento final (P 71)
Fizeram noite horrenda a aurora do meu dia (O 130)
Inda eu era tenro infante (P 81)
Fazendo estremecer o Nilo e Euphrates (P 31)
Disse o Auctor á mulher: Agora a vossa vez (O 133)
E ao som da rajada soltando lamentos (P 220).

III. Nasaes consecutivas e (ditongo ou vogal) nasal com (ditongo ou vogal) oral

A. Nasaes consecutivas

Nasaes consecutivas contâo-se separadamente:

Candida rosa que o tufão inclina (P)
Foi alem onde eu nasci (P 80)
Que fazem um de dois seios (P 113)
Eis um anjo que desce os espaços (P 157).

B. Nasal e oral

Nasal e oral contâo-se separadamente:

Catão à patria sorriu (P 102)
E no meio de tudo em alto monte (P 191)
Quem ergue virtudes, e o crime fulmina? (P 184)
Que impõe aos orbes e ás nações a lei (P 240)
Um homem chora: é Catão (P 105)
E a teus pés com a fronte curvada (P 206)
Como as areias que o tufão agita (P 195)
Alem, os vermes da feral jazida (P 170).

C. Oral e nasal

Oral tonica e nasal contão-se separadamente:

Cahiam-lhe soltos os longos cabellos (P 208)
Cantae em córo ledo (P 99)
Murmurou em accento funerario (P 7)
Este mundo fallaz de ti, indigno (P 38)
Tarda-me já um sorriso (P 47).

Oral átona e nasal na mesma dicção é melhor contarem-se separadamente:

Busco ainda seu facho luzente (P 132)
E o corsel andaluz volteando (P 21)
Annunciando ao mundo novos dias (P 90)
Qual a sciencia devassando ousado (P 126)
Baixou dos céus voando (P 194).

Oral átona e nasal em diversas dicções constituem uma syllaba:

Desde o romper do dia a ânciada fonte (P 134)
Ave canora em solidão gemendo (P 3)
O amor da patria, a ingratidão dos homens (P 6)
E depois assoma o inverno (P 11)
E tu, que és tu, ó gloria? um som que passa (P 168)
E um suor frio me escorreu na fronte (P 189)
E empunhando a antiga lança (P 62)
Semeilha no embate (P 199)
Cedo o inverno com gelidos mantos (P 94)
Como um cirio funeral (P 11)

A's vezes porem até os melhores metrificadores contão separadamente a vogal do artigo definido antes de nasal e a vogal final de *cada* antes da palavra *um*.

A onda que bate (P 199)
Do anjo do mal (P 197)
Cada um se entrevê no quadro humanidade (O 129)

As syncopes (de vogas átonas) permittidas são:

- a) a do *e* prétonico entre consoante explosiva ou *f* ou *v* e *r* ou (raramente) *l* pertencentes para a syllaba seguinte, v. g. *sob'rana* (P 89), *off'rece* (P 45), *fev'reiro* (O 190).
- b) a do primeiro *a* de *para*:

Sorri-te ledo p'ra mim (P. 47)

(Esta syncope, como assenta propriamente na forma antiga proclítica *pera*, pertence em rigor ao caso antecedente.)

c) a do *o* pretonico entre explosiva e *r* pertencente para a syllaba seguinte, v. g. *c'roa* (P. 57, O 8).

E' permittida a aphérese (mas é pouco frequente) do *e* átono antes de *s* impuro:

'Stava o pobrezinho a ver (O 184)

E' permittida a apócope (mas é rara) de *e* átono depois de *r* ou *l*:

Arvor' do Santo Natal (O 181).

Foi Camões o primeiro poeta nosso que submetteu o contar das syllabas dos versos ás leis que hoje se observão. No periodo dos trovadores as vogaes concorrentes que (no interior das palavras) não formavão ditongo, contavão-se separadamente (1); as elisões só em casos restrictos tinhão lugar. No periodo seguinte os poetas não duvidavão:

a) fazer synéreses violentissimas reunindo em uma só syllaba, por exemplo:

1) a vogal (ou ditongo) nasal do fim de uma dicção e a vogal (ou ditongo) inicial seguinte:

E pois mester me nam aveis (*Canc.* de Rèsende III 530, 8)
Quando eu ontem aqui cheguei (B. Ribeiro, ecl. 2.^a)

2) nasal e vogal diversas pertencentes á mesma dicção, v. g.
boa.

3) duas tonicas:

E se agora lá á [=ha] donzela (*Canc.* de Rèsende I 464, 14)

b) admittir da pronuncia descurada familiar:

(1) Ainda em Camões é vulgar *ie* e *ia* átonos, formarem, na mesma dicção, duas syllabas metricas:

As mulheres com choro piadoso (*Lus.* IV 89)

Outrosim, quando a concorrencia de *ai* e *au* átonos provinha da queda de consoante latina intermedia (v. g. em «vaidade» de *vanitatem*), antigamente aquellas vogaes pronunciamavão-se separadamente (assim no *Espelho de Casudos*, a folhas 29 da 2.^a edição, está escrito «vahidade») e formavão duas syllabas metricas:

Ja que nesta goftosa vaidade (*Lus.* IV 99).

1) a absorção em uma só syllaba de duas consoantes iguaes separadas por um *e* ou *o* surdos:

Namorado dos namorados (*Canc.* de Rèsende I 319, 4)
Por isto faze por *te ter* (B. Ribeiro, ecl. 4.^a)

2) a syncope do *e* surdo (ou *i*) pretonico entre quaesquer consoantes pertencendo a segunda á syllaba seguinte:

Fizeram-se assi tam senhores (B. Ribeiro, ecl. 4.^a)
E remedio dos tristes he (Id., ecl. 5.^a)
Que da cabeça fazem pees (*Canc.* de Rèsende II 524, 27)
De Florisfendos me lembrando (B. Ribeiro, ecl. 5.^a)

3) a syncope do *a*, *o*, *u* pretonicos entre consoantes compatíveis:

E descanse teu coraçam (*Canc.* de Rèsende I 81, 25)

Esta prática abrange, além da combinação *polo* da preposição *por* com o artigo, tambem a partícula *como* quando proclítica:

De ser perdido polo seu (*Canc.* de Rèsende III 6, 10)
Ho vencedor com'o vencido (Ibd. II 152, 20)

4) a syncope, em palavras esdruxulas, da vogal da penultima syllaba:

E todalas eruas sabidas (*Canc.* de Rèsende II 569, 7)
Ataa tres couudos de seda (Ibd. III 298, 1)

5) a suppressão do *o* (depois de enfraquecido em *e*) dos finais dos verbos quando seguido de pronome enclítico:

Devemolo bem de louuar (*Canc.* de Rèsende III 40, 13)
E moiro-me assi de cuidados (B. Ribeiro, ecl. 2.^a)

6) a apocope do *o* átono precedido de *r*, de um nome, quando seguido da preposição *de*:

A for [o] de mouro Foçem (*Canc.* de Rèsende III 108, 16)

7) a apocope da vogal final (depois de enfraquecida em *e*) dos pronomes *nossa* *nossa*, *rossa* *rossa* quando antepostos procliticamente a um nome:

Porque vossa mercê não chora (*Canc.* de Rèsende I 85, 18)
E toda vossa descriçam (Ibd. III 141, 20)

c) empregar certas crases que depois foram consideradas vulgarismos de pronuncia, v. g. *ó de ao*.

Por outro lado era corrente, como na metrica dos trovadores:

a) fazer syllabas metricas à parte de duas vogaes átonas da mesma dicção:

D'auer premuos mundanos (*Canc.* de Rèsende I 231, 15)

b) fazer, em todas as circumstancias, syllaba metrica da vogal final átona seguida de vogal ou ditongo. São a flux os exemplos no *Cancioneiro de Rêsende*. O uso d'esta liberdade é o que principalmente difference a metrificação de Christovão Falcão da de Camões. Assim occurrem na Ecloga versos como:

E como em a baixeza (est. 6)
Em lhe isto eu ouvindo (est. 92)

Em segundo lugar na metrica anterior a Camões contavão-se ás vezes os ditongos por duas syllabas. Tambem algumas vezes se considerava vogal propriamente dita a semivogal *o* ou *u* depois de guttural e d'ella se fazia syllaba á parte:

Na fragoa do cunhado (*Canc. de Rêsende II* 290, 6)

EXCURSO II

SOBRE PONTOS DE ORTHOGRAPHIA ANTIGA

I Da duplicação das vogaes

A duplicação graphica das vogaes tinha duas origens.

Em primeiro lugar servia meramente de indicar que a vogal era tonica (quer o som fosse aberto, quer fechado). Esta prática tinha por fim originariamente evitar confusões de palavras e de fórmulas, distinguindo-se assim, por exemplo, *estua* (*Canc. de Rêsende* I 34, 25; II 504, 6) de *estu*, *daa* (*ibd.* I 34, 27; II 536, 36) de *da*, *tomarau* (*ibd.* II 511, 31) de *tomura*, *perderão* (*ibd.* II 506, 27) de *perderão*, *estee* (*Chr. Falcão, carta*, 33, da edição de Birckman⁽¹⁾), graphia que o dr. Th. Braga substitue por *estê* de *este*, *de* (*Chr. Falcão, ecloga*, est. 47, v. 6 e est. 92, v. 4, graphia que o dr. Th. Braga substitue por *dê*) de *de*, *jau* de *ja* (=ia). D'ahi applicou-se, desnecessariamente, esta notação a outras palavras, incluindo as monosyllabicas, v. g. *fouão* (*Canc. de Rêsende* II 512, 15), *maãos* (*ibd.* I 31, 5), assim como ainda hoje se accentuaõ, sem necessidade, monosyllabos abertos, como *lá*, *pá*, etc.

A's vezes a duplicação servia simultaneamente de indicar que, em virtude de uma contracção, a vogal era aberta, v. g. *ceste*=*este*, de *a este* (*Canc. de Rêsende* III 560, 9). D'ahi, havendo contracção, empregava-se esta notação ainda quando a vogal não era tonica, v. g. *neestalagem* de *na estalagem* (*Canc. de Rêsende*, III 222, 5).

Em segundo lugar corresponde á existencia de dois sons vocálicos consecutivos devidos á queda da consoante intermedia, v. g. *máu*, *seêlo*, *pées*, *Poombeiro*, *doór*, *perigoo*. A metrica das poesias do *Cancioneiro da Vaticana* prova que primitivamente soavão duas vogaes. Pouco a pouco forão os dois sons reduzidos a um só, ou por eras ou (quando átonos em syllabas finaes, v. g. em *perigoo*) por apocope. E' porém difícil, em geral, determinar com respeito a cada categoria de palavras, quando foi que se consumou esta redução de sons. Com efeito de serem as duas vogaes empregadas no verso com o valor de uma só syllaba não se pode concluir que houvesse a tal redução de sons, por isso que podia haver synérese; por ou-

⁽¹⁾ A esta edição é que nos referiremos, quando outra cousa não dissermos.

tro lado podia já dar-se a redução dos sons e todavia conservar-se a duplicação na escrita como pura tradição orthographica ou passar a duplicação a indicar que a vogal resultante da contracção era aberta (¹); e vice-versa pode uma ou outra vez dar-se o caso de se emitirem ainda dois sons, e, por desenho, ter-se representado o som unicamente uma vez. Só quando se torna geral a representação da vogal aberta por uma letra accentuada, e (attendendo a que as liberdades de rima não são muito vulgares na poesia antiga) quando se encontrem frequentemente palavras tales (v. g. *fee*) rimando com palavras em que de certeza o som vocalico era só um (v. g. *cô*) é que se pode concluir que a redução dos sons já estava realizada. Assim cremos que já nas primeiras decadadas do século XVI estava dada a redução, entre outras, nas palavras *cer*, *ser*, *ter*, etc.; *mercê*, *fê*; *dor*, *côr*; *dô*, *sô*, etc., até.

II Da representação das vogais e ditongos nasaes

1) A nasalização do *u* seguido de vogal era representada pelo til, v. g. *húa*.

A nasalização do *o* seguido de outro *o* era representada por til ou por *m* ou (quando não é final) *n*; mas neste caso o *m* ou *n* ia depois do segundo *o*, v. g. *toom*, por isso que escrevendo-se *tomo* ler-se-hia naturalmente não *tom-o* (isto é, *tôo*), mas *to-mo*.

A do *o* seguido de *a* era representada por til, v. g. *bõa*.

A do *i* seguido de vogal era normalmente representada pelo til, v. g. *vizio*. Sendo *i* a segunda vogal, representava-se ou pelo til (posto indifferentemente sobre a primeira ou sobre a segunda vogal) ou por *n* posto depois do segundo *i*, como o *m* em *toom*, v. g. *fins*.

A do *a* seguido de outro *a* era representada pelo til, v. g. *lää*, ou, menos frequentemente, pelo *n* posto depois do segundo *a*, como o *m* em *toom*.

2) O ditongo *ão*, final de dicção, era representado indifferentemente, tanto em syllabas átonas como em tonicas, tanto em polysyllabos como em monosyllabos, por *ão* ou *am* (só por equívoco *an*²) ou, menos frequentemente, por *aom* (com o *m* depois do *o* como em *toom*), v. g. *cawm* (o adjetivo *vão*) rimando com *condicam* no *Canc.* de Rêsende II 404, 12-15.

No interior das dicções (em deminutivos e augmentativos) era normalmente representado por *ão*. Nos pluraes (*ãos*) representava-se por *ão* ou por *aon*, v. g. *mãos* ou *maôns*.

(¹) Em particular, antes de se generalizar o emprego dos acentos costumava escrever-se *sô=sô*, para distinguir de *sô* (do latim *sub*), e *doo=dô* para distinguir de *do*.

(²) A forma apocopada e proclítica do adjetivo *grande* escrevia-se, conforme ao que vae dito, *grão* ou *gram*, representando a segunda graphia absolutamente o mesmo som que a primeira. Servia tanto para os nomes masculinos como para os femininos. A asserção de que no feminino se dizia *gran* é de todo o ponto erronea.

No ditongo *ãe* ou *ai*, final de dicção, era normalmente representada pelo til. No interior das dicções, incluindo os pluraes em *ães*, era representada pelo til ou por *m* ou *n* postos depois da segunda vogal, como em *toom*, v. g. *cães* ou *caens*. (O emprego do *m* e *n* ainda hoje permanece nas palavras *caimba*=câiba e *cainçada*=câiçada).

O ditongo *ëi* era, como ainda hoje, imperfeitamente representado, quando fechando dicção, por *em* (*en* só por descuido), quando seguido de *s*, por *ens* ou *ës*. Uma ou outra vez porém aparece a graphia que representa a vogal subjunctiva do ditongo, isto é, *ëe*, *ëi*, ou (com o *m* posto como em *toom*) *eem*, *eës*, *ëis* ou *eens*, *eins*, v. g. *bëes* (Orta, colloquio 16), *teins* (Canc. de Rêsende II 560, 20), *beens* (Vida de S. Aleixo, *Revista Lusitana* I pag. 340). (1)

No ditongo *õe* ou *õi* era representada pelo til, v. g. *dotës* (antigo plural de *dom* no Canc. de Rêsende II 561, 7) ou por *n*, posto depois da segunda vogal como o *m* em *toom*, v. g. *perdoëns*; quando porém o ditongo fecha dicção (em *põe*) escrevia-se regularmente *m* e não *n*, v. g. *põe* ou *poem*.

No ditongo *ui* era representada pelo til ou por *m*, posto, como em *toom*, depois da segunda vogal, v. g. *müi* ou *muim* (Goes, *Catão Maior*, pag. 45 da 2.^a edição).

Na representação da nasalização de vogal seguida de outra vogal escrevia-se as vezes, por descuido, o *n* ou *m* depois da primeira vogal, o que pode levar e tem levado a suppor-se a existência de uma pronuncia que de facto não existia. Assim encontra-se, por exemplo: *lumar* por *luar* no Canc. de Rêsende II 568, 23; *bona* por *bôa*, *cabruna* por *cabriña*, *donas* por *dôas*, *componer* por *compôer* no *Elucidario* de Viterbo; *venir* por *vêir* no mesmo *Elucidario* (na palavra *Babilom*).

3) A nasalização de vogal seguida de consoante no interior das dicções é representada por *m* ou *n* (ou, geralmente só para poupar espaço, por til). Mas o português archaico deixava a cada passo de

(1) Segundo já advertimos em outro escrito, é muito moderna (só do século actual, cremos) a prática de pronunciar e escrever com dois *ee* a terceira pessoa do plural dos verbos *dar*, *crer*, *ler*, *ter*, *ver* (e ainda pessoas cultas não a seguem com respeito ao verbo *ter*; no verbo *vir* é recentíssima tal graphia e considerada barbarismo) em lugar de *dem* (como ainda se lê no *Outono de Castilho* a paginas 189 e 243) *crem*, *lem*, *tem*, *vem*, segundo comprovão as graphias e as rimas nos escritos anteriores ao século actual. Assim que as graphias, pouco frequentes, *tem* (Orta, fol. 2 verso da 1.^a edição), *teem* (*Espelho de casados*, fol. 9 verso da 2.^a edição e 14 da 1.^a, onde está no numero singular), etc., hão-de ser explicadas como as explicamos no texto. Também na terceira pessoa do presente indicativo do verbo *pôr* o português antigo não distingua o singular do plural; em ambos os numeros se dizia *põe*, por outro modo escrito, *poem*; assim achava-se *poem* como singular no colloquio 19 de Orta (o editor moderno escreveu, a paginas 290, *põe*); no *Espelho de casados* a fol. 18 v. da 1.^a edição; *pôr* como singular ibd. a fol. 18, como plural, ibd. a fol. 18 e (escrito *põe*) 49.

observar a distinção entre o *m* e o *n*; assim encontra-se por exemplo *campo* e *camto*.

A nasalização de vogal final de dicção é representada por *m* ou, para poupar espaço, por *til*. Neste caso o *n* só aparece por descuido ou quando a vogal nasal só é final por haver apócope de vogal, v. g. em *perdon* (de *perdiõ*). *Cancioniro da Vaticana*, 2.

III Do ç, s, z, ch, x

1) Até os fins do século XVI conservou-se também no sul do reino a distinção entre o *c* e o *s* forte, e entre o *z* e o *s* brando; assim encontra-se constantemente (salvo, é bem de ver, o caso de erro typographicou ou de cópia), por exemplo, *agucar*, *cafaf*, *Çalem*, *Çaragoça*, *Camora*, *çumugre*, *çapato*, *currar*, *currão*, *çijo*, *çumo*, *Monçao*, *ruço*, *Bucaco*, *Beça*, *Suzca*; *possego*, *sossego*, *Seia*, *Sintra*, *farsa*; *asa*, *Aris*, *brasa*, *Bras*, *cos*, *Dinis*, *entremês*, *Iues*, *lis*, *marquês*, *Mós*, *princesa*, *pus* (de *posui*), *retrás*, *mês*, *português*, *arnês*, *azô*, *durazin*, *cizinho*, *prazo*, *arráiz*, *rezar*, *autorizar*, *fertilizar*. Se em obras modernamente publicadas por editores que não declarão ter alterado a orthographia, as palavras deixão muitas vezes de achar-se escritas com exactidão a este respeito, é que tais editores nem sempre transcrevem o que está no original. Assim na nova edição dos *Colloquios* de Orta vê-se, por exemplo, *pobresa* (pag. 62), *disei* (p. 306), *razão* (p. 47), *cosinha* (p. 79), *portuguez* (p. 25, 36, 364), *montez* (p. 194), *franzez* (p. 214), *polerrizadu* (p. 211), *trasem* (p. 258), quando na edição original está *pobreza*, *dizei*, *razão*, *cozinha*, *Portugues*, *monfes*, *Franzez*, *polerrizadu*, *trasem*. Quando, porém, no interior das palavras a sibilante é seguida de outra consoante, já pelo meado do século XVI se encontra o *z* substituído pelo *s*. Assim ao passo que primitivamente se escrevia: *Bizcaia*, *mazquinho* (ainda nos *Lusíadas* III 118), *mazmorra* (*Canc. de Resende* III 122, 5), já ocorre, por exemplo, *mosquinho* na estância 47 da ecloga de Christóvão Falcão.

Nas averiguações etymologicas é, pois, necessário verificar primeiramente qual era a orthographia mais antiga; por não ter havido sempre esta cautela, tem-se dado e dão-se ainda varias etymologias inexatas. Ponhamos exemplos. O adverbio *assaz* não pode representar o latin *ad satis*, mas sim representa, como pela primeira vez foi demonstrado pelo sr. Leite de Vasconcellos, *ad satiem*. O verbo *azar* não pode derivar do nome *asa* mas representa um verbo **aptiare* derivado de *uptus* (analogo a *algor*=**altiare* de *altus*). O nome *azô* é um derivado regressivo (*Rückbildung*) de *azar*. O nome *almoco* não pode representar *admorsus*; tem consequintemente de considerar-se derivado regressivo de *almocar* representante de **admorsitiare*.

2) De igual modo conservou-se também a distinção entre o *ch* (que certamente era pronunciado como ainda hoje é em Tras-os-Montes) e o *x*. Assim nos escritores antigos só ocorrem as graphias *xeque* (Orta, Colloquio 19), *xu* (título do rei da Persia), palavras que barbaramente agora escrevem *cheick*, *schah*.

IV Do I e J, u e v

Na orthographia antiga a letra *i* não servia, em regra, de representar o som do *i* inicial. Empregava-se para este fim o *j*;

mas quem queria representar aquélle som com maior precisão e evitar a vista do *j* seguido de consoante (v. g. *jr*, *jsto*) recorria à graphia *hi* (v. g. *hir*), por isso que o *h* por si só não corresponde a nenhum som português, ou ao *y* (v. g. *yr*). E' assim que nas duas mais antigas edições da Ecloga *Chrisfal* ocorre por exemplo, segundo vae notado no commentario respectivo, por um lado *yda-dv*, *yqual*, *yfjo*, *ynda*, *yndo*, *ys*, por outro *his*, *hiremos*, e no *Cancioneiro* de Résende *ytha* (I 157, 22), *ynteria* (I 247, 29). *Ydunha* (II 504, 34) e *hinchando* (I 216, 20). A's vezes juntavão-se, irregularmente, ambos estes modos de evitar o *j* inicial seguido de consoante e escrevia-se, por exemplo, *hyr*.

Semelhantemente a letra *u* (que tinha lugar só no interior das dicções para representar indiferentemente o som de *u* ou de *v*) não servia nunca de representar o som do *u* inicial. Empregava-se neste caso o *v* (v. g. *vuas*=uvas, *Cancioneiro* de Résende I 23, 24); mas quem queria representar aquelle som sem ambiguidade e evitar a vista de *v* seguido de consoante (v. g. *vfar*=usar, na edição *B* da Ecloga *Chrisfal*, e tambem *v=u*=lat. *abi* no *Cancionero* de Résende I 19, 24), recorria á graphia *hu*. E' assim que o artigo indefinido se escrevia normalmente *hum* e se encontra *husar* no *Cancioneiro* de Résende II 535, 18; 545, 9, e *hucas* (=uvas) na mesma obra III 588, 23.

V Da incerteza na orthographia

A falta de regra fixa na representação de certos sons, e, como consequencia d'este facto, o emprego errado, por descuido, de umas graphias por outras tem dado lugar já á suposição da existencia de palavras que de facto nunca existirão, já a enganos dos proprios philologos modernos no que toca á nossa antiga phonética, já a erros na leitura das edições e manuscritos antigos. Aqui resenharemos o que ha mais geral concernente a este assumpto.

1) O som de *k* era normalmente representado antes de *e* e *i* por *qu*, antes de *a*, *o*, *u* por *c* (isto ainda quando correspondia a *qu* latino¹); mas escrevia-se tambem, não raras vezes, *qu* no segundo caso, e, por equivoco, *c* no primeiro, por exemplo, no *Elucidario* de Viterbo: *quaer*, *vosquo*, *proxinquo* (no vocabulo *lia*), *quomo*, *aquecer*, *quasa*, *quasal*; no *Cancioneiro* de Résende: *quantos da casa* (I 470, 27), *quam* (=cão, III 232), *quante* (III 476, 2); no *Catão Muio* de Damião de Goes: *pratiqua* (pag. 45 da edição Rollandiana); e vice-versa no *Elucidario*: *peceno*.⁽²⁾

Semelhantemente a guttural branda era, como hoje, normal-

⁽¹⁾ Consoante já notámos a paginas 276 do volume II da *Revista Lusitana*, a semivogal latina *u* depois de *q* desapareceu inviavelmente no português primitivo, dando-se esta suppressão até nas dicções de origem erudita ou semierudita.

⁽²⁾ *aceceu* em um documento do *Elucidario* está erradamente ou por *acaeceu* ou por *aquecceu*=aqueceu. Não ha o verbo *aceecer*, mas sim *acaecer* ou (com condensação do *ae* em *e* como em *quente* - lat. *calentem*) *aquecer*, forma que vem, por exemplo, em B. Ribeiro.

mente representada por *g* antes de *a*, *o*, *u*, por *gu* antes de *e*, *i*; mas bastas vezes se escrevia tambem *gu* no primeiro caso, e, por equivoco, *g* no segundo, por exemplo, no *Elucidario*: *eyvigar*, *leguamento*; no *Cancioneiro de Rêsende*: *carreguar* (I 13, 26), *foguo* (III 423, 25); na edição *B* da Ecloga *Chrisfal*: *aguoa*, *aguora*, *diguo*, *longuo*, *loguo*, *guado*, *fadigua*, e vice-versa nas *Leges et consuetudines* (Port. mon. hist.): *pagm-lhe* (pag. 248). Varios dos vocabulos registados no *Elucidario* são meras graphias inexactas d'esta especie, v. g. *agisado*, *gisado*, *eivegedes* (por *eiveguedes*=lat. *aedificetis*).

2) A palatal branda era representada antes de *a*, *o*, *u* por *j*, antes de *e*, *i* por *g* ou *j* arbitrariamente; mas ás vezes, por equivoco, tambem no primeiro caso era representada por *g*, por exemplo, nas *Leges et consuetudines*: *elégudos* (pag. 272; mas mais adiante *elejudos*). Tambem algumas palavras e formas registadas no *Elucidario* não passão de graphias inexactas d'esta especie, v. g. *aga* (por *aja*, isto é, *haça*), *gouvr* (por *jouvré*, futuro conjuntivo de *jazer*), *prigom*, *cagom*, *gur*, *agusso*, *gajuno*, *rigo*, *alhofar*, *ensegas* (=lat. *insidias*), *govenco*.

3) Antes de se tomar do provençal o *lh* para representar o chamado *l* molhado, era este som representado por *ll*, *li* ou simplesmente por *l*; assim ocorre no *Elucidario* (2.^a edição): *coller*, *filladu*; *alios*, *concelio*; *coleitu*, *esbulgado*, *conselar*. De modo semelhante o simples *n* servia de representar o *n* molhado, por exemplo, no *Elucidario*: *companon*, *conocença*.

VI Do sc

Os verbos portugueses representantes de verbos latinos em *-scere* (ou que passáram popularmente, como *padecer*, a seguir o tipo dos verbos em *-scere*) conjugavão-se no periodo mais antigo com observancia das leis phoneticas, sendo representado o *sc* latino antes de *a*, *o* por *sc* (=sk), e antes de *e*, *i* e (nos participios passivos) *u* por *q*. Assim dizia-se, por exemplo, no presente indicativo: *cresco*, *creces*, *crece*, etc., e no conjuntivo: *cresha*, *crescas*, etc. Exemplos de formas como *cresco*, *cresha*, etc., encontrão-se colligidos pelo sr. Adolpho Coelho nas *Questões da língua portuguesa*.

Posteriormente as formas em que o *sc* latino era seguido de *e*, *i*, influíram, por muito superiores em numero, naquellas em que o mesmo *sc* era seguido de *a*, *o*, e passáram estes verbos a regular-se na primeira pessoa do presente indicativo e no presente conjuntivo pelas outras formas verbais, vindo pois a dizer-se: *creço*, *creces*, *crece*, etc., e: *creqa*, *cregas*, etc. ⁽¹⁾

(1) Enganáram-se portanto os que suppuserão que ao presente *aconhosco* corresponde por infinitivo *aconhoscer*, quando o infinitivo é realmente *aconhoer*. O desconhecimento de factos da grammatica antiga tem introduzido d'este modo nos dicionarios formas nominaes e verbaes que nunca existirão. Assim das formas archaicás *arço* (primeira pessoa do presente indicativo), *arça*, *arças*, etc., (presente conjuntivo) do verbo *arder* deduziu Viterbo um verbo *arcer*; de *eivegedes* (conjuntivo de *eivegar* ou *evigar*=lat. *aedificare*) um verbo *eiveger*; de *traue* (em que o *a* dobrado representa o *a* aberto)

A pronuncia representada pela graphia *crecer, creço, etc.* conservou-se (tanto nos verbos como nas partes da oração que etimologicamente se lhes ligão, v. g. *crecimiento*) pelo menos até os principios do seculo XVIII e é ainda a pronuncia popular e muitas vezes a das proprias pessoas cultas⁽¹⁾. De então para cá o pedantismo etimologico, alterando a tradição tem introduzido no português mais um manancial de incoherencias com a prática de pronunciar *se*, mas só nas dicções em que a origem latina é transparente, sendo que se se pronuncia e sobretudo se escreve *crescer, descer, convalescer, etc.*, ninguem ainda pronuncia nem escreve *padescer, agradescer, aquescer*.

No que toca á orthographia, não era raro, ainda nos tempos antigos, o escrever-se, por influencia da etymologia, *se* em vez de *ç*; mas, que era unicamente uma graphia etimologica, prova-o não só a rima nas obras poeticas (por exemplo Christovão Falcão rima *pasce com face* na Ecloga, estancia 36; Franco Barreto na *Eneida* XI 44 e Christovão Falcão na citada estancia da Ecloga rimão *nasce com face*), senão tambem o encontrar-se por vezes tal graphia em dicções em que ainda hoje a pronuncia de todos é *ç* e não *se*, por exemplo, na edição *B* da Ecloga *Chrisfal: desagradescula* (est. 93), *padescendo* (est. 36), e na rubrica da Carta: *parescer*; em Orta no Colloquio 17: *carescemos* (*carecemos* na edição do sr. conde de Ficalho).

VII Do h

O *h* como sinal etimologico, em regra, não se empregava na orthographia antiga. Por exemplo na primeira estancia da Ecloga *Chrisfal* as duas edições mais antigas escrevem *ouue* (=houve).

Como letra auxiliar,

1) entrava nas graphias *hi* e *hu* representativas, segundo já foi dito, dos sons de *i* e de *u* quando iniciais.

2) indicava, anteposto a vogal, que tal vogal era tónica, mormente quando podia haver ambiguidade, v. g. *ahí* (como ainda hoje se escreve ordinariamente; para distinguir da interjeição *ai*), *rrohy* (*Cancionero de Rèsende* III 177, 28; para distinguir do presente *rói*), *ha* (verbo, para distinguir da preposição átona *a*), *he* (verbo, para distinguir da conjunção *e*). (Às vezes concorria superabundantemente com a duplicação da vogal, v. g. *hee* no *Cancionero* de Rèsende I 283, 20).

3) representava, no português mais antigo, posto entre consoante e vogal, o som do *i* átono reduzido que não forma syllaba sobre si, v. g. *limpho* (=lat. *limpidus*), *termho* (=lat. *terminus*), *mha* (fórmula do pronome possessivo feminino empregada só procliticamente, v. g. *mha madre*; fóra d'ahi dizia-se *mīa*).

um verbo *trhaar*. Por ignorarem que, sendo *diáboo* (quadrisyllabo, do latim *diabolus*) a fórmula antiga do *diabo*, lhe havia de corresponder por feminino *diáboot*, os compiladores do *Diccionario* atribuído a fr. Domingos Vieira accentuarão *diabôa*.

(1) Soares de Passos, tão esmerado na metrificação, rima *rejuvenesce com aquece* (pag. 97).

Uma vez ou outra tambem ocorre, como sinal separativo:

1) indicando, depois de *n* que o *n* não é consoante, mas sim sinal de nasalização da vogal antecedente, v. g. no *Elucidario*: *engenho* (isto é *engêō*=lat. *ingenuus*), *avenhir* (isto é *avēir*=actual *avir*), *Antanho* (isto é *Antão*).

2) indicando, entre *i* e vogal, que o *i* vale de vogal e não do consoante, v. g. no *Elucidario*: *Jaihão* (na palavra «palame»), *meihos*.

Demais encontra-se avulsamente, como inicial de dicção, já em consequencia de falsas analogias (sobre o que vamos fallar em seguida), já, ao que parece, como pura letra de luxo, v. g. *henton* (*Leges et consuetudines*), *horaçoões* (*Vida de Santa Eufrosina*).

VIII Do pedantismo orthographicico

No português antigo, semelhantemente ao que ainda hoje acontece, ocorrem graphias totalmente inexactas, que sem representarem a pronuncia viva provinhão da pretensão exagerada de escrever em conformidade com a etymologia, conformidade não raro meramente imaginaria, e tem dado lugar a ideias falsas acerca da nossa antiga phonetica. Este que podemos chamar pedantismo orthographicico, manifesta-se,

1) em substituir a letra que verdadeiramente se devêra empregar, por aquella que representa o som latino de que o nosso é transformação. v. g. escrevendo *c* ou *g* em lugar da vogal portuguesa que resultou da dissolução da guttural latina, como se vê, por exemplo, nas graphias *Hector* (como escreve o seu nome o autor da *Imagem da vida Christã*) em vez de *Heitor* (como vem no *Cancioneiro de Rêsende* II 549, 16), *docto* (como escreve J. Osorio no *Catão Maior*) em vez de *douto*, *docta* (no *Elucidario*) por *d'outra* (por supposta analogia), *regno* em vez de *reino*; ou escrevendo *gn* por *nh*, como se vê nas graphias *cognoscam*, *cognoçudo* (no *Elucidario*).

2) em deixar de pôr a letra que representa um som que não existia no latim litterario, como se vê na graphia *screver* em vez de *escrever*.

3) em accrescentar letras em virtude de supostas analogias ou de ideias erradas acerca da correspondencia entre os sons latinos e os portugueses, como se vê nas graphias *scripvam* (nas *Ordenações* de D. Duarte, pag. 292) por supposta analogia com *scriptor*, *reyngo* (no *Elucidario*) por se não saber que o *i* de *reino* representa o *g* do latim *regnūm*. (É o mesmo erro que ha na graphia *fleugma* por *fleuma*).

EXCURSO III

Vendo os erros numerosos que desfigurão as edições das obras de Christóvão Falcão pareceu-nos que fariamos serviço a futuros editores, se, norteando-nos pelo proemio dos *Adversaria crítica* de Madvig, apresentassemos aqui uma classificação, acompanhada de exemplos, dos erros committidos por aquelles que dos nossos livros e documentos, manuscritos ou impressos, tem tirado novas cópias.

I

Uma parte dos erros de que fallamos é devida a confundirem-se letras semelhantes ou palavras que na escrita pouco diferem. Tem-se, por exemplo, confundido entre si:

c e *t* (1). No *Elucidario* vem: *coleiça* por *coleita*—colheita, *colheiceiro* por *colheiteiro*, *peccavi* (em “peccar”) por *pectavi*, e, como acertadamente conjecturou João Pedro Ribeiro, *finc* por *finto*, *marnoceiro* por *marnoteiro*. No *Espelho de casados*: *sem me estudar com este Broquel* por *sem me escudar* etc. (erro conservado na 2.^a edição, f. 1); no *Elucidario*, como conjecturou J. P. Ribeiro: *estanho* por *es-canho*, *estoupero* por *escoupero*.

c e *e*. No *Memorial das proezas da segunda Tavola Redonda*, cap. 48 (f. 236 v. da 1.^a edição) vem: *As Orcadas choram em cabelo* por *As Oréadas choram em cabelo*. (Este erro conservou-o na sua edição o sr. Manoel Bernardes Branco sem attentar em que fica o verso com uma syllaba de menos e sem um dos accentos obrigatorios). No *Elucidario*: *jazeo* por *jazco*.

i e *t*. Na 2.^a edição do *Espelho de casados*, f. 23 v., lê-se: *ho que lança desta boa molher*: *lança* todo bem por *ho* que *lança* de *si* a *boa molher* etc., como está na 1.^a edição (f. 31).

i e *r* (em uma das suas fórmulas gothicas). No *Elucidario*: *vigo*

(1) «Les paléographes savent combien est facile la confusion du *c* et du *t* dans les textes du moyen âge» (Romania).

por *ergo*. No Cancioneiro da Vaticana, etc.: *moirer* (fórmula que não existe) por *morrer*.

i e e. Em uma das poesias anonymas attribuidas pelo dr. Th. Braga a Christovão Falcão: *esperança atee que tinha por esperança atee qui* (=até aqui) tinha.

e e a. No *Elucidario*: *bragel* por *bragal*. No *Espelho de casados*: *fazera e fazer* por *fezera e fezer* (erros conservados na 2.^a edição, f. 2 e 5 v.).

o e a. No *Elucidario*: *breviorio* por *breviario*, *fronga* por *frança*.

o e e. No *Elucidario*: *compoondor* por *compoendor=compôedor*, *consolar* por *conselar=conselhar*.

u e n. No *Elucidario*: *afruiteuegar* por *afruitevegar* (=afruitevegar), *bandouñas* por *bandouuas* (=bandouvas), *estornar* por *estruar* (=estorvar).

ui e in. No *Elucidario*: *antreluiado* por *antrelinado=antrelado* (*antreliar* significava «pôr entrelinhas»).

ui e m. No *Elucidario*: *auidas* (escrito, como de costume, *avidas*) por *amdas=andas*.

m e in. Na *Historia Trágico-Marítima* (I 258): *Comaca* por *Cornáca*.

r e z. No *Elucidario*: *tortозes* por *tortores* (=latim *turtures*).

d e h. Na *Historia Trágico-Marítima*: *de uma fermozissima quadra por he huma etc.*

d e l. Nos *Colloquios* de Orta: *a proua mais certa he queimado com hū candea* por *a proua mais certa é queimá-lo* etc. (erro conservado na 2.^a edição). No *Espelho de casados*: *toadhas* por *todadas*. (Na 2.^a edição escreveu-se *todahas* emendando-se unicamente o erro da transposição do *a*).

Agora exemplos de confusão de palavras que se escrevem com pouca diferença, confusão que se dá facilmente com palavras menos vulgares.

Na estancia 23 da ecloga *Chrisfal* traz a edição sem data ainda por *ajulá*. (É que certamente no original a palavra estava escrita com menos exactidão e clareza, havendo *i* por *j*, estando pouco visivel o til e confundindo-se o *u* com um *n*).

Na *Historia Trágico-Marítima* (I pag. 255) lê-se: *vi, oh Padre, a primeira vez* em lugar de *vio hū padre a primeira vez*; e (I 454): *arrayadas por azagayadas*.

Em um trecho do *Memorial das proezas* (cap. 27), que é imitação e, em parte, tradução do IV livro da *Eneida*, correspondendo ao latim *soltis hic inflexit sensus, animunque labantem | impulit; agnosco veteris vestigia flammæ*, está: *Este sooo me dobrrou em parte os sentidos, e como ceyo a vontade a algúna affeyçam. Conheço e finto em mim hū resto da antigua chuma que me abrasa em vez de—e como revo* (=commoveu) *a vontade etc.* (Também por este erro não deu o sr. M. B. Branco).

No *Elucidario*: *a sua geira por á e sogreira* (na palavra *apeiro*).

O *Espelho de casados* traz (f. 44 v.) *o que difimula ha* (=a) *injuría calidíssimo* (isto é, *calidíssimo*=lat. *callidissimus* «muito esperto») *ha*. Na 2.^a edição (f. 43 v.) escreveu-se: *—caladíssimo ha*.

Na mesma obra lê-se: *e em final o fez* [Deus ao homem] *ale-vantado pera o Ceo e todalas outras creaturas prontas pera a terra* em lugar de *—pronas pera a terra*. (Este erro conservou-se na 2.^a edição). João de Barros tinha na mente o conhecido lugar de Ovídio: *Pronaque cum spectent animalia ceteru terram | os homini su-*

blime dedit, caelumque tueri | jussit et. erectos ad sidera tollere vultus. (1)

II

Outros erros provêm de se separarem ou juntarem inexatamente as letras.

No *Espelho de casados* imprimiu-se tanto na primeira edição (f. 10 v.) como na segunda (f. 7): *Por ellas [mulheres] se disse. Ar-mado diabo* em vez de *Por ellas se disse. Arma do diabo.* (*Por ellas* equivale a «com referencia a elles». Em lugar do ponto que está depois de «disse», a orthographia moderna empregaria dois pontos). Na mesma obra estando escrito (f. 19): *fendo de hydade de. L. anos* (=de cincuenta annos), os modernos editores lêrão *fendo de hydade de Lanos*.

Em um compendio escolar, transcrevendo-se uma carta de Affonso de Albuquerque (a XV 17, 33 da Torre do Tombo), imprimiu-se: *pera segurar de la India* em vez de *pera segurarde-la India* (=para segurardes a India).

Na sua edição das *Obras de Christóvão Falcão*, em uma das poesias que atribue a este escritor, o dr. Th. Braga escreveu (pag. 19, column 2.^a): *A vida vós a matais | pois a nam deixais vivir, | assi que nam peço mais | que deixar de lá morrer em lugar de-deixarde-la morrer* (2).

Na edição de Birckman da ecloga de Christóvão Falcão, na estancia 42 está *canto de ledino por canto dele* (=d'elle) *dino*. E' certamente o exemplo mais notavel, por isso que tal erro deu lugar a que o dr. Th. Braga, não suspeitando inexactidão na escritura do texto, acreditasse que a nossa literatura possuia uns *cantos de ledino*, que nunca existirão senão na fantasia d'este professor.

Certas particularidades orthographicas, taes como deixar de estar indicada a elisão e a crase das vogaes, tem sido causa de erros d'esta especie. Aqui vão alguns exemplos.

Estando na primeira edição dos *Colloquios* de Orta: *e não ha de ficuar com area* (=com' aréa=como aréa) senão com (=com') *hña* *farinha muito delgada*, o sr. conde de Ficalho escreveu na sua edição (pag. 86) e não ha de ficuar com aréa se não com huma farinha muito delgada. Na primeira edição está: *que fruta he aquella que*

(1) E' bem de ver que taes alterações podem ás vezes ser intencionaes, pertencendo então a uma categoria de que adiante trataremos.

(2) O que originou o erro do dr. Th. Braga foi trazer o volume de Birckman na primeira parte da cantiga: *Senhora pois nam deixais | a minha vida viver | ja agora nam peço mais | que deixar de laa morrer*, onde está erradamente *laa* (com o a repetido) em vez de *la*, sendo que a lição correcta é—*deixarde-la morrer*.

esta parando (=está parando =está aparando) *aquelle moça*, o sr. conde escreveu — *está parando aquella moça*, como se o verbo fosse «parar»⁽¹⁾.

Estando na primeira edição dos *Autos de Chiado*: *oulhar casí* (=c'asi=qu'assi=que assim) *enfeitiça*, o sr. A. Pimentel imprimiu na sua edição (pag. 35) *Olhar quasi enfeitiça*.

Viterbo supôs haver a palavra *lementação* (=alimentação) lendo em um documento do século XV *pera sua lementação*, quando deveria ler *pera suálementação* (=sua alementação).

III

E' frequentissimo porem-se uma só vez letras ou syllabas que deverião estar duas vezes (em particular *r* por *rr*, *s* por *ss*, *m* por *mm*, *u* por *uu==uv*), e, ao revés, repetir-se o que uma só vez se deveria pôr.

São exemplos: *estranya por e estranya* no 7.^o verso da estan-cia 85 da ecloga de Christóvão Falcão na edição sem data; *quente sequa no segundo grao por quente e sequa* — no colloquio XIII de Orta (erro conservado na nova edição, pag. 148); *meamente por meamente* no colloquio XII (erro conservado na nova edição, pag. 155); *que mo sóo pode ter dado por quem m'o* — em uma poesia do volume de Birekman (erro conservado pelo dr. Th. Braga a pag. 29 da sua edição das *Obras de Christóvão Falcão*).

Na *Pratica dos Compadres* de Chiado está o verso que *esta pera pera pendurar*, onde, segundo a metrica evidenceia, foi repetida a preposição *pera*, devendo pois ler-se *que está pera pendurar*⁽²⁾. No *Espelho de casados* está *ser door sobre toadhas* (erro que já notamos, por *todalas*) *as doores por ser door sobre todalas doores* (erro conservado na segunda edição, f. 9 v.).

(1) Outrosim *que a leuauão a Ormuz e a Arabia vender* equiva a — *e á Arabiâ vender* (=e á Arabia a vender) e não a — *e á Arabia vender*, como escreveu o sr. conde (pag. 202).

De igual modo no *Espelho de casados* estando na primeira edição: na f. 1 v. *indo Crato studar Athenas*, na f. 4 v. *veo adoccer*, na f. 9 *he obrigada tornar*; na segunda edição devia ter-se escrito respectivamente *indo Crato studar Athenas* (=a Athenas), *veo à docer* (=veo a adoecer; logo adiante encontra-se: *veo a descobrir*), *he obrigadà* (=obrigada a) *tornar*, e não *indo Crato studar Athenas*, *veo adoccer* (f. 3), *he obrigadà tornar* (f. 5 v.). Mas, estando na primeira edição *contra Grecia* (=contra Grecia=contra a Grecia), na segunda escreveu-se *contra a Grecia*.

(2) O sr. A. Pimentel escreveu na sua edição das obras d'este poeta (pag. 111) *que está pêra para pendurar*.

IV

Outros erros consistem em omittirem-se, por desattenção: a) palavras avulsas, linhas, estancias; b) letras ou syllabas; c) diacriticos (a cedilha, o til, etc.).

Do primeiro caso offerece exemplos a ecloga de Christóvão Falcão, em que falta um verso na edição do dr. Th. Braga na estancia 60, e uma estancia (a 88) na edição de Birckman.

No colleqio XV de Orta está *curam* por *curauam*, erro que não foi emendado na nova edição.

Muitos dos vocabulos inseridos no *Elucidario* não passão de graphias inexactas devidas á omissão de diacriticos; taes são Agostio por *Agostio*⁽¹⁾, Martio por *Martão*, vizio por *vizio*, vio por *vio* (=vinho), via por *vía* (=vinha), Eidaya por *Eidāya* (=Aegitania), estraya por *estráya*, soffragaya por *soffragāya* (=suffraganea), viutes por *viñtes* (=venientes), luairo por *luairo*, boas por *bōas* (isto é, bens), demoes por *démões* (=daemones), dulcidez por *dulcidōr* (=dulcitudo), bravidoe por *bravidōe*, chaamente por *chāamente*, cabrua por *cabrūa*, avidor por *avindor*, dieiro por *dīeiro* (=denarius), escusaça por *escu-sâça*, sipes por *síples*; copegar por *copegar* (isto é, coxear), encurar por *ençarrar*.

Na *Historia Tragico-Maritima* I 289 e 299 está *Lingao* por *Lingão*, nos *Colloquios* de Orta *queixaſe* por *queixāſe* (erro não emendado na nova edição, pag. 262) ⁽²⁾.

V

Tambem acontece repetir-se em uma linha uma palavra ou serie de palavras que está em outra parte symmetrica, e isto ou progressiva ou regressivamente, vindo ás vezes a palavra repetida ocupar o lugar da que ahi deveria estar.

Na ecloga de Christóvão Falcão a edição sem data repetiu na estancia 75 a palavra *assim* do verso 8.^o no verso 9.^o Na carta do mesmo poeta a edição de Birckman repetiu no verso 34 a primeira

(1) As fórmas em-*inho* são posteriores ás em *io* e provêm d'estas. Algumas palavras perderão o *o* final, vindo assim a acabar em-*im*, por exemplo *Castro-Marim*, *ura espim* (como *tom*, *som*, de *tôo*, *sôo*).

(2) No lugar de Sá de Miranda *eu sou que devera ir* (pag. 463) pareco-me que a escritura original era *quê*. Os antigos diziam *eu sou o que ou eu sou quem* e não *eu sou que*.

palavra (*que*) do verso precedente, e no meio do verso 14 a palavra *jua* do princípio do mesmo verso. Em uma das poesias atribuídas a Christóvão Falcão pelo dr. Th. Braga lê-se (pag. 25) *e pois em minha alma estais | nam d'is que falar á gente; yndia que nam estjais ausente | sempre cos vejo em mim*, devendo sem a menor dúvida escrever-se no terceiro verso *yndia que estjais ausente*. Em outra das mesmas poesias lê-se (pag. 24): *Estillo da natureza | he prazer vir de passado, e o prazer | a tristeza | fazer commosco morada*, devendo indubitavelmente escrever-se no terceiro verso *e o pesar e a tristeza*.

No verso errado da ecloga 7.^a de Bernardes: *Não posso já mais cantar e estou já rouco* vemos nós um caso de repetição regressiva, havendo, pois, de ler-se *Não posso mais cantar e estou já rouco*. (A correção proposta pela sr.^a D. Carolina Michaelis na sua edição de Sá de Miranda: *Não já mais cantar posso e estou já rouco* parece-nos -salvo o respeito devido a tão erudita e talentosa romântica- que dá à frase uma construção que nada tem de corrente).

VI

A's vezes aparecem as syllabas escritas conformemente a uma pronúncia errada devida á influencia de um som proximo ou por transposição mutua dos sons.

Quando se pronuncia erradamente por influencia de um som proximo, podem darse dois casos: ou haver dissimilação, quer dizer, fugir-se á repetição do mesmo som, modificando-o ou suprimindo-o uma das vezes, por exemplo, *guardades* por *guardardes* no *Cancioneiro de Resende* I 69, 15; ou haver repetição (ou por prolepsis phonética ou por influencia progressiva), nasalando, por exemplo, uma vogal por haver perto outra vogal nasal, v. g. *provincando* por *provicando* (=publicando) no mesmo Cancioneiro.

Exemplo de transposição mutua de sons é no *Elucidario: censo* por *senço* (=silencium). Exemplo notável de transposição mutua de sons acompanhada de transposição mutua de grão é a que se encontra no *Elucidario* em *chagon* por *cajon* (=occaſião), sendo que houve troca mutua de lugar entre a palatal e a guttural, passando ao mesmo tempo a guttural surda (*c*) para sonora (*g*) e a palatal sonora (*j*) para surda (*ch*).

VII

Tambem acontece haver transposição simples ou mutua, de letras ou palavras, por exemplo, no *Elucidario: jugal* por *jqual*, no *Cancioneiro de Resende* (I 147, 3): *nom scor* por *monsor*, como Kausler acertadamente conjecturou.

VIII

Outras alterações consistem em inserir no texto notas marginaes, interlineares ou encerradas no texto entre parentheses, ou rubrícias, ou, vice-versa em não dar pela existencia de lacunas.

Estando em um auto de Prestes:

onde ey de ir, cō as quartas feiras
tendes—,

isto é:

onde ey de ir?

Con[FIADO]	ás quartas feiras
	tendes—,

o sr. T. de Noronha escreveu a pag. 246 da sua edição dos *Autos*:

onde hei de ir com as quartas feiras?

CONFIADO Tendes—.

Na edição das *Obras de Chiado* feita pelo sr. A. Pimentel vem a pag. 193 umas trovas extrahidas de um volume manuscrito da Bibliotheca de Evora. A ultima estancia é:

Quem a si mesmo engana,
se sois acabado feito
ficais um perfeito macho;
vós que sois o principal,
usareis do natural.

Não se pode atinar com a ligação das ideias d'esta estancia. E' que o verso *Quem a si mesmo engana* é a ultima linha da folha 409, e *se sois acabado feito* é a primeira linha da folha 411, sendo que falta no volume a folha 410.

IX

Até aqui fallámos dos erros commettidos inconscientemente; não é raro porém o alterar-se o texto scientemente, e isto:

a) por insufficiente conhecimento: 1) das siglas e abreviaturas, 2) da grammatica antiga (phonologia, morphologia e syntaxe), 3) do vocabulario antigo, 4) da metrica antiga. 5) da Geographia, Mythologia etc.;

- b) por mera inintelligencia do texto;
- c) para accommodar a uma lição errada ou mal interpretada a sequencia do texto;
- d) por escrupulos religiosos, etc.;
- e) para corrigir inexactidões, reaes ou supostas.

Daremos exemplos de todas estas especies.

a. Estando em um auto de Chiado, na edição original: *moher d(cortado) r(cortado)oruz* (isto é: mulher de Pero Vaz) o sr. A. Pimentel escreveu na sua edição (p. 81): *mulher do povo*.

Na primeira edição do *Espelho de casados* está: *hum proverbio que começ̄ feminia nihil pestilenti* (=pestilentius); na segunda edição escreverão (f. 12 v.)—*pestilenta*.

Na sua edição dos *Colloquios* de Orta o sr. conde de Ficalho, sem fazer a respectiva advertencia, substituiu:

propyo, propia, apropiada (pronunciação corrente ainda entre o povo, na qual há a dissimilação que se vê em *proa=prora*) por *propryo* (pag. 211), *propriet* (p. 76, 104, 106), *apropiada* (p. 146); *no mais* (=nô-mais) por *n̄o mais* (p. 80); *confīes* por *confines* (p. 153), *diamantis* (=diamantes) por *diamans* (p. 216); *stamagu* por *estomagu* (p. 213); *Gironimo* por *Geronimo* (p. 261, 263), *aljabeira* (no *Cancionero* de Rende III 279, 23 *aljiveira*) por *aljibeira* (p. 344); *treladom* por *traduções* (p. 213); *clame* por *volume* (p. 237); *vãas* por *vans* (p. 125), *lña* (no livro, por erro typographicico, sem til) por *lã* (p. 237), *bôos* por *bons* (p. 242, 290, 365);

introduze (no português antigo os verbos em—uzir erão regulares) por *introduz* (p. 19); *est̄e* (isto é, *estē=stet*) por *esteja* (p. 278), *est̄e* (=stant) por *estam*; *pon-lhe* (como já notámos *pon* é fórmula antiga apocopada) por *põe-lhe* (p. 35); *sinte* por *sente* (p. 153); *vem* por *ven* (p. 260, 307); *rim* (é a fórmula do verbo *rir* usual ate, pelo menos, os fins do século XVII) por *riem* (p. 295); *prouocallo* (=pro-vocal-lo) *menstruo* por *procurar o m.* (p. 196); *tomula canafistola* por *tomar a c.* (p. 197), *colelo crano* por *colher o c.* (p. 363); *vintaquatro* (cf. *vintatres*, *Cancionero* de Rende III 175, 1) por *vinte e quatro* (p. 295); *a sprma* (cf. *a plantu*, *Cancionero* de Rende III 252, 4; *a diadema*, ibid. 124, 9) por *o sperma*;

ho (=o) *hum* (como em francês *l'un*) por *hum* (p. 48); *sor a dizer* por *sor dizer* (p. 254); *cheirā as* (=ás) *cibolas podres* (é como ainda se diz em parte de Portugal) por *cheiram a-* (p. 298); *ate* (=até) *a presente* (no português classico diz-se até e não até a) por *até ao presente* (p. 202), *ate o anno* por *ate ao anno* (p. 205); *the pufemos nome coquo* por *the pusemos o nome coquo* (p. 234). A frase portuguesa é como vem em Orta, cf. o proverbio «Quem o seu cão quer matar, raiva lhe põe nome» e «Ja que á bruta crueza e feride | Pofeite nome esforço e valentia». *Lus.* IV, 99; igualmente em italiano «Colui che pose nome piccol mondo | All'huomo, hebbe d'ingegno un ricco dono» *Orl. inn.* II 18).

Estando, na edição Eborense, na ecloga III de B. Ribeiro: *Era parce-me (=p'rece-me) ordenado*, os srs. Xavier da Cunha e A. de Carvalho, seguindo edições posteriores ao século XVI, escreverão (pag. 65 dos «Versos de B. Ribeiro»): *Era, parece, ordenado*.

A folhas 21 v. dos *Colloquios* escreve Orta: *vſão* (=usão) *della per si ſoo acerca dos Indios* (isto é, entre os Indios, *apud Indes*), *e he boa pera o estomago, e pera que não fae bem* (isto é: para

quem tem prisão de ventre; nesta accepção de «evacuar» ocorre o verbo *sair* no colloquio XVI e XVII e no *Cancionero* de Rêsende II 121, 4) e *pera gastar a vêntosidade*. O sr. conde de Ficalho corrompe um texto clarissimo pondo na boca do nosso medico estes desconcertos: *usão della per si só. A cerca dos Indios he boa pera o estomago, e pera que não sae bem he pera gastar a ventosidade.* (p. 81), e diz em nota: Parece que acima onde diz «pera que não sae bem» se deve ler «pera que sae bem».

No *Espelho de casados* está: (o homem) *pello casamento se êlheou* (eulhear-se=alienar-se) e *se fez da mulher*; os editores modernos escrevêm (f. 5): *pello casamento se entregou e-*

Nos *Colloquios* de Orta o sr. conde de Ficalho substituiu por *natural da Apulia* a lição original *natural da Puglia* é ainda hoje o nome italiano d'aquelle província do antigo reino de Napolis).

b. Na edição original do *Espelho de casados* lê-se: *muitas coufus yrão dentro ynsertas* (-inseridas); na segunda edição escrevêm (f. 4): *-dentro e yncertas*. Também naquelle edição está: *os que naugam desde que faõ a Porto* (isto é, desde que aportão) *contum-o que lhes acontece no mar*; na segunda edição escrevêm (f. 2) — *saem o Porto*.

c. No verso: *e pois ajudã meu choro da estancia* 23 da ecloga de Christóvão Falcão, a edição sem data lendo *ainda* em vez de *ajudam* substituiu para haver coherencia syntactica *meu choro* por *que chôro*.

Nos versos: *Vendo então que me forcava o prazer fazer demora* da estancia 71 da mesma ecloga, a edição de 1619. inserindo a preposição *a* antes de *fazer*, por desconhecer a syntaxe antiga, substituiu, para o verso ficar certo, *prazer por gosto*.

d. A edição de Birckman substituiu na ecloga de Christóvão Falcão *Dios* por *dila* na estancia 99, e por *fortuna* no verso 27 da carta.

e. Na sua edição do *Espelho de casados* escrevêm os srs. T. de Noronha e visconde de Azevedo: *e querendo-o trazer a lume: temia eu os detratores* (f. 2), quando na edição original está: — *temia os detratores*.

Estando na edição original: *outro nã foy ou* (erro, por *o*) *seu fim* (f. 17 v.), os mesmos senhores escrevêm: *outro nam foy outro seu fim* (f. 12 v.)

Também, achando-se na primeira edição (f. 5 v.): *Trax Rey dos Bisaltos*, imprimião (como de costume, sem dizerem qual a lição da edição original), *Trar (sic) Rey dos Bisantinos*. Certamente *Bisaltos* é devido a má leitura; mas a correção *Bisantinos* é inaceitável pela simples razão de não existir tal palavra. João de Barros conta um facto que vem em Herodoto VIII 116 (1); assim que ha-de ler-se *Bisaltas*. (2)

(1) João de Barros, quo sem duvida se serviu de uma versão latina do historiador Grego, tomou, por equívoco, o adjetivo patrio *Thrax* (=Thracio) por o nome proprio do rei.

(2) Muitos outros exemplos de erros de todas as categorias

Fecharemos este excuso com uma observação.

O conhecimento das graphias originaes é util, e quando um texto é duvidoso, indispensavel. Assim, no *Cancioneiro de Rêsende* II 381, 7 Kausler escreveu *meos-ssepultados*. Na edição original está *meos/pultulos*, conseguintemente Kausler devia escrever *meos-sepultados* (o que é mais um exemplo de uma construcção cuja legitimidade foi, há pouco, nesciamente impugnada). Na sua edição dos *Autos de Prestes* escreveu o sr. T. de Noronha *ido traz* (o que não faz sentido algum); na edição original está *ido tras*, o que leva imediatamente à correção *idolatras*. Na segunda edição dos *Colloquios* de Orta lê-se a pag. 104 *he o melhor que todos*. Sabendo-se que na edição original está: *he o melhor à todos*, reconher-se-ha que houve troca da abreviatura de *de* pela de *que*, e ler-se-ha: *he o melhor de todos*, como exige a grammatica.

de que temos fallado, vânnotados nos artigos que publicâmos na *Zeitschrift de Gröber* (em allemão) sobre a edição do *Cancioneiro da Vaticana* pelo dr. Th. Braga, das *Obras de Chiado* pelo sr. A. Pimentel, e sobre o *Cancioneiro de Rêsende*, e na *Revista Lusitana* sobre a edição dos *Autos de Prestes* pelo sr. Tito de Noronha, e dos *Versos* de B. Ribeiro pelos srs. Xavier da Cunha e A. de Carvalho.

QUADRO GENEALOGICO (segundo as melhores autoridades)

		João Falcão D. Catharina de Abreu			
		João Falcão D. Branca de Sousa	Alvaro de Abreu		
Fernão Falcão D. Violante de Beja		Gonçalo Falcão D. Margarida da Cunha		João de Sousa Falcão D. Mecia de Almada	D. Leonor de Sousa Alvaro de Moura
D. Filippa P. Vaz de Siqueira	D... de Sousa Nuno Vaz do Carvalhal	outras que fôrão freiras		D. Maria de Sousa	D. Maria de Sousa Pero Gomes da Silva
Christóvão Falcão D. Isabel de Albuquerque, D. Violante		João Falcão D. Cecilia de Mendoça	Sancho de Sousa Falcão uma filha que morreu moça		
Martim Falcão	Gonçalo Falcão	Ayres Falcão	D. Brites	Luis Falcão	Gonçalo Falcão
			D. Branca	D. Maria de Mendoça	
			D. Anna Peres	Marquês de Astorga	
		Ayres Falcão D. Maria Borges		Gonçalo Falcão	
Pero de Sousa Falcão D. Catharina	João Vaz de Almada Falcão D. Brites Pereira	João Falcão	Luis Falcão	Gonçalo Falcão	D. Luisa D. Jorge de Castello Branco
D. Francisca Francisco d'Almada					
Christovão de Sousa Falcão		Damião de Sousa Falcão D. Jeronima Coutinho		Barnabé de Sousa Falcão D. Brites	
Christovão Falcão de Sousa D. Maria de Castro					D. Brites (ou Braçada) de Sousa Antonio Vaz Mergulhão
		D. Maria de Castro			
		Christovão Falcão de Sousa			
João de Sousa D. Maria da Silva	Antonio de Sousa Falcão	D. Jeronima			

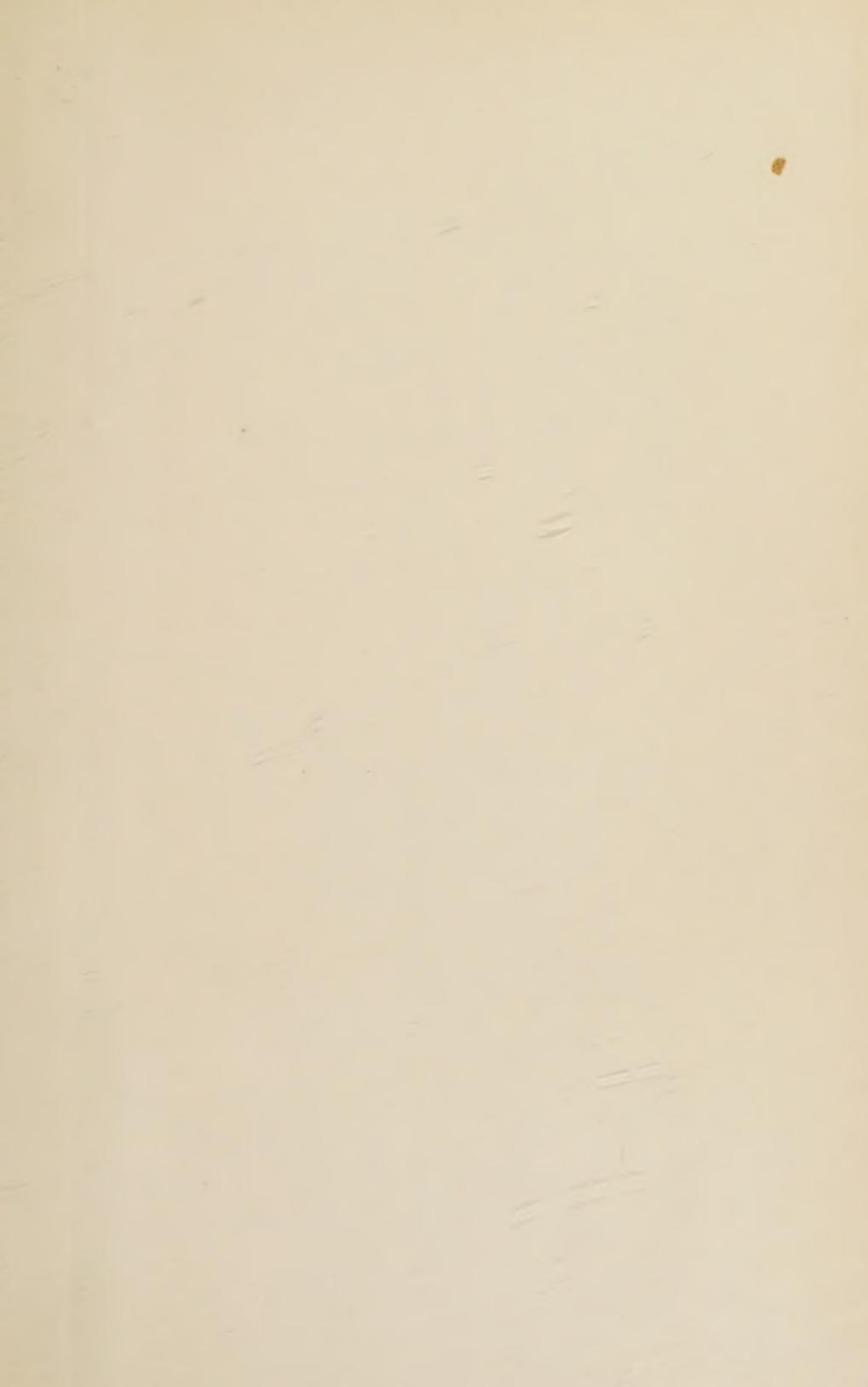
ERRATAS

Na Introdução: pag. 8, linha 30 das notas, está: de Couto, por: do Couto.

No texto: pag. 32, l. 9, está: Deixou-me, por: deixou-me; p. 43, l. 10, falta um ponto final no fim do verso; p. 74, l. 1, está: n'este, por: neste; ibd., l. 6: não me, por: me não; p. 81, l. 4: e quem, por: que em. Demais em varios lugares está escrito «s» em vez de «f» (o primeiro é na pag. 23, l. 7: saudade, por: faudade).

Nas variantes: pag. 32, l. 5, está: leyxon, por: leyxou; p. 44, l. 3: assuruiaua, por: affruiaua; p. 46, l. 4, depois de: S o., falta: D no.; p. 47, l. 1, depois de: door, falta: 6 F desimulada.; p. 50, l. 6, depois de: nueis., falta: T nuvens.; p. 53, l. 5, está: FD, por: BD; p. 67, l. ultima: FA, por: SA; p. 69, l. 8: B, por: F; p. 71, l. 6: F, por: FA; ibd.: D assim, por: C assim; p. 74, l. 9, depois de: as, falta: E como; p. 77, l. 7, depois de: não cre, falta: 9 B door. T dôr. 9 B cree; T crê.; p. 78, l. 4, depois de: D e., falta: B agradefcida; p. 81, l. 7, depois de: auer., falta: B de. T da: ibd., depois de: reposta, falta: B refposta.

Nas notas: pag. 22, columna 2, l. 3 do fim, está: E, por: E'; p. 36, col. 2, l. 2 do fim: 5.^o, por: 6.^o; ibd., l. 1 do fim: 6.^o, por: 7.^o; p. 40, col. 2, l. 22: vejo, por: veo; p. 45, col. 2, l. 13: 4.^o, por: 5.^o; p. 50, col. 1, l. 1: 5, por: 6; p. 52, col. 1, l. 8: D, por: C; p. 61, col. 1, l. 9: 7, por: 9.





893

PQ 9231

F2

DE

CHRISTOVAO

FALCAO

FALCAO

C*OBRAS

DE

CHRISTOVAO

FALCAO

INSERT BOOK
MASTER CARD
FACE UP IN
FRONT SLOT
OF S.R. PUNCH

MASTER CARD

UNIVERSITY OF ARIZO
LIBRARY



6170

